Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 4 DE OUTUBRO DE 1973 N.º 18241 — ANO 53.º — PREÇO 1$50

5 DE OUTUBRO

Passa amanhã mais um aniversário do derrube do regime monárquico em Portugal. A insurreição armada que então implantou a República foi obra de um punhado de homens esclarecidos que, acompanhados pelo povo, lançaram um movimento por uma vida melhor e com mais liberdade para o povo português. Foi uma luta difícil que demorou anos. Nela pereceram alguns dos melhores portugueses de então — Almirante Reis, Miguel Bombarda, são apenas os mais conhecidos. Falar dos heróis da Rotunda pode hoje, 63 anos depois, parecer um pouco deslocado. Mas eles foram homens que souberam levar as suas convicções, o seu desejo de liberdade, até às últimas consequências. Proscritos na madrugada de 5 de Outubro de 1910, eles são hoje homens e exemplos por todos lembrados com respeito. Por isso, cerimónias comemorando tão importante e significativa data para a história moderna de Portugal vão realizar-se hoje e amanhã, um pouco por todo o País.

RUI PATRÍCIO NA ONU

AS "ÁREAS LIBERTADAS" SÃO UMA FICÇÃO NA GUINÉ

Há vítimas inocentes e destruições inúteis na África portuguesa? Certamente. Mas quem são os responsáveis? Não são apenas os que perturbam directamente a paz, cometendo as agressões de que são vítimas e se defendem as populações portuguesas. São também os que os apoiam, às vezes com o pretesto falacioso de auxílio humanitário — afirmou o ministro português dos Negócios Estrangeiros, ao discursar ontem longamente na Assembleia-Geral da O.N.U. Logo a seguir, afirmou o dr. Rui Patrício, na sua única referência à recente declaração de independência das «áreas libertadas» da Guiné por parte do P.A.I.G.C.:

«Auxílio humanitário»? **Eis uma ficção semelhante à das alegadas áreas libertadas com que se pretende justificar aquele auxílio. Onde estão as áreas libertadas pelos movimentos terroristas, cuja inexistência os órgãos da ONU continuam a recear ter de reconhecer, recusando insistentes convites feitos pelo Governo português com vista ao esclarecimento das realidades? Só podem estar localizadas onde se encontram também as sedes e as bases daqueles movimentos, isto é, em territórios vizinhos. Existem então áreas dos territórios da República da Guiné ou do Senegal, do Congo-Brazzaville, do Zaire, da Zâmbia e da Tanzânia libertadas do controlo das autoridades destes países? Este é um problema que respeita aos governos daqueles Estados mas cuja solução em nada altera a ilegitimidade da actuação dos movimentos e a do auxílio que recebem. Mas como se pode conceber que organismos internacionais e governos responsáveis baseiem a sua conduta em ficções e fantasias? E passaremos agora a ter de acrescentar, à terminologia das ficções em voga, um novo sentido da expressão I.D.I.? Quantas declarações imaginárias de independência se vão seguir por todos os continentes, a frutificar o exemplo dos terroristas instalados em Conakry? O chamado PAIGC tem a sua sede na República da Guiné Conakry. Aí se encontra estabelecida a sua organização e residem os seus dirigentes e quadros. Se exerce algum controlo sobre populações ou territórios, estão todos situados na República da Guiné ou em outros países que se consideram Estados soberanos e independentes. Deveremos supor que ocorreu há dias uma secessão da República da Guiné e que as actividades exercidas anteriormente em conjunto pelo Governo de Sekou Touré e pelo PAIGC foram partilhadas e distribuídas? Eis uma questão que o Governo de Conakry poderá ter interesse em esclarecer em relação aos Estados que com ele mantêm relações. A situação é irrelevante para Portugal e em nada atinge o território e as populações da província portuguesa da Guiné, sujeita em toda a sua extensão à soberania do Governo de Lisboa e ao controlo efectivo das autoridades portuguesas. Por isso, só o Governo português poderá continuar a assumir e exercer, em relação àquele território e populações,**

Continua na pag. 24

Companhia acusada de "manobras" no Peru

LIMA, 4 (R.) — O presidente Velasco Alvarado do Peru acusou ontem a companhia americana «Cerro Copper Corporation» de estar envolvida em manobras contra o Governo peruano. Falando à nação a propósito do aniversário da tomada do Poder pelo actual regime militar revolucionário, que segue uma política de independência em relação aos Estados Unidos, o presidente Alvarado acusou a companhia mineira americana de «intoleráveis manobras de provocação contra o Peru». O general Velasco Alvarado afirmou que a decisão de interromper as negociações com o Peru sobre a nacionalização da sua subsidiária «Cerro de Pasco» constitui uma tentativa para forçar o Governo peruano a tomar uma decisão precipitada. «Eles estão a tentar empurrar-nos para atitudes que poderiam ser depois exploradas internacionalmente, criando um clima hostil ao Peru e propício às acções subversivas das forças que se opõem ao processo revolucionário» — declarou o general.

36 PÁGINAS INCLUINDO SUPLEMENTO LITERÁRIO

A prisão de Corvalan provoca protestos

SANTIAGO DO CHILE, 4 (R) — O novo ministro chileno dos Negócios Estrangeiros, o almirante Ismael Huerta, segue hoje para Nova Iorque a fim de falar na Assembleia Geral da ONU para explicar à opinião pública internacional os motivos que levaram os militares a dar o golpe que derrubou o regime constitucional do presidente Allende.

Os observadores políticos pensam que Huerta poderá não ser bem acolhido na Assembleia Geral da ONU, onde ontem já se registaram enérgicos protestos contra o julgamento e provável execução de Luis Corvalan, o secretário-geral do Partido Comunista chileno.

Corvalan, que era um dos homens mais procurados pela junta militar e tinha a cabeça a prémio desde o golpe, foi capturado na passada sexta-feira quando se encontrava escondido num bairro de lata dos arredores de Santiago.

A junta anunciou ontem oficialmente que um tribunal militar está a proceder à instrução do processo contra Corvalan, que é acusado de traição, subversão, posse ilegal de armas e desvio de fundos do Estado.

Não se dabe exactamente quanto tempo poderá durar ainda a instrução do processo e o respectivo julgamento, mas se for considerado culpado pelo tribunal militar Corvalan será certamente condenado à morte e fuzilado.

Um informador governamental anunciou já que os chilenos têm à sua frente a perspectiva de um longo período de austeridade e dificuldades devido à situação caótica em que se encontra a economia chilena.

Os aumentos de salários prometidos pelo Governo de Allende e que deviam entrar em vigor este mês, foram adiados, apesar do custo de vida ter aumentado no Chile cerca de 300 por cento nos últimos doze meses.

Equipados a rigor, polícias colombianos enfrentam uma manifestação após iniciar-se uma greve dos motoristas dos autocarros à escala nacional (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Aviso árabe

A organização de guerrilhas palestiniana que levou a cabo a operação de Viena advertiu que atacará interesses russos em todo o mundo se a União Soviética deixar de conceder autorização a judeus russos para partirem para Israel — anuncia o diário de Beirute «An Nahar», que afirma ter recebido uma carta nesse sentido assinada pela organização «Águias da Revolução Palestiniana». (UPI-ANI).

EPIDEMIA EM ANGOLA DE FEBRE AFTOSA

LUANDA, 4 — (ANI) — Grassa a febre aftosa em diversas regiões de Angola — informa a direcção provincial dos Serviços de Veterinária.

As áreas dos concelhos de Luanda, Cacuaco, Viana; e postos administrativos da Barra do Dande, Caxito, Cabiri e Bom Jesus, os concelhos de Quela, Mucari e Xá-Muteba, os postos administrativos do Balundo, Lunge e Luvemba, Bela Vista, Chiumbo e Chinhama, Vila Nova, Vale do Queve, Sambo e Samboto, Nova Lisboa, Benfica e Chipipa; Vila Flor e Quipeio, Alto Hama, Cacoma, Longonjo e Lepi, Vila Verde e Cuima, Chinguar, Cutato, Cangote e Silva Porto foram declaradas infectadas por uma epidemia de febre aftosa.

Segundo aquela entidade, as referidas áreas ficam fechadas ao trânsito de animais das espécies bovina, arietina e suina, bem como de produtos e subprodutos, despojos, palhas, feno, e rações para animais susceptíveis de veicularem o agente causal.

Além de outras medidas tomadas, foi determinado que os animais atacados ou suspeitos devem ser submetidos a rigoroso sequestro, ficando em zonas onde não será permitida a entrada de qualquer pessoa que não tenha por incumbência a guarda, trato ou curativo dos animais.

Amanhã, 5 de Outubro, como em igual dia dos anos anteriores, encontram-se encerrados os nossos serviços, não se publicando, por esse motivo, o «Diário de Lisboa».

DL/GERAL

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O SEU FUTURO.
A CHAVE SÃO OS LIVROS.
NÃO CONTINUE FECHADO.
LEIA:

Colecção «Saber»
O SOCIALISMO 25$
Do Renascimento aos Nossos Dias
Claude Willard

Três livros da Colecção «Estudos e Documentos»
REPRODUÇÃO DAS ESPÉCIES
Formas de Comportamento Sexual
Desmond Morris
O mesmo autor de *O Macaco Nu* e *O Zoo Humano* 180$

O PERIGO AMERICANO 65$
O capitalismo americano em acção no mundo
Christian Goux
e Jean François Landeau

AKU-AKU 2ª edição 80$
O Segredo da Ilha de Páscoa
Thor Heyerdahl
O grande explorador dos mares

«Biblioteca dos Pais»
AUTORIDADE... MAS QUAL? 35$
Anne Sommermeyer e C. Duval

OBRAS EDITADAS POR
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
À venda em todas as livrarias ou, directamente, enviando-nos o seguinte cupão de encomenda:

Publicações Europa-América
Apartado 8 — Mem Martins

Enviem-me, contra reembolso, os seguintes livros assinalados com um ☒

☐ N.º 1073 — *O Socialismo — Do Renascimento* — 25$
☐ N.º 4079 — *Reprodução das Espécies* — 180$
☐ N.º 4080 — *O Perigo Americano* — 65$
☐ N.º 4036 — *Aku-Aku* — 80$
☐ N.º 40207 — *Autoridade... mas Qual?* — 35$

Nome: _____
Morada: _____
Profissão: _____

TERMINOU A VISITA DE RUI SANCHES AO NORTE

GOUVEIA — O ministro das Obras Públicas e Comunicações, terminou hoje, neste concelho, a visita de dois dias que o trouxe ao distrito da Guarda.

O eng. Rui Sanches, que chegou a Gouveia ao fim da manhã, esteve primeiramente em Celorico da Beira onde presidiu a uma sessão de trabalhos nos Paços do Concelho e visitou o castelo. Na reunião que se realizou no município, foram-lhe expostos os principais problemas da vila e das freguesias da região.

Após o almoço, já em Gouveia, efectuou-se nova sessão de trabalhos, durante a qual foram estudados assuntos relacionados com a construção de um mercado municipal, arruamentos, construção de um estádio, ampliação do cemitério, reparação de estradas municipais, etc.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Sebastião Araújo Alegria, Rua Machado dos Santos, 8 — MOITA

MILLER GUERRA
PROGRESSO NA LIBERDADE
2.ª edição actualizada
Uma reedição no momento próprio
MORÆS EDITORES

ATÉ 6 DE OUTUBRO
NO RESTAURANTE DO CASINO ÀS 23H E 30M.
GRUPO C - M/14 ANOS
GEORGIE FAME
A MAGIA E LEVITAÇÃO DE
MICHEL DE LA VEGA
O BALLET
DAYGO DANCERS
E O CONJUNTO DE
MARIO DE JESUS
COM A CANTORA INGLESA
JAY SOUTH
SALA DE MAQUINAS: Aberta a partir de 21 anos
SALA DE JOGOS: DIARIAMENTE DAS 17 ÀS 3 H.
PENINA Telefone (082) 2 2141
CASINOS DO ALGARVE

V. sabia que um só homem realizou todos estes grandes filmes ?

Mulherzinhas
David Copperfield
A Dama das Camélias
Casamento Escandaloso
À Meia Luz
A Mulher Que Nasceu Ontem
Nasceu Uma Estrela
As "Girls"
My Fair Lady

O seu nome é
GEORGE CUKOR
e o seu último filme
"VIAGENS COM A MINHA TIA"
escrito por
GRAHAM GREEN
e interpretado por
MAGGIE SMITH
Óscar da Academia

Um filme M G M
Distribuido por
FILMES CASTELLO LOPES

2ª semana IMPÉRIO
GRUPO D - 18 ANOS PANAVISION METROCOLOR

EXTERNATO GIL VICENTE
PREPARATÓRIO E LICEAL
AULAS MANHÃ, TARDE E NOITE
Ultimas inscrições
RUA GENERAL GARCIA ROSADO, 10, R/C. — TEL. 56 27 58

motor

ASSASSINADO PELOS COMPANHEIROS DO CIGANO QUE ATROPELARA

PORTO, 4 — No Hospital de Santo António continua internado em estado grave, o cigano Apolónio Barros Rossio que ontem á noite cerca das 21 horas, foi atropelado, perto do Toural, em Valadares (Gaia), por um automóvel conduzido por Carlos Alberto dos Santos Ribeiro Pinto, de 50 anos, casado reformado da Mabor e que residia na Rua de Pádua Correia, 391-1.º Dt.º naquele concelho. Este, ao tentar socorrer a vítima foi bárbaramente agredido á paulada e atingido por vários tiros de pistola disparados por ciganos companheiros do Apolónio Rossio e que, na altura com ele seguiam pela estrada.

Segundo uma testemunha ocular, que no momento também viajava no seu automóvel o cigano atropelado e que deu origem ao acidente ao atravessar inadvertidamente a rodovia, metendo-se no meio de dois veículos que circulavam em sentido oposto.

A G. N. R. de Valadares alertada so sucedido logo mandou ao local uma patrulha que tentou localizar os assassinos. Estes, contudo desapareceram, a coberto da noite, e esta manhã, ainda não tinham sido encontrados.

Entretanto, os elementos daquela corporação encontraram no local do acidente um carregador de pistola com cinco balas de calibre 6,35.

O corpo de Carlos Alberto Pinto foi esta manha removido da casa mortuária do Hospital de Santo António para o necrotério do I. M. L. a fim de ser autopsiado.

Posteriormente, as investigações serão cometidas á polícia Judiciária uma vez que se trata de um homicídio.

REVISÃO DA ORGÂNICA DOS C.T.T.

A revisão e actualização do actual diploma orgânico dos serviços dos correios, telégrafos e telefones do ultramar foi hoje publicada no Diário do Governo.

As alterações, destinadas a **«estabelecer uma estrutura orgânica que melhor se coadune com as circunstâncias presentes e permita o cabal cumprimento das complexas actividades que lhes estão atribuídas»**, justificam-se pelo facto — apontado no diploma — de ser ter **«verificado que, não obstante as várias providências legislativas parcelares que têm vindo a ser adoptadas, o actual diploma orgânico dos C.T.T.U. não satisfaz já as exigências impostas pelo desenvolvimento das necessidades de serviço público que lhes cumpre assegurar e pela rápida evolução dos meios técnicos ao seu dispôr»**.

O decreto entra em vigor, em Angola e Moçambique, em 1 de Janeiro de 1974, e nos restantes territórios em datas a designar por portaria.

PRÉMIO PROF. DOUTOR ROCHA PEREIRA

O sêcretário de Estado da Instrução e Cultura aprovou o regulamento do «Prémio Prof. Doutor Rocha Pereira», instituido na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e constituído pelo rendimento anual da importância de 50 contos, que para o efeito foi legada pela viúva àquela Faculdade.

O prémio será atribuído anualmente ao aluno mais classificado na cadeira de Clínica Médica.

Mal souberam que eramos dos jornais, as donas de casa rodearam-nos, queixando-se...

Manhãs de angústia

O mesmo de sempre: as pessoas chegam, olham o peixe, as verduras, a fruta, espapaçam as pupilas diante dos preços, sentem como que uma certa angústia, contam e recontam o dinheiro, abanam as cabeças desoladas.

— Isto está impossível, todos os dias as coisas sobem de preço, não sei onde vamos parar...

A reacção foi espontânea. Mal se aperceberam que éramos dos jornais, algumas donas de casa juntaram-se em grupo, rodeando-nos e fazendo as suas queixas. Como se nós — pobres de nós! — levássemos ali no bolso a mezinha que lhes curasse os males da bolsa, os males da vida. Bem que gostariamos, isso é verdade. De qualquer maneira, foram elas mesmas que nos apontaram os preços que se faziam na praça da Encarnação:

— **Olhe quanto custam as lulas...**

— **Eo carapau, já viram?**

Começámos a apontar: Faneca: 12$00, Sardina: a 9$90, 8$00, 12$00 e 7$90; (Não conseguimos entender ainda esta disparidade de preços numa mesma praça e do mesmo produto sem uma diferença de qualidade visível). Lulas: 30$00; Tainha: 7$90; Chaputa: 16$90; Chicharro: a 10$90 e a 9$90; Carapau médio, a 18$90; Carapau grande: 32$00; mais Lulas a 44$00; Pargo: 40$00; Goraz: 38$00; Cação: 14$60; Boga: a 17$90.

Na fruta, os preços praticados eram os seguintes: Uvas: 11$00, 10$40 e 10$00; Peras: 7$50; Peros (grandes): 8$00 e 6$50; Peros (pequenos): 6$00; Maçãs: 7$50; Laranjas: 13 e 11$00; Bananas: 9$00; Marmelos: 5$00.

Nas verduras: Feijão de vagens: 13$00, verde: 11$50; Pimentos: 4$50; Tomates: 6$50; Couve lombarda: 9$00; Couve portuguesa: 3$50; Abóbora menina: 4$00; Alface (pequenas e meladas): 1$00; Nabiças: 11$60 o molho.

Os ovos mantinham os preços habituais: 18$50, 18$00 e 19$00, conforme o tipo. O frango estava a 36$80 o quilo. Este pormenor, só por si, não tranquilizava as donas de casa que, em torno das bancas do peixe (sobretudo do peixe), choravam a sua impotência:

— **Que vou eu dar de comer à minha gente? Chicharro? Então só os ricos é que têm direito a comer lulas ou carapau ou pargo? Eu não percebo nada disto, mas então que não nos prometam todos os dias que os preços não sobem.**

Olhamos a mulher que assim desabafava: meia-idade gasta pela vida, pelas ralações, por este dia-a-dia cada vez menos fácil no simples gesto de ir às compras.

— **Onde vamos parar?**

Isso ninguém sabe. Mas a preocupação daquela mulher era legítima, se pensarmos que com seis bocas em casa ela não pode despender para comer mais de 110$00 diários **e nem sempre**, segundo nos confessou. Quer dizer: as manhãs de praça tornaram-se manhãs de angústia.

FESTAS DE MOURA

Farturas, vinho e carne assada para os visitantes

MOURA, 4 — Começam amanhã, nesta localidade, os tradicionais festejos em honra de N. S.ª do Carmo. À noite serão inauguradas as ornamentações das ruas e haverá concertos musicais. No dia seguinte, sábado, os folguedos começam de manhã com um desfile de cabeçudos e demonstrações de paraquedismo no estádio da vila; à tarde está prevista uma largada de touros, arraial no jardim público, actuação de conjuntos musicais, exibição de ranchos folclóricos e grupos de cantares alentejanos. À meia-noite daquele dia, depois do fogo de artifício lançado do castelo, haverá baile e repasto de novilhos assados na praça pública, com vinho e farturas, oferta da população aos visitantes. No domingo, dia 7, além das festividades religiosas que se prolongarão até ao dia 10, haverá à noite uma corrida de touros na qual participam Luís Miguel da Veiga, Armando Soares, Ricardo Chibanga, José Maldonado Cortes e os forcados amadores de Évora. No dia 8 efectuam-se diversas provas de ciclismo e automobilismo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Augusto Trindade Jorge, Rua Capelo Ivens, 79 SANTARÉM

Primeiro jornal multinacional

Apareceu o primeiro número do primeiro jornal multinacional, o mensário «Europa», que é publicado colectivamente por quatro das mais importantes empresas jornalísticas da Inglaterra, França, Alemanha Ocidental e Itália.

«Europa», que se edita como suplemento livre dos quotidianos «Times», de Londres, «Le Monde», de Paris, «La Stampa», de Turim, e «Die Welt», de Hamburgo, pretende consagrar-se em especial ao estudo do panorama económico e financeiro não só do continente europeu como doutros pontos do globo.

O coordenador da edição inglesa em Londres, James Grieg, declara que «Europa» se propõe «preencher uma lacuna da informação». «Queremos criar um exemplo» — acrescentou.

Apoio à vida selvagem

A sopa de tartaruga será retirada das ementas de dois famosos hoteis de Bona como um gesto de apoio ao Fundo Mundial da Vida Selvagem, que realiza ali o seu terceiro congresso.

As gerências dos Hoteis Steigenberger e Bristoli comunicaram que não encomendariam mais reservas da sopa após as existentes se esgotarem. Faziam-no solidarizando-se com as diligências do Fundo para preservar espécies raras que estão quase extintas.

Mais de 50 peritos de todo o mundo começaram a discutir meios de conseguir o financiamento do programa do Fundo em 1974, que abrange cerca de 100 projectos em vários países.

O ponto culminante do congresso de cinco dias será uma conferência à qual se espera que assistam a rainha Juliana da Holanda, seu marido o príncipe Bernardo e diplomatas e cientistas.

Um dos actuais objectivos do fundo é salvar o tigre, animal que está a desaparecer rapidamente. Nesse projecto gastaram-se já 500.000 dólares (cerca de 12.500 contos).

Submarinos alemães

Paris teria dado o seu acordo à autorização da União da Europa Ocidental à República Federal Alemã para construir submarinos até 1.800 toneladas — informa o «Times» de Londres.

Segundo o jornal, Paris teria atrasado a decisão do conselho da União da Europa Ocidental. O acordo finalmente dado pela França poderia explicar-se — crê saber o «Times» — pelo desejo de Paris de obter de Bonn autorização para equipar com mísseis nucleares tácticos Plutão as suas unidades estacionadas na República Federal.

Auxílio e política

Por iniciativa do emir Sabah Salim Sabah, o governo do Koweit anunciou a criação de um fundo de fomento aberto aos países do Terceiro Mundo que, a propósito do conflito do Médio Oriente, não adoptem posições políticas contrárias aos interesses árabes.

Tal como o fundo de fomento panárabe, existente há já alguns anos, o novo fundo de auxílio será essencialmente financiado pelos lucros que o Koweit obtem com a exploração do petróleo.

QUADRATIM — ISABEL DA NÓBREGA

O VERDUGO

No eléctrico. O banco lateral, em ângulo recto com o meu, ocupado por mãe e dois filhos. Mulher nova, arranjada, das que trazem os filhos (e a casa, e o marido) num apuro. Larga de corpo, expressão prazenteira, desfazia-se em murmúrios, mimos, muchochos, para o bebé de um ano que levava ao colo. A seu lado, colando-se-lhe ao flanco, um rapazinho de sete anos franzinos, tentava chamar-lhe a atenção, fazia-lhe perguntas, pousava-lhe no braço a mão pequena e extraordinariamente esguia. A mãe sacudia-o com impaciênia, os olhos escureciam-lhe, todo o rosto se franzia de irritação. E logo se voltava para o filho pequeno, e nhe-nhe-nhe, nhã-nhã-nhã. O garoto não desistia. Erguia os olhos miúdos e piscos e fitava a mãe com fervor. Pensei que andaria ele pela primeira vez na escola, e precisava, nos intervalos, de fazer uma boa provisão de mãe... Para os dias longos em que tinha de enfrentar a professora ainda estranha, os outros meninos não já tão hostis mas trocistas. Talvez troçassem do seu cabelo frizado («caracolinho, caracolete!»), das duas pernas magricelas, onde a rótula, de tão polida, parecia uma pedra do mar.

Provisão de mãe, na idade em que para um rapazinho a mãe é tudo, pensava eu.

E a mãe, nada. O filho pequeno, menino dos seus olhos, tesouro do seu coração.

Então o rapazinho frágil, mal-amado, tentou da sua inocência e do seu desespero, um gesto que comovesse a mãe, que a lisonjeasse, que lha restituísse. Estendeu a mão a medo e com as pontas dos dedos aflorou levemente a bochecha do irmão. Riu o bebé, mas a pesada, a larga mão do verdugo abateu-se com tal estalo sobre a do garoto que julguei que lhe partia o pulso. E a voz cresceu agreste, despida dos veludos com que envolvia a criança de colo: «Deixa o teu irmão! Não maces o teu irmão! Olha que te dou mais! És impossível!»

Aproxima-se a paragem. Puxou o filho num repelão, compôs a roupa do outro, e saiu.

Há vários anos, por cena semelhante, interpelei uma senhora no eléctrico. Com a clara consciência de não poder explicar-lhe TUDO o que a deixaria esclarecida.

Talvez mais cansada hoje, vi afastar-se esta outra mãe-verdugo sem interferir. Aquele menino continuará a ser tratado assim todos os dias. Injustiça e perseguição todos os dias. E nós não uivamos a palavra que se nos prende na garganta.

Dizem os leitores

OS SINISTRADOS DE CASAL DOS MARCOS ESPERAM HÁ MEIO ANO PARA SEREM REALOJADOS

Com pedido de publicação, recebemos da nossa leitora sra. Maria de Lurdes F. Alves, a seguinte carta:

«Há precisamente sete meses e pouco foi publicado um acontecimento que deu bastantes comentários. Um incêndio que ocorreu no dia 5 de Março destriu cerca de 70 habitações humildes (barracas), desalojando centenas de pessoas que continuam desabrigadas, sem o mínimo de conforto.

Parecerá incrível mas a verdade é que parte dessas vítimas (a mínima) foi alojada esquecendo-se completamente a grande maioria que continua abrigada em barracas da Cruz Vermelha, armadas dentro do Seminário dos Olivais. As condições são lamentáveis e somente quem assiste ao viver de cada uma dessas pessoas poderá avaliar o que efectivamente acontece.

Há mais de meio ano que o sinistro aconteceu no Casal dos Marcos, em Moscavide!

Há mais de meio ano que casais estão separados: marido e mulher dormem separados, eles alojados numa das tendas, as mulheres noutras. Dormem e cozinham nas tendas. As condições são as mais precárias que é possível. Higienicamente, o assunto não pode ser discutido!

Acontece pois que, aí, onde não há um tecto confortável, essas pessoas viveram momentos de angústia, com os temporais. A cada momento, esperavam ficar esmagados debaixo das vigas que suportam as mesmas tendas de lona e que tendem a cair quando menos se espera.

Ultimamente, tem-se feito sentir, fortemente, a mesma angústia, devido ao vento que fortemente aí se faz sentir, dando a sensação de se estar a descoberto, de tudo ser levado ou cair alguma trave. As crianças gritam de medo e o ambiente não é próprio nem para elas, nem para ninguém. Moralmente, é prejudicial à formação de novos seres.

As condições higiénicas constam apenas de 2 barracas, semelhantes às que se vêem nos locais de construção, apenas com um buraco no chão em cada uma delas, tendo aí a única possibilidade de darem um pouco de asseio a si próprios.

E, repito, vivem nestas condições há mais de meio ano e não sabem quando verão resolvido o problema de habitação pois o Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Loures não se digna dar uma satisfação. Quando chove, apenas se caminha na lama (chove dentro das barracas) o que para além de todos os prejuízos, impossibilita o descanço das pessoas. Os seus pequenos haveres ficam encharcados, pois os seus vestuários, os que conservam mais limpos, estão alinhados numa corda, junto às tarimbas onde dormem. As refeições são tomadas num ambiente repudiante.

É doloroso sentir que até um animal se pode sentir num ambiente acolhedor enquanto os humanos vivem em **condições desumanas**. É natural que todas estas pessoas se sintam alteradas. O seu estado físico e moral descai a todo o momento e o sistema nervoso põe-se à prova.

Entretanto, o Instituto Nacional de Assistência à Família construiu junto ao Quartel da Encarnação, habitações pré-fabricadas para alojar estas famílias. Segundo consta, há já cerca de dois meses que estão prontas a ser habitadas, no entanto abandonadas, sem que a situação destas pessoas seja resolvida. Ficaram totalmente esquecidas!

Porque será? Não terão direito a ter um lar decente onde toda a sua família possa ser vista de novo reunida?

Há, também, que tocar um aspecto de extrema importância. As casas que se irão inaugurar (quando?) serão alugadas e as rendas elevadas para as posses dos sinistrados.

Durante longos anos viveram em barracas. Como poderão agora dispor de 800$00 mensais para, mediante esta renda, terem o direito, que todo o ser humano deve ter, a um tecto acolhedor?

Há dias, reuniram-se e tentaram falar com alguém responsável da vila de Moscavide e nenhuma satisfação lhes foi dada. Nenhuma palavra de conforto. Aliás, não é de «conforto de palavras» que necessitamos. A situação era para estar resolvida no dia 15 de Maio passado, no entanto, estamos em Setembro (a carta data de 29) e as pessoas vão vivendo numa ilusão, esperançados que dia para dia a questão é resolvida, mas desesperam.

Não é justo que humanos com direito à vida e em que tanto há que aproveitar, caiam assim num esquecimento total!

Sou uma das vítimas do sinistro. E lá que vivo, é de lá que me desloco para o emprego. É lá que estudo após um intenso dia de trabalho! Tenho dezanove anos e não estava habituada a viver tão intensamente nesta miséria, em condições tão precárias e lamentáveis. Nada disto é fantasia, é uma cruel realidade (...)».

DL/GERAL

PORTO

CONGRESSO DE FUNDIÇÃO

A Associação Portuguesa de Fundição, de colaboração com a sua congénere espanhola, vai promover nos dias 14, 15 e 16 de Novembro próximo, na cidade do Porto, o II Congresso Ibérico de Fundição, cujos trabalhos decorrerão nas instalações do Centro de Formação Profissional Acelerada n.º 2, no Cerco do Porto.

SEGUNDAS JORNADAS PARA AS INDÚSTRIAS

Vão decorrer nesta cidade, nos dias 18 e 19 do corrente, as segundas Jornadas Nacionais de Informação Técnica para a Indústria, cuja sessão inaugural será na sede da secção regional do Porto da Ordem dos Engenheiros, às 9 e 30 daquele primeiro dia.

SINDICATO DOS CAIXEIROS

Na secretaria do Sindicato dos Caixeiros do Porto (Rua de Fernandes Tomás, 626) está aberta a inscrição para os cursos gratuitos de Português, Cultura Geral, Francês, Inglês, Contabilidade e Cálculo Comercial e que se destinam aos seus associados.

TÔMBOLA DOS BOMBEIROS

No Teatro da Feira Popular do Porto realizou-se, com a presença de representantes da autoridade, o 4.º sorteio da Tômbola dos Bombeiros Voluntários do Porto.

Os resultados foram os seguintes: 1.º prémio (fogão a gás) n.º 09394; 2.º prémio (uma fritadeira eléctrica) n.º 11803; 3.º prémio (um aparelho eléctrico para aquecer água) n.º 04866.

TEATRO GRATUITO

Numa iniciativa dos serviços culturais da Câmara Municipal do Porto, o corpo cénico do Grupo dos Modestos apresentará, no seu teatro, a partir de 9 do corrente, às 21 e 30, uma série de espectáculos com a peça «Humor Próprio», de Orlando Neves e Pedro Bandeira Freire.

Os bilhetes são distribuidos gratuitamente na sede do Grupo dos Modestos.

COIMBRA

CONGRESSO DE CARDIOLOGIA

No VII Congresso Hispano-Português de Cardiologia que desde ontem está a decorrer em Valência, e se prolonga até ao dia 6, a Faculdade de Medicina de Coimbra está representada pelo director dos Serviços de Cardiologia dos Hospitais da Universidade, prof. dr. Ramos Lopes, que ali presidirá a uma sessão e apresentará uma comunicação; e ainda pelos drs. Chorão de Aguiar, que tomará parte num simpósio sobre Vectocardiografia; Luís Augusto Providência, que participará numa mesa-redonda sobre Tromboembolismo pulmonar; Fernando Manuel Ferrer Correia e Narcisa Ferrer Correia que apresentarão comunicações. Também os Serviços de Pneumologia da mesma Faculdade estão representados no encontro pelo seu director, prof. dr. Robalo Cordeiro.

ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DA MOCIDADE

Na Associação Cristã da Mocidade, iniciam-se no dia 8 as aulas de ginástica que esta colectividade vem proporcionando aos seus associados desde há seis anos.

Neste ano lectivo, além das habituais classes de ginástica para crianças, jovens e adultos, haverá também, pela primeira vez, com a colaboração da «Academia Sochingai», do Porto, classes de iniciação de «Karate».

LICEU D. JOÃO III

Reabrem na segunda-feira, dia 8, as aulas para os 300 alunos inscritos no curso liceal nocturno, do Liceu Normal D. João III.

O acto será precedido de uma reunião dos 70 professores, a realizar hoje, às 21 horas, e na qual serão dadas as directrizes fundamentais para este ano lectivo.

REUNIÃO DE CURSO MÉDICO

[illegible] nesta cidade, no dia 13 do corrente, o Curso Médico que concluiu a sua formatura na Faculdade de Medicina em 1943 e do qual fazem parte, entre outros, o poeta Miguel Torga (dr. Adolfo Rocha), que pertence à comissão organizadora.

PROVÍNCIA

PAVILHÃO GIMNODESPORTIVO

MARINHA GRANDE — A Câmara Municipal local projecta construir um pavilhão gimnodesportivo com capacidade e requisitos apropriados para servir convenientemente a população do concelho.

A edilidade comprometeu-se a garantir a utilização do pavilhão aos sócios da Casa do Povo e aos trabalhadores empregados nas unidades industriais implantadas, designadamente os estagiários da Fábrica-Escola Irmãos Stephens.

Assim, o empreendimento dispensa, com vantagem, pelo menos a curto e médio prazo, a construção de um pavilhão desportivo-recreativo para a Casa do Povo da Marinha e outro para os trabalhadores da referida Fábrica-Escola inicialmente programados.

Considerando o vasto alcance da iniciativa, foi determinado, por despacho do Secretário de Estado do Trabalho e Previdência, que pela Junta Central das Casas do Povo seja atribuído à Câmara Municipal da Marinha Grande a importância de 2 000 contos, valor da sua comparticipação no empreendimento.

O F.D. M.O. comparticipará na mesma construção com a verba que se mostrar necessária até ao montante de 5 000 contos.

SEMANA DO BOMBEIRO

TORRES NOVAS — Promovida pela Corporação dos Bombeiros Voluntários desta vila e com a colaboração das colectividades locais, está a decorrer em Torres Novas a «Semana do Bombeiro». Do programa fazem parte: para hoje, às 16 horas, uma sessão de cinema para crianças; amanhã, às 21 e 45, noite de teatro no Virgínia; no dia 6, entrega duma ambulância à corporação oferecida pelo povo da Ribeira Branca, seguindo-se um simulacro de incêndio, às 22 horas; no domingo, «Dia do Bombeiro» haverá várias cerimónias religiosas, bem como um almoço de confraternização e encontro das colectividades do concelho, no cine clube desta vila.

A LEI E A RELIGIÃO EM PORTUGAL

LEIRIA, 4 — No salão de festas da Igreja Baptista desta cidade, o dr. José Dias Bravo, juiz de Direito da Comarca de Elvas, profere amanhã, às 21 horas, uma conferência subordinada ao tema «A lei e a religião em Portugal na actualidade».

FESTA DA SENHORA DO ROSÁRIO

BARROCA — No próximo domingo, realiza-se a festa em honra de Nossa Senhora do Rosário, padroeira desta freguesia, com missa, sermão e procissão. De tarde haverá um leilão de oferendas e descantes populares.

Demora no traçado da via rápida Praia da Rocha-Alvor

...A demora que se vem verificando na definição do traçado da via rápida Praia da Rocha-Alvor prejudica grandemente o desenvolvimento urbanístico da Praia da Rocha — assinalou-se na última sessão semanal da Câmara Municipal de Portimão.

Na mesma reunião foram ainda apreciados os seguintes assuntos: aprovação do estudo de um conjunto de cerca de 600 fogos na zona dos Castelos (Praia da Rocha); ampliação das instalações da estação de captação e elevação de água na povoação da Figueira; regularização urbanística do sítio do Chão das Donas; etc.

Foi também apreciada uma proposta tendente a introduzir melhoramentos no Matadouro Municipal.

Passagem de modelos

No Hotel Ritz, efectua-se no dia 9, às 15 e 30, uma passagem de modelos promovida pela «Boutique Nituska» e cuja receita reverte para a Liga Portuguesa contra o Cancro.

Os manequins Ana Maria Lucas, Sílvia, Gina, Susana, Fernanda Carro e Catarina Spitz, passarão modelos franceses, suíços, ingleses e espanhóis.

Durante um chá, que será servido por gentileza do referido hotel, serão sorteados, um vestido, um par de sapatos, um chapéu, um frasco de perfume e uma pele.

CONCURSOS PARA ADMISSÃO DE MÉDICOS DOS QUADROS

CLÍNICOS DAS INSTITUIÇÕES DE PREVIDÊNCIA

Estão abertos de 4 a 23 de Outubro de 1973 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicadas:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Setúbal Praça da República SETÚBAL	Área de Setúbal	Pediatria
		Ginecologia
		Obstetrícia
		Estomatologia
		Psiquiatria
	Abela	Clínica Médica
	Melides	Clínica Médica
	Palmela	Ginecologia
		Obstetrícia
	Santiago do Cacém	Clínica Médica
	Sines	Clínica Médica
	S. Domingos	Clínica Médica

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas caixas de previdência interessadas e na Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 23 de Outubro de 1973 na Inspecção Médica da Federação, na Avenida dos Estados Unidos da América, n.º 37, 5.º Esq.º, Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

O provimento nos lugares é da competência das respectivas caixas de previdência de acordo com a posição dos candidatos após a sua classificação no concurso documental de habilitação.

Lisboa, 2 de Outubro de 1973.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

Abegão
VINHO DE MESA

1 SEMANA em LONDRES
PARTIDAS:
TODOS OS DOMINGOS
Setembro 30
Outubro 7, 14, 21, 28
preços excepcionais desde 3350$
INCLUINDO:
• VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
• ESTADIA NO HOTEL
• TRANSPORTES EM TERRA
• VISITA TURÍSTICA DE LONDRES
• TAXAS HOTELEIRAS
• ASSISTÊNCIA DE GUIA abreu
PREÇO PARA JOVENS 2750$
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
FUNDADA EM 1840
LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 330021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (16 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27011/27012

TV DL/ESPECTÁCULOS

MOURET, ACABA, VICTORINO, REPETE, NERUDA, ESQUECIDO E A TELEVISÃO LÁ VAI INDO ...

Acabou «Octávio Mouret». Em melancolia, como se esperava. Em desencanto, como se previa. Emílio Zola não via nenhum futuro de grandeza nessa burguesia que já tinha traçados no rosto os estigmas da inevitável decadência.

Esta decadência foi Zola investiga-la ao quotidiano das suas personagens, nesta zona onde os conflitos, os contratos, os pequenos gestos sem história reflectem toda uma filosofia da vida, toda uma consciência social fora da pose dos retratos de conveniência.

Assim, numa exuberância que tem qualquer coisa de inocência, assistimos a uma perfeita exibição da selva: a hipocrisia utilitária, a crueldade não disfarçada nem envergonhada de si própria, a ganância, a usura os sentimentos objectos de compra e venda, as pessoas transformadas em mercadorias que valem tanto, ou não valem nada, ou valem conforme — mercadorias com valor de troca calmamente, naturalmente expresso em metal sonante.

«Octávio Mouret» veio convidar-nos à observação do mundo que nos rodeia, não veio servir-nos de trampolim para a evasão. Nesse aspecto, o folhetim diferia radicalmente das séries ianques com que a televisão portuguesa nos brinda tão amável e frequentemente.

Agora, quem quiser ver uma série com interesse tem de procurar «A vida dos outros», aos sábados. A isto se chama dar televisão de qualidade aos seus fins de semana.

... ANTES PELO CONTRÁRIO

Quer dizer: «Octávio Mouret» não se incluia nessa matéria estupidificante a que fazia referência António Victorino d'Almeida na história da música emitida ontem.

Foi uma história em repetição. Talvez António Victorino d'Almeida, já em Viena de Austria não tivesse começado ainda a laborar. Ou talvez se esteja à espera de abrir o mapa-tipo do Inverno com chave de ouro...

Seja dito que a repetição não lhe retirou nenhuma parcela de interesse. Parece-nos de grande utilidade dizer não uma vez, mas muitas, que há uma anestesia a todos os níveis e que a função da arte é a de despertar as consciências e não a de adormecê-las e que o passatempo, «mundo morno e sem ondas», é «um verdadeiro inferno». E que, e que, e que...

E que, por exemplo, ouvir música de má qualidade se torna estupidificante...

Ora o que está certo para a música, está certo para tudo o mais. Os comentadores sem qualidade são estupidificantes. Bem como os maus locutores, os maus documentários, as más reportagens, os maus programas, os maus noticiários, as más entrevistas, etc. etc.. Pelo que a actividade da televisão portuguesa está bem longe de se considerar útil à inteligência dos seus milhões de espectadores.

Antes pelo contrário.

UM CERTO ESQUECIMENTO

Livros e Autores. Aflitiva falta de inspiração. Um longo e frio monólego do escritor Adelino Peres Rodrigues, seguido de noticiário que incluiu os nomes de Caldwell, de Rodrigues Migueis, de Marmelo e Silva, de Joaquim Lagoeiro, de Charrière. Noticiário envolvido por vezes num duro celofane de comentários rebarbativos, supinamente indisgestos, tão, tão tão ignorantes da televisão...

Pois está bem. Uns lugares-comuns bem distribuídos pelo Marmelo e Silva, pelo Lagoeiro, pelo Rodrigues Migueis. Muito, muito tempo oferecido a Peres Rodrigues sem qualquer efeito de ordem prática no que respeita ao conhecimento da sua humanidade ou dos seus méritos de escritor. Está certo, pronto, não se fala mais nisso «Livros e Autores» tem direito às suas preferências, às suas amizades, aos seus critérios, ao seu Caldwellzinho de estimação, encerrado na casinha da Florida, sem querer saber do que vai pelo mundo. Não se põe agora em causa a qualidade literária de Marmelo, de Lagoeiro, de Peres Rodrigues, de Charrière. No entanto, como se diz magazine literário, e como essa expressão reflecte uma certa ideia de actualidade, talvez não ficassem maus alguns segundos dedicados a Neruda que acaba de morrer no Chile em sangue, não sem antes ter dedicado alguns versos ao trágico momento que morria:

... matilha
de caciques patibulares
sem mais lei que a tortura
e a fome do povo sob o látego.

Livros e autores esqueceu-se do acontecimento. Estas coisas sucedem, não é? Uma pessoa não se pode lembrar de tudo.

Simplesmente, há esquecimentos que são verdadeiros suicídios.

Por MÁRIO CASTRIM

Uma experiência que dá que pensar

A EXPERIÊNCIA CHILENA

Destacados representantes das mais variadas tendências políticas chilenas falam expressamente para Portugal.

INICIATIVAS EDITORIAIS
Av. Rio de Janeiro, 6-s/c., Esq.
Telef. 72 40 51

INICIATIVAS EDITORIAIS

INDÚSTRIAS CAMBOURNAC

Das nossas fábricas directamente ao público
A bem da sua economia consulte-nos

FIOS PARA TRICOT

Em defesa da sua comodidade utilize a nossa Frota Automóvel que, gratuitamente, transportará as encomendas a sua casa.

Descontos especiais às tricotadeiras
FILIAIS E DEPÓSITOS
Largo da Anunciada, 11 - T. 326415
Av. Almirante Reis, 28-B - T. 833811
R. Ferreira Borges, 147-B-T. 689076 — LISBOA

DESAFIO À QUALIDADE!...

molygrafite
no topo da técnica da lubrificação !

o único óleo com lubrificantes sólidos incorporados
pronto a ser utilizado

é tempo de o conhecer !

oficialmente comprovados os três mais rigorosos testes a que até hoje um óleo foi submetido.

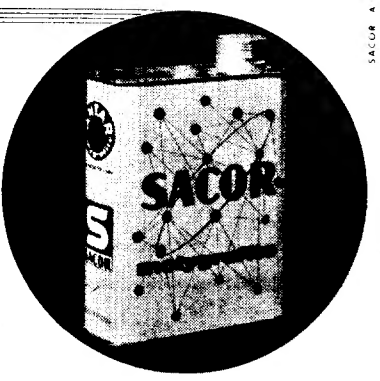
com **molygrafite** estes carros percorreram:

433 km de auto-estrada sem baixar a pressão do óleo!...

3327 km praticamente sem consumir óleo! num carro com 50.000 km.

50 km percorridos sem óleo! mas ja usava antes **molygrafite**

agora não hesite !...
sacor molygrafite



DL/ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA — LAURO ANTÓNIO

GRAHAM GREENE E JULES RENARD NO BOM CINEMA

Título: VIAGENS COM A MINHA TIA (Travels With My Aunt)
Realização: George Cukor, *1972 (EUA)*
Intérpretes: Maggie Smith, **Alec McGoven, Lou Gosset, Robert Stephens, Cindy Williams, e Robert Fleming, etc..**
Distribuição: Filmes Castello Lopes;
Estreia: Cinema Império (27. 9. 1973)

Título: RETALHOS DA VIDA BURGUESA (Poil de Carotte)
Realização: Henri Graziani, 1973 (França)
Interpretes: Philippe Noiret, Monique Chaumette, François Cohn, Paul Frankeur, etc...
Distribuição: Rank Filmes;
Estreia: Cinema S. Jorge (27. 9. 1973)

1. George Cukor que foi um dos grandes realizadores de Hollywood tornou-se na década de 60 um cineasta «raro». De 1964 é **My Fair Lady** e de 1969 **Justine,** que adapta Lawrence. Em dez anos de actividade, dois filmes a que se segue agora nova adaptação desta feita do romance de Graham Greene, **Viagens com a Minha Tia.** Considerado um invulgar retratista de mulheres, Cukor, possui realmente um temperamento e uma sensibilidade que lhe permitem desenhar perfis que aliam um traço vigoroso a uma densidade humana nuanceada e subtil. Muitas foram as actrizes do cinema americano que para sempre ficaram ligadas à obra de Cukor, casos de Greta Garbo, Norma Shearer, Katherine Hepburne, Maureen O'Sullivan, Vivien Leigh, Ingrid Bergman, Judy Garlan, Ava Gardner, Kay Kendall, Mitty Gayor, Capucine, Marylyn Monroe, e Jane Fonda, Shelley Winters, Claire Bloom, Audrey Hepburne e algumas mais, caso ainda de Anna Magnani e Sophia Loren, que, não sendo americanas nem estando integradas no cinema de Hollyood, nele aparecem pela direcção de Cukor.

Pois cai-lhe agora entre mãos o retrato da «tia Augusta», «velha dama indigna», cujo passado traz muito que contar. Não que Cukor vá ao ponto de o revelar integralmente, com os **flash backs** da ordem. Nem preciso era: o passado da «tia Augusta» vive com ela, sulca-lhe o rosto de rugas, dá-lhe aquele tom de eterna juventude nervosa, louca, apaixonante. Bem vimos como conheceu o seu grande amor numa gare, quando andava ainda de farda colegial. Como despiu a indumentária do convento e vestiu os trajes coquetes de elegantes bordeis. De como por ela passaram os homens ou de como ela passou pelos homens mantendo embora fiel a imagem do primeiro, desse Visconti por quem especula em vários continentes, procurando os milhares de libras necessários á sua integridade. Uma ilusão, afinal...

O que mais espanta neste homem que ultrapassou já os 74 anos de idade é a irreverência graciosa, e mordaz, a delicadeza a definir situações a jovialidade e a alegria. Esse gosto deliberado pela transgressão, por um comportamento nada ortodoxo que continuamente põe em causa o conformismo e o convencionalismo de uma existência cinzenta, existência a que consegue roubar Henry, o seu sobrinho de última hora, indefeso, empregado bancário, que cultiva flores nos intervalos das notas e que acaba por se ver envolvido num caso de droga transportada na urna de sua mãe, ser expulso da Turquia, violado num comboio a caminho de Katmandu ou seduzido por Paris, enquanto descobre a «tia Augusta» contrabandeando notas ou assenhoreando-se, indevidamente, de Modiglianis.

Viagens com a Minha Tia, não sendo uma obra indispensável, é seguramente um prazer discreto que nos ressuscita um velho amigo: George Cukor, como sempre admirável director de actores.

2. Uma outra adaptação literária. a peça teatral de Jules Renard, *Poil de Carotte* que, em redor dos naos 30, já fora cinematografada (ao que nos dizem muito bem) pro Julien Duvivier. Pois, em 1973, *Poil de Carotte* assinala a estreia de um novo realizador de cinema francês, Henri Graziani, homem com mais de quarenta anos, colaborador de Jean Pialat e argumentista de Granier-Deferre, em **Les Fils.**

Diga-se, a abrir, que se trata efectivamente de auspiciosa estreia, se bem que aqui e ali nem sempre cem por cento lograda. Mas, a verdade é que **Retalhos da Vida Burguesa** (como se lhe chamou entre nós, não sem um certo rigor, mas simultâneamente com uma inexpressividade que, desde logo, haveria de liquidar o possivel sucesso do filme) consegue organizar uma curiosa visão da sociedade francesa, de fins do século passado, visão que nos é transmitida através dos olhos de uma criança «Poil de Carotte», um dos filhos do casal Lepic.

Sucessão de quadros «exemplares», onde á partida dificilmente se consegue «entrar» (tamanha é a estranheza da escrita), onde a partir de uma certa altura, se começa a usufruir uma ironia agreste e perspicaz, estes **Retalhos** são uma vitória inteligente de um cinema que em lugar do sentimento procura a razão e os seus mecanismos; onde, em lugar das exteriorizações gratuitas, se opta pelo intimismo fezor das opressões diariamente consentidas, das hipocrisias quotidianamente não negadas.

Um filme invulgar, uma realização que sabe utilizar Brecht como poucas vezes o vimos fazer em cinema, uma fotografia admirável de mestre Nestor Almendros, uma interpretação soberba e a presença ofuscante de um «Poil de Carotte» que é um símbolo de todos os humilhados e ofendidos, de todos aqueles que um dia se interrogam: **«Porque será que nem todos podem ser orfãos?»** Uma angustiante situação armazenada de ódio e desamor, de raiva e impotência. **Poil de Carotte** merece o olhar do leitor. Não o perca hoje mesmo, porque amanhã pode ser tarde.

Augusto de Figueiredo e Lia Gama: a certeza de qualidade no elenco da Casa da Comédia.

A Casa da Comédia retoma actividade

Não foi possível deixar de corresponder ao incitamento do público afecto da Casa da Comédia, quanto à apresentação no início desta temporada da divertida peça de Arthur Kopit «Oh papá pobre papá, a mamã pendurou-te no armário e eu estou tão triste», que João Lourenço encenou com segurança, de modo a merecer o aplauso da crítica e do público.

Augusto de Figueiredo que volta este ano a prestar a sua colaboração na Casa da Comédia para o desempenho de diversos papéis em peças do reportório e ainda em obras de autores portugueses e estrangeiros como Anton Tchekov e Harold Pinter, participa com a actriz Lia Gama no novo elenco da peça, que conta para o seu desempenho com os seguintes artistas:

Augusto de Figueiredo, Lia Gama, Angela Ribeiro, Jorge Vale, Vasconcelos Viana, Beatriz Vaz, Maria do Céu, Ana Bandeira, Osório Ferreira, Luis Oscar, Carlos Botelho, Carlos Vieira de Almeida, Manuel Taborda; (Contra regra António Campos) com luz de António Mileu.

Cenários e figurinos de Hugo Casais.

A estreia, após um trabalho de preparação, está em princípio marcada para Outubgo.

A Casa da Comédia é subsidiada pelo Fundo de Teatro.

Marcações pelo telefone: 677299.

FLORBELA NO CANADÁ

Está marcada para a noite de hoje a partida, para o Canadá, de um elenco artístico organizado pelos empresários Amadeu Vaz e Artur Pereira que, chefiado por Florbela Queirós e sob a designação de «TV Show», fará (durante 45 dias) diversas actuações perante plateias de portugueses radicados na América do Norte. No «cast», além de Florbela, estão (também) Maria Dilar, Carlos Areias, Rosita Afonso, Carlos Queirós e a mulher deste último, bailarina profissional. Na imagem: o produtor Amadeu Vaz, Florbela e Maria Dilar, durante um ensaio na sala do Capitólio.

"CINCO MINUTOS DE JAZZ"

José Duarte, o conhecido «jazzman» que desde 1966 mantém, diariamente, na Rádio Renascença, a rúbrica «Cinco minutos de jazz», vai editar um boletim com o mesmo nome. A nova publicação mensal, de oito páginas, terá assinatura gratuita e chegará a casa das pessoas pelo correi. O primeiro número sirá em Novembro e para ser assinante basta escrever para «Cinco minutos de Jazz» — Rádio Renascença — Lisboa 2, indicando nome e morada. O boletim, único do seu género em Portugal já que versará exclusivamente assuntos relacionados com o Jazz, contará com a colaboração graciosa de várias pessoas e incluirá uma informação desenvolvida sobre o que na rádio diariamente se vai ouvindo, para alémde se debruçar sobre temas que se considerem opprtunos e importantes.

ÉVORA: uma cidade para o Teatro

..Como já o «Diário de Lisboa» noticiou, a Sociedade Operária «Joaquim António d'Aguiar», de Évora, organiza o III Festival de Teatro Amador que este ano, aliás, inclui espectáculos de grupos profissionais.

O Festival iniciou-se no dia 29 com a presença de «Os Bonecreiros» que apresentam a peça de Ruzzante encenada por Mário Barradas, «A Comédia Mosqueta». No próximo sábado o Grupo Cénico da Sociedade «Joaquim António de Aguiar» faz a estreia absoluta da peça de Alves Redol, «Fronteira Fechada». No dia 20 ainda deste mês, o Grupo dos «Modestos», do Porto, apresenta uma versão da revista de Orlando Neves e Pedro Bandeira Freire, «Humor Próprio».

Seguem-se: em 3 de Novembro, o Centro de Cultura e Recreio «Oliva» com a peça do catalão Jordi Teixidor «O Retábulo do Flautista», numa encenação de Artur Ramos; e no dia 17, o TEUC com «O Asno», de José Ruibal, encenação de Fernando Gusmão. No dia 18 do mesmo mês, o TEUC apresenta um espectáculo infantil, havendo ainda um colóquio sobre problemas de Teatro em que participam actores, dramaturgos, encenadores e críticos.

No dia 1 de Dezembro, o Grupo de Faro «Teatro Lethes» apresenta uma adaptaçãode«OPríncipezinho», de Saint-Exupéry. No dia 8, uma nova estreia: oCampolideAtlético Clube representa a peça de Virgílio Martinho, encenada por Joaquim Benite, «Filopopolus».

O Festival encerra no dia 18 de Dezembro com um espectáculo por uma companhia profissional a anunciar.

O que representa um esforço e trabalho a organização deste Festival só aqueles que o fazem poderão dizê-lo. Uma coisa é certa: a Sociedade Operária «Joaquim António d'Aguiar» luta a sério pelo teatro. É um exemplo a seguir.

CARLOS PORTO

NOVOS DISCOS

IREEN SHEER

Nas cida há vinte e dois anos, Ireen Sheer marcou pela primeira vez presença no mundo do disco nas «charts» inglesas com «Many Rivers».

Natural de Billericay, Essex, Inglaterra, Irren Sheer cedo demonstrou tendência para a música, mais tarde confirmada quando com a idade de doze anos ganhou um concurso para jovens contores.

Pouco depois de findar os seus estudos, cantou com o grupo «Gulliver's People» e um ano mais tarde com os «Family Dogg» com os quais acabou por gravar «Big Yellow Taxi» e «Hey Peasure Man» que acabaram por ser «hits» no velho Continente inglês. Em 1971 abandonou o grupo e resolveu encetar uma carriera a «Solo» começando por actuar durante uma larga temporada num «cabaret» londrino.

Ireen Sheer dotada de apreciáveis recursos vocias triunfou não só no «show Biz» mas também no mundo discográfico onde obteve êxitos sucessivos.

Agora acaba de alcançar o **primeiro lugar** no «hit parade» alemão com **«Good-Bye Mama»** que constitui o lado 1 do «single » agora editado entre nós.

No lado 2 «Jemande Wartet auf dich».

NO ESTRANGEIRO

A VIDA DE LISZT

Bernard Gavoty estreou-se como autor dramático com a peça sobre a vida, a carreira e os amores de Liszt, a que deu o título de «Franz Liszt, le Chevalier de l'Ideal», em cena no «Grand Theatre» de Nancy, sob a direcção de Louis Ducreux. No elenco figuram, entre outros, Julien Bertheau no papel de Wagner, Philippe Etesse no papel de Chopin e Danielle Volle no papel de Marie D'Agoult, além de Ivan Varco, que será Liszt. O espectáculo, a ser representado mais tarde num teatro de Paris, conta com a participação do pianista Eric Heidsieck, que entre outras composições de Liszt executa a «Rapsódia», a «Gondola Funebre» e o «Funeral».

OPERETA

A «Opera-Cómique» vai levar á cena a opereta de Alain Vanzo, Marc-Cab e Francis Didelot «Pecheur D'Etoiles», sob a direcção de Edgar Duvivier. A peça, que tem como coreógrafos Willy Cerullo e Serge Berezina, é interpretada por Georgette Rispal, Pierre Gualdi, Arta Verler, Alain Vanzo e Christiane Stutzmann, situando-se primeiramente a acção sobre as margens do Lago Maior e seguidamente em Paris, nos luxuosos salões do Segundo Império.

«AS INCELENÇAS»

O teatro «Arena» da Guanabara tem em representação «As Incelenças», conjunto de duas peças de Luís Marinho. O espectáculo, que descreve os costumes e rituais do Norte do Brasil, é dirigido por Luís Mendonça, que também figura como intérprete, ao lado de Ilva Nino, Virgínia Valli e Hélio Guerra, entre outros.

A FAMÍLIA SETA

«Verbenas de Seda» é o título de uma peça da autoria de Assis Trindade, em cena no teatro «Opinião» do Rio de Janeiro. «Verbenas de Seda» limita-se a um colóquio entre três jovens artistas, sobre problemas existenciais, interpretado por Verba Seta, Rubens de Araújo e Sebastião Lemos, sob a direcção de Ivã Seta.

REGRESSO

O actor Jean Richard, afastado temporariamente do teatro por motivo de doença, vai regressar durante a próxima temporada. O actor, que no ano transacto desempenhou o papel principal de «Le Medicin Malgré Lui» de Molière, em cena no «Theatre de la Region», interpretará de novo Molière em «Le Bourgeois Gentilhomme», sob a direcção de Jean Meyer, no palco do «Theatre des Celestins» de Lyon.

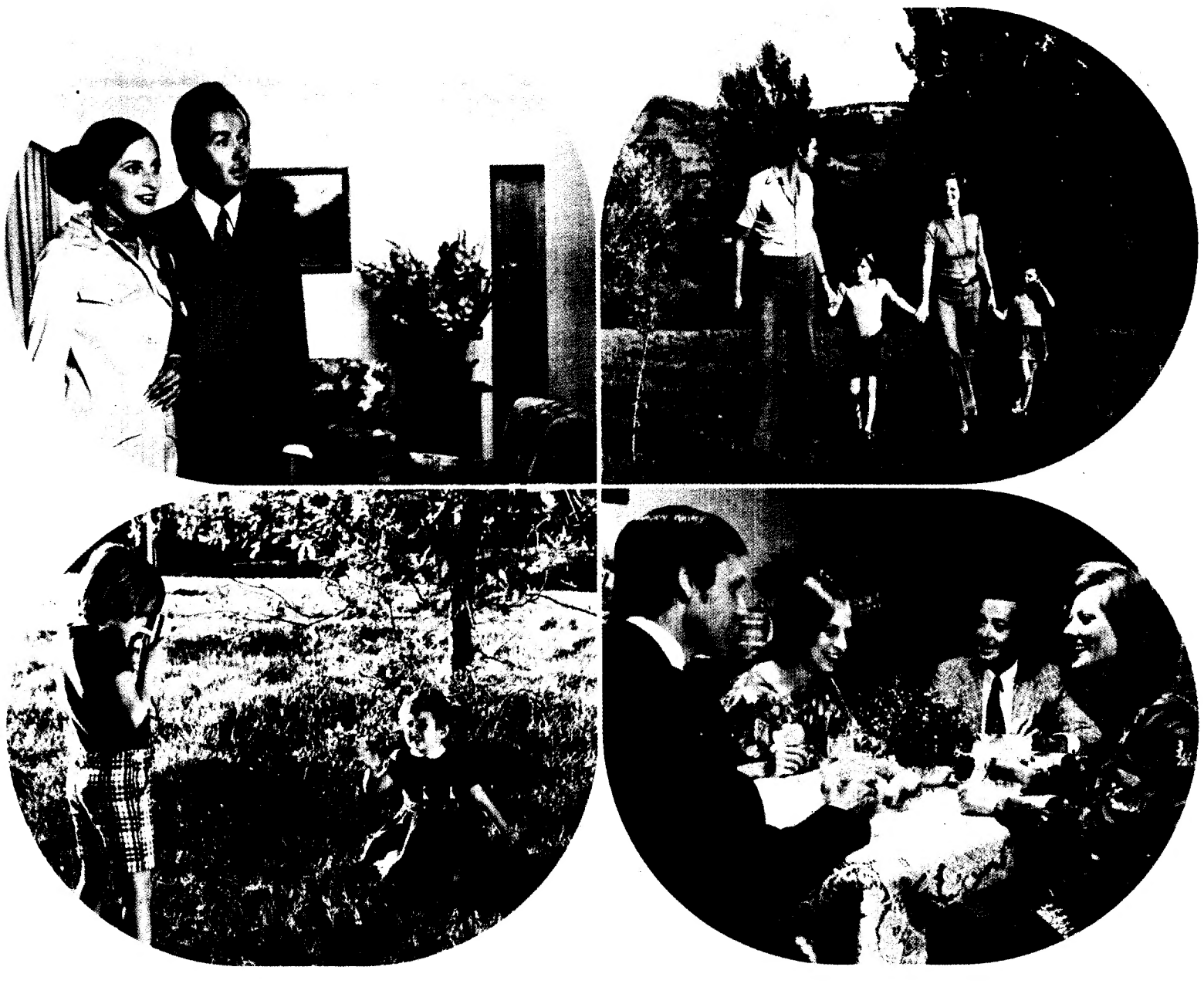
FLÁVIO RANGEL

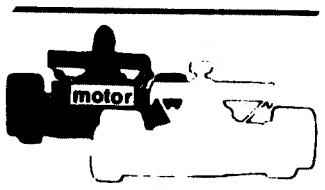
O Teatro Glaucio Gil, do Rio de Janeiro tem em representação a comédia de Paulo Pontes intitulada «Dr. Fausto da Silva», sob a direcção de Flávio Rangel. A peça, que relata as dificuldades de um animador de Televisão contra forças exteriores que se lhe opõem, tem como principais intérpretes: Jorge Dória, Zanoni Ferrite e Sónia Oiticica.

Actividade em Algés

O Grupo «Lídia, a Mulher Tatuada, e os seus actores Amestrados» retoma a actividade teatral a partir de amanhã, apresentando o espectáculo «As Aventuras de Zé Pateta, o Bom Cidadão nos Entrefolhos do Treme Treme», nas instalações do Clube de Teatro Primeiro Acto, rua Eduardo Pedroso, 16 A, em Algés. O espectáculo repete-se no mesmo local, nos dias 6 e 7, sábado e domingo, sempre às 22 horas.

O Grupo, que simultaneamente prepara o próximo espectáculo cuja estreia está marcada para Dezembro na cidade do Funchal, apresentar-se-á, ainda este mês, na Baixa da Banheira (dia 20), na sede de «Os Modestos», no Porto (dias 27 e 28) e também no Barreiro, Setúbal e Sacavém, em datas a anunciar oportunamente.





O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Humberto Marques da Cruz — ARAZEDE

PARQUE EUROPA

parque residencial ao melhor nível da Europa

quatro magníficos edifícios
edifício LONDRES
edifício PARIS
edifício VIENA
edifício LISBOA

3 assoalhadas e sala de refeições integrada 514 contos

4 assoalhadas e sala de refeições integrada 648 contos

Casas estilo europeu de 3 e 4 assoalhadas, e ainda sala de refeições integrada.
Equipadas com:
- Cozinha completa (frigorífico, máquinas de lavar louça e roupa, fogão, esquentador, exaustor, triturador, móveis em madeiras exóticas, etc.)
- Alcatifas em todos os quartos, salas e corredores
- Aquecimento eléctrico geral
- Aquecimento a infra-vermelhos nas casas de banho
- Caixilharias em alumínio
- Gás canalizado
- Antena colectiva TV e TSF
- Telefones de porta
- Arrecadação individual na cave
- Amplas varandas
- Acabamentos de luxo

Localizadas entre:
Sossego Espaço Vista Ambiente saudável

PARQUE EUROPA *Para viver ao melhor nível da Europa*
Santo António dos Cavaleiros - Sala de Exposição - Telef.: 2530865 - Estrada de Loures
ICESA - Indústrias de Construção e Empreendimentos, SARL - Av. da República, 14-6.º - Telef.: 560791-560021 - LISBOA

DL/ESPECTÁCULOS

Luís Miguel Cintra: nasce a "Cornucópia"

..Em todo o Mundo se tem vindo a comemorar a morte de Molière a 17 de Fevereiro de 1673. Nas grandes capitais têm subido à cena diversos originais do genial autor de «O Avarento».

Em Portugal, a época abriu com a revista **«TUDO A NU»** que começa com uma homenagem ao grande homem de teatro.

Em Outubro próximo, Lisboa verá aparecer uma nova companhia de teatro profissional, «Teatro da Cornucópia», dirigida por Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, que ultimam actualmente os ensaios de **«O MISANTROPO»**.

Constituem o elenco: Dalila Rocha, Glicínia Quartin, Raquel Maria, Filipe La Feria, Luís Lima Barreto, Orlando Costa, Carlos Fernando, Jorge Silva Melo e Luís Miguel Cintra (que é, também, o encenador).

"Grupo 4" já tem terra

O Grupo 4 recebeu os orgãos da informação num terreno baldio junto da Praça de Espanha. Ali onde existe apenas terra, lixo e ervas secas, será construída a futura sala de espectáculos daquela pequena companhia de teatro.

A história de Grupo 4 confunde-se com a voluntariosa atitude de João Lourenço, Rui Mendes, Irene Cruz e Morais e Castro que resolveram enfrentar todas as dificuldades inerentes a uma situação marginal de grupo que tenta sobreviver fora das estruturas do teatro profissional português.

Foram sete anos de lutas por sua conta e risco. Completamente independentes de empresários montaram a média de um espectáculo por ano. Portanto, não desenvolveram aquela actividade contínua que desejariam. Por motivos financeiros e porque não tinham uma sala própria que lhes permitisse experimentar novos métodos de trabalho.

«Durante mais de um ano tentámos aproveitar uma garagem, um armazém ou uma cave de um prédio para fazer um teatro.

Mas, para além das rendas elevadíssimas que hoje se praticam em Lisboa havia ainda que custear uma série de obras de vulto que ficavam sempre a pertencer ao proprietário do prédio.

Foi então que nos ocorreu a ideia de aproveitar terrenos que a Câmara Municipal de Lisboa possui ainda sem plano de urbanização e sem qualquer construção, instalação ou aproveitamento. E para isso a construção da sala de espectáculos teria que se basear num sistema recuperável que no caso da Câmara necessitar do terreno, permitisse desfazer a construção e ir erigi-la noutro local em condições semelhantes». (declarou o Grupo 4).

Ali onde existe terra, lixo e ervas secas, vai nascer o teatro do Grupo 4. A título «precário»...

Depois de várias instâncias o Grupo 4 conseguiu que a Câmara lhe cedesse o terreno da Praça de Espanha a título precário.

Entretanto, os arquitectos Augusto Sobral e Gastão Cunha com a colaboração do teatro que terá possivelmente a lotação variável entre 260 e 340 lugares. O aproveitamento do espaço permitirá várias formas desde o palco clássico ao palco central e às cenas simultâneas.

O orçamento da construção está avaliado em cerca de 3 500 contos. Para já, o Grupo tem o subsídio de 1.000 contos do Fundo de Teatro e pediu à Fundação Gulbenkian a concessão de um auxílio económico para a construção do teatro. Por outro lado o dinheiro que faltar o grupo se encarregará de o arranjar através de créditos bancários ou outro sistema do género...

Para o grupo entrou mais um sócio. Agora já não são quatro, mas cinco. O quinto homem é Luís Supriano, maquinista teatral.

«Em vez de um capitalista temos como sócio um homem de teatro» (disse João Lourenço).

L.F.

DL/NACIONAL

O PÁROCO DE A VER-O-MAR APELA PARA ROMA CONTRA O ARCEBISPO

O pároco da freguesia de A Ver-o-Mar enviou para Roma o recurso contra a decisão do arcebispo de Braga, que o exonerou das suas funções em circunstâncias que se consideram lesivas dos direitos fundamentais e dos preceitos canónicos. O povo acompanha o padre Ângelo Faria da Venda e verbera o comportamento da junta de freguesia que acusa de ter instigado o arcebispo a tomar a decisão. Em correspondência de Braga, o representante do nosso jornal faz o ponto dos últimos acontecimentos, referindo factos lamentáveis que podiam ter sido evitados.

BRAGA, 3 — Seguindo as normas vigentes do direito e aconselhado por um perito em Direito, o pároco de A Ver-o-Mar, para salvaguardar o bom nome, honra e fama próprios e dos paroquianos, comunicara ao arcebispo, em carta de 27 do mês passado, que exigia se cumprissem as normas canónicas vigentes e que recorreria para Roma, dentro dos prazos legais, contra a decisão de exoneração tomada pelo arcebispo, pois trata-se de uma decisão que considera inválida e lesiva dos seus direitos pessoais.

Para ilustrar algo o nervosismo da Cúria de Braga, basta referir que o requerimento do pároco enviado em carta registada com aviso de recepção e porte-expresso, em data de 27 de Setembro, foi aberto pelo arcebispo e devolvido com o envelope original violado e com a palavra «recusado» escrita com a mesma máquina que utilizou para a direcção no envelope exterior. O evio do requerimento dentro do envelope original foi feito sem qualquer carta a acompanhá-lo. Esqueceram-se de que o aviso de recepção tinha sido assinado regularmente, sem qualquer escusa. No dia seguinte, todavia, dentro de um envelope simples, foi enviada pelo arcebispo uma carta ao pároco de A Ver-o-Mar em que se responde a que no dia anterior fora devolvida com o rótulo de «recusada» e em que se tenta rebater, ponto por ponto, todas as afirmações do pároco.

PRECIPITAÇÕES

Na manhã de domingo, 30 de Setembro, o pároco de A Ver-o-Mar recebe um telefonema do arcipreste da Póvoa e Vila do Conde informando que tinha tentado telefonar toda a noite sem nada conseguir, pois tinha recebido um documento de Braga, depois da meia-noite de sábado, com o pedido de ser lido ao pároco diante de seis testemunhas para depois ser colocado na porta da igreja paroquial. O pároco recusou terminantemente, alegando os motivos já expostos na carta ao prelado. E avisou que os desacatos seriam unicamente da responsabilidade de Braga.

Entretanto, numa manifestação de solidariedade, quatro sacerdotes amigos almoçaram com o padre Ângelo e conversaram animadamente.

No domingo à noite, a excitação popular não pôde conter-se, quando alguém tentava pregar na porta da igreja paroquial o citado decreto do arcebispo de Braga, que exonerava o pároco a partir da meia-noite desse dia. Houve mais de vinte feridos, entre os quais alguns polícias.

REACÇÃO POPULAR

Estivemos em A Ver-o-Mar e informámo-nos de tudo. Vimos o ar deveras estranho com que a multidão recebia os «forasteiros». Infundia medo. Percorremos a paróquia inteira e reparámos bem nos letreiros, escritos pela gente simples, de apoio incondicional ao seu pároco. Impressionou-nos sobremaneira verificar o destaque que punham na amizade do pároco pelos pobres e pelas crianças. Demo-nos conta de que a esmagadora maioria da população quer o pároco e exige-o para que reine a paz.

De A Ver-o-Mar seguimos pelas Caxinas, já em Vila do Conde, onde a situação é inversa: o povo não quer o pároco, quer o coadjutor. Pois continua o pároco e o coadjutor foi exonerado. A gente abandonou a freguesia aos actos de culto, muitos vão a Famalicão à missa, que é celebrada pelo coadjutor.

E o povo de A Ver-o-Mar comentava com espanto: o bispo tem tempo para presidir ao casamento de filhos de gente rica e permanecendo na Póvoa até altas horas da noite, ele, o bispo auxiliar, dois vigários episcopais e o arcipreste, e não está presente (nem o auxiliar, nem os vigários episcopais) para receber mais de mil averomarenses que se deslocam a Braga a pedir a permanência do pároco. Sabem da contradição existente nas Caxinas; alguns mais avisados também sabem o que está a suceder em Monsul, Póvoa de Lanhoso, onde o pároco foi denunciado já por oito párocos vizinhos aos competentes superiores, sem que nada tivesse resultado; sabe que pelos seminários fervilha um movimento de enorme e justificada contestação prestes a vir para a praça pública, sabe doutros casos lamentáveis que têm ocorrido em toda a diocese, e vai vacilando na fé simples. Isto exige precisamente que se recorra sempre ao cumprimento estrito das normas legais, no respeito sagrado pelos direitos invioláveis da pessoa, e tendo em atenção as justas aspirações das populações. Doutra forma, como construir a paz e a boa harmonia?

QUESTÃO DE DIREITO

Entretanto, ontem, dia 2 de Outubro, dentro do prazo legal e em cumprimento do referido ao arcebispo em carta de 27 de Setembro, o pároco de A Ver-o-Mar enviou o recurso para Roma, enquanto a comissão paroquial prepara o libelo que o competente advogado há-de introduzir na Rota Romana, para julgar o arcebispo primaz judicialmente, pelos danos materiais e morais causados.

A lei actual da Igreja expressa no Decreto Conciliar **Christus Dominus,** n.os 30 e 31 e no «motu proprio» **Ecclesiae sanctae,** n.º 20 (e tendo mesmo em consideração as normas canónicas antigas) não deixa lugar para dúvidas: embora em Portugal os párocos sejam chamados vigários ecónomos (ou outro nome qualquer) o certo é que figuram no Direito como párocos e gozam das respectivas prerrogativas quanto à defesa do próprio «munus» e da honra, fama e bom nome ligados ao exercício pastoral. A Igreja Universal procurou acautelar precisamente os casos de arbitrariedade e quer que sejam seguidas as vias legais. Isso pediu e pede o pároco de A Ver-o-Mar. Por ele a paz não é perturbada em A Ver-o-Mar. Outros são os que querem a guerra e o esmagamento dos justos desejos do povo simples.

O caso de A Ver-o-Mar vai levantar um problema que afecta todos os párocos da Arquidiocese de Braga e do próprio país: saber se afinal o Vaticano II é norma de actuação ou se no caso presente foi apenas um «bluff», uma mentira descarada que se serve da boa vontade e da falta de união dos sacerdotes.

Poderão os párocos de Braga gozar dos mínimos direitos fundamentais ou estão à mercê dos caprichos de meia dúzia de paroquianos «influentes» que a todo o custo querem vingar a deles, nada se importando com a única razão válida: o bem das almas?

O clero de Braga, os fiéis da arquidiocese, e os homens de recta formação em geral, interrogam-se apreensivos sobre o rumo que as coisas estão a tomar em Braga, sempre que um estilo de governo se apoie no desrespeito total das normas da Igreja e da vontade das populações.

CALMA POR ALGUM TEMPO

Esta é uma batalha que todos desejariam ver resolvida segundo a justiça, que o mesmo é dizer, segundo a vontade legítima e repetidamente manifestada da população de A Ver-o-Mar.

Entretanto, apesar dos ânimos excitados, o povo apenas exige que o pároco continue na freguesia e tudo indica que a vida paroquial prossiga normalmente, a menos que surjam circunstâncias extremas antecipando-se à decisão de Roma.

"DIÁRIO DE LISBOA"

Do Comando-Geral da G.F., recebemos um ofício de agradecimento pelo noticiário dado pelo «Diário de Lisboa» acerca das comemorações do Dia da Guarda Fiscal.

— ao cessar as funções de presidente da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, que desempenhou durante 15 anos, apresentou-nos cumprimentos o sr. Bento Parreira do Amaral.

Fizeram ultimamente referências ao «Diário de Lisboa» os prezados colegas «República», «Independência de Águeda» e «Jornal de Almada», entre outros. A revista «Rádio e Televisão» transcreveu, com palavras de aplauso, a nota de Manuel Geraldo intitulada «Histórias da Rádio».

ELECTRIFICAÇÃO DE POVOAÇÕES DO CONCELHO DE SINTRA

Onze povoações da freguesia de S. João das Lampas, do concelho de Sintra, passaram a dispor de electricidade desde sábado passado. As populações viram finalmente satisfeita uma aspiração de há muitos anos. No empreendimento foram gastos 1400 contos. São as seguintes as povoações beneficiadas: Alfaquiques, Derricães, Rio de Cões, Fachada, Pernigem, Barroteira, Aldeia-Galega, Chilreia, Codiceirá, Sacário e Casal da Junqueira. A população abrangida é de cerca de 1000 pessoas. Está em fase adiantada a electrificação das seguintes povoações: do mesmo concelho: Serração e Casal da Granja (Almargem do Bispo); Godigana, Concelho e Carne Assada (Terrugem); Olelas (Almargem do Bispo).

JF
ILUMINAÇÃO
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
Trv Fabrica dos Pentes, 8
Tel. 654165 · LISBOA

Abegão
VINHO DE MESA

revista motor

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Montijo em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o proc.º 8-51116, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Montijo, de: modificação, com diminuição de 164 m no comprimento e alteração da numeração dos postes da linha a 30 kV LI 30-63 Coina - S. Francisco, que passa a chamar-se LI 30-82 S. Francisco-Moita (1.º troço) ficando a derivar da subestação de S. Francisco e a terminar no seu poste n.º 17; linha aérea a 30 kV, LI 30-82 S. Francisco-Moita (2.º troço), com 5604 m, do seu poste n.º 17 ao n.º 47 em Montijo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 25 de Setembro de 1973.

Pel'O Engenheiro Chefe
Angelino Pires dos Santos

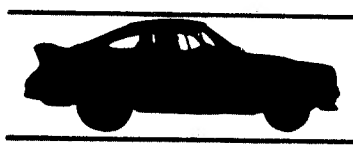
Curso de Pós - Graduação Interdisciplinar da Universidade Técnica

Começam no próximo dia 9 as aulas do 2.º ano do Curso de Planeamento Regional e Urbano, curso este que a Universidade Técnica organizou a partir do ano lectivo passado para frequência de diplomados com curso superior mas de diferentes qualificações base, constituindo, assim, o primeiro Curso de Pós-Graduação Interdisciplinar da Universidade Técnica.

O Curso tem a duração de dois anos, e ocupará, diariamente, meio tempo.

Aumenta o capital da C.C.N.

O secretário de Estado do Tesouro subscreveu a autorização de aumento de capital da Companhia Colonial de Navegação, de 150 mil para 420 mil contos, mediante a emissão de 450 mil acções do valor nominal de 600 escudos cada uma.


motor
revista

EXTERNATOS
São Vicente
Rua Edith Cavell, 8
(Ao Chile) Tel. 83 14 16
Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21/83 46 58
Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74/5
PREPARATÓRIO — LICEAL
COMERCIAL — ADM. INSTITUTOS
— ADM. UNIVERSIDADE —
MANHÃ — TARDE — NOITE

O NOVO EXTERNATO
(A BENFICA)
Rua Sousa Loureiro, 12 — Tel. 740300
— Junto ao n.º 409 da Estrada de Benfica
INFANTIL — PRIMÁRIO
CICLOS: PREPARATÓRIO E LICEAL
RESTAM AINDA ALGUMAS VAGAS

DL/NACIONAL

Abegão
VINHO DE MESA

Abegão
VINHO DE MESA

DENTRO DE UM ANO

Comboios de quatro carruagens em quase toda a rede do "metro"

Iniciar-se-ão muito em breve, devendo estar concluídas dentro de dois anos, as obras de ampliação das estações do «Metropolitano» do Intendente, Restauradores, Saldanha e São Sebastião, as quais passarão a ter capacidade para seis carruagens (actualmente duas), segundo informa o conselho de administração da empresa, em nota que nos enviou.

Como se sabe, e de acordo com o que, aliás, foi anunciado em reunião pública do Município, o Metropolitano realizara, recentemente, consultas para a execução dos trabalhos de ampliação daquelas estações, bem como do parque de material e oficinas; projectos de ampliação das restantes estações (16) de duas e quatro para seis carruagens; e estudos para o desenvolvimento da rede.

A programação das obras de ampliação das referidas quatro estações permite que dentro de um ano, após, a recepção de novas carruagens, oportunamente encomendadas, possa iniciar-se a exploração com composições de quatro carruagens, que servirão, desde logo, treze das vinte estações existentes, oferecendo um aumento global de capacidade de transporte de 50 por cento. Estas composições circularão alternadamente com comboios de duas carruagens, com paragem em todas as estações.

Salienta-se que as estações que não serão servidas nesta fase por comboios de quatro carruagens (Palhavã, Parque, Campo Pequeno, Picoas, Avenida, Socorro e Anjos) não são nunca seguidas e, na sua maioria, se compreendem no grupo das de menor movimento de passageiros.

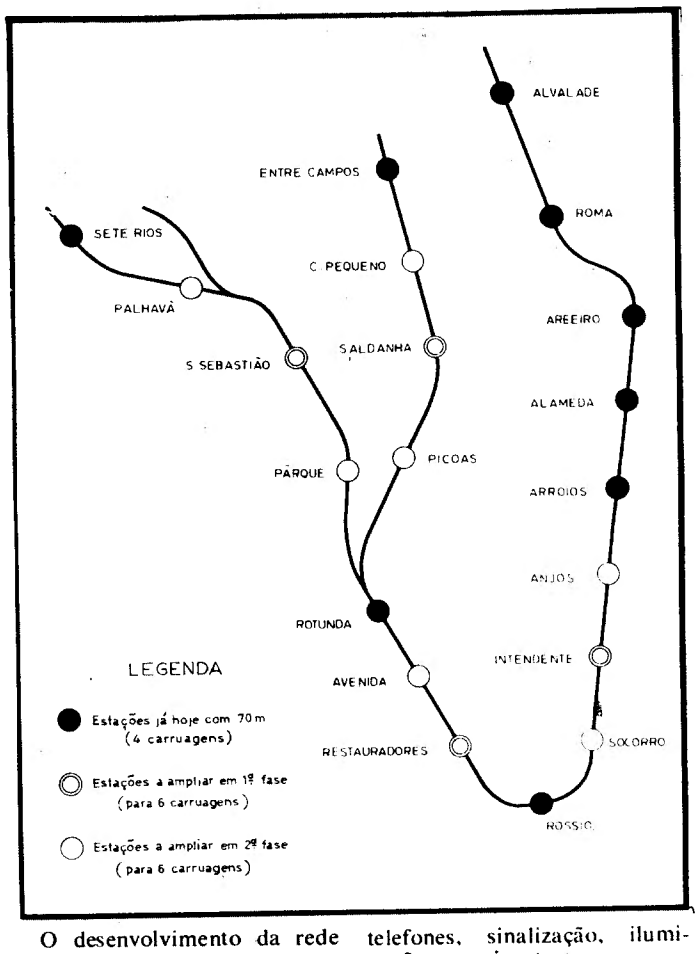
Projectos

A nota que nos foi enviada pelo Metropolitano acrescenta que a reconhecida urgência de ampliar toda a rede existente e a todas as composições o regime de comboios de pelo menos quatro carruagens leva a que se proceda imediatamente à execução de projectos de arquitectura e de engenharia para o alargamento de cais e restantes zonas de serviço de todas as estações que não sejam Intendente, Restauradores, S. Sebastião e Saldanha. Tais projectos, não obstante a complexidade de que se revestem e para a qual muito contribui a densa ocupação do subsolo da cidade, deverão ficar concluídos no prazo de dois anos, imediatamente após o que se ficará em condições de proceder ao concurso ou concursos para execução das respectivas obras.

Uma vez concluída esta fase, o Metropolitano não só passará a funcionar, em toda a rede, com composições de quatro carruagens como ficará apto a, quando necessário, oferecer comboios de seis carruagens capazes de, segundo as previsões possíveis neste momento, servirem as necessidades citadinas de transporte durante largos anos.

Estudos

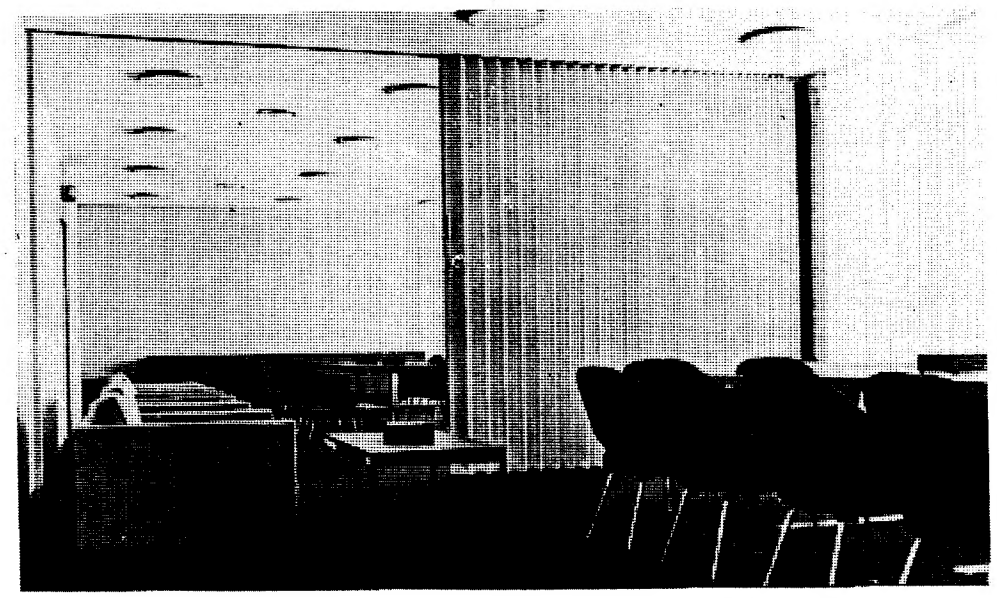
A expansão do «Metropolitano» exige um trabalho em profundidade. Estudos em curso visam não apenas a definição das futuras linhas mas também, em fases sucessivas, a execução dos próprios projectos de construção e escolha de equipamentos.



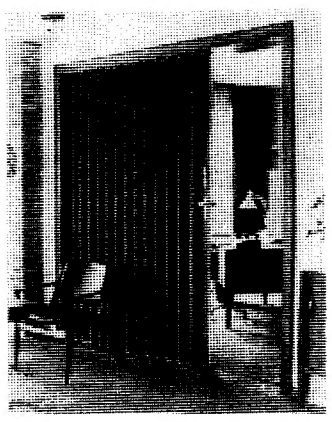
O desenvolvimento da rede compreende, assim, sondagens e inquéritos de tráfego, estudo dos condicionamentos urbanísticos existentes e futuros, levantamento topográfico, reconhecimento geotécnico, definição de traçados em fase de anteprojecto, elaboração do projecto definitivo das galerias, linhas, estações, parques de material e oficinas, esgotos, abastecimento de águas, telefones, sinalização, iluminação, energia, etc.

O prazo para a completa execução destes estudos é de dois anos, desdobrando-se de forma seguinte: estudo preliminar do desenvolvimento da rede (seis meses) e conclusão dos projectos parciais (de 12 a 24 meses, permitindo a adjudicação escalonada das diferentes fases das obras).

acordial



A MAIS COMPLETA GAMA DE PAREDES EXTENSÍVEIS



As portas ACORDIAL são realizadas em quaisquer dimensões, solucionando todos os problemas de divisão de salas.

Não roubam espaço aos móveis ou paredes, mantendo as suas qualidades decorativas.

Não necessitam de nenhuma calha nem guia na parte inferior, evitando-se assim que o revestimento do chão seja interrompido.

As portas ACORDIAL são de aço e napa, materiais da nossa época. O aço assegura-lhes uma longevidade incomparável e a napa uma variada gama de cores.

As portas de fole ACORDIAL são as que melhor correspondem aos desejos dos arquitectos e construtores, sempre que queiram aumentar as possibilidades de utilização duma área habitável.

SONORTE

SOCIEDADE DE ESTRUTURAS METALICAS DO NORTE, S.A.R.L.
ALFRAGIDE - Telef.: 97 06 15 / 97 22 14 / 97 32 42 · Apartado 2794 LISBOA
PORTO - CLOISALL PORTUGAL, LDA. • Apartado 317 • Tel. 989 2790 / 989 3190 / 989 3215

Quer falar
para Alegrete, Alpalhão, Castelo de Vide,
Marvão, Porto da Espada
ou Santo António das Areias?

De Lisboa (TLP) marque 0045,
seguido do número pretendido.

Doutras localidades marque 045,
seguido do número pretendido.

CTT

PARA SUA MAIOR COMODIDADE:

— Faça, se possível, as suas comunicações telefónicas antes das 10 e depois das 17 h.
— Se ouvir o sinal de ocupado não volte a marcar antes de decorridos 2 ou 3 minutos.
— Marque cuidadosamente o número pretendido.

DL/NACIONAL

ACTOS PÚBLICOS OPOSICIONISTAS NO 5 DE OUTUBRO

O 63.º aniversário da implantação da República, em 5 de Outubro de 1910, será comemorado com romagens, excursões, confraternizações e comícios republicanos em muitos pontos do País. Paralelamente, o Governo promove algumas cerimónias no dia da efeméride, que é feriado nacional

Noticiámos ontem as horas e locais de muitos dos actos comemorativos.

ROMAGEM AO CEMITÉRIO DO ALTO DE S. JOÃO

Em relação à data de amanhã, a CDE de Lisboa divulgou o seguinte apelo:

COMEMOREMOS O 5 DE OUTUBRO

«Vai comemorar-se o 5 de Outubro, data da implantação em Portugal do regime republicano.

Em 1910, a unidade das forças progressistas portuguesas conduziu ao derrube do regime monárquico, representante das camadas mais reaccionárias e retrógradas da nação.

Comemorar o 5 de Outubro é portanto recordar uma jornada que correspondeu a um esforço de progresso no nosso País.

A romagem ao cemitério do Alto de S. João convocada pelos Centros Republicanos de Lisboa corresponde ao respeito do povo português por todos aqueles que tombaram na luta por uma vida melhor, por uma vida liberta e libertadora.

Nem todos os companheiros que tombaram nesta luta se encontram nas campas do Alto de S. João. Encontram-se, porém, na memória do povo de Lisboa que no dia 5 de Outubro os recordará.

ÀS 11 HORAS DE 5 DE OUTUBRO NO CEMITÉRIO DO ALTO DE S. JOÃO

A Comissão da Freguesia da CDE da Amadora efectua no dia 5 de Outubro, às 21.30 horas, na sede da Comissão, Rua Diogo Bernardes, 12, uma sessão comemorativa da data da implantação da República em Portugal.

A reunião de democratas será presidida por Herculano Carvalho, tendo como oradores Carlos Carvalho, Vitor Dias, Pedro Coelho, candidatos do Movimento CDE de Lisboa, e ainda Orlando Gonçalves e Maria de Lurdes Machado Pires, democratas daquela freguesia.

No sentido de preparar esta sessão, realizou-se no passado dia 2 de Outubro, uma reunião de trabalho da Comissão da Freguesia da CDE da Amadora em que participaram mais de 120 democratas. Entre os assuntos tratados foi discutido um documento para ser distribuído à população, além de outras acções relacionadas com a sessão comemorativa do 5 de Outubro.

CONVÍVIO EM SINTRA

Os democratas do concelho de Sintra realizarão, na sua sede, Rua Guilherme Gomes Fernandes, n.º 2, uma ceia-convívio em que poderão participar todos os democratas do concelho

ÉVORA

A Oposição Democrática de Évora promove uma sessão de propaganda eleitoral em Viana do Alentejo, no dia 5 de Outubro (Cine-Teatro, 21 horas).

Os oradores são os candidatos oposicionistas do círculo (Ana Maria Alves, Areosa Feio, Iglésias dos Santos e Manuel João Passão) e ainda Mário Ventura Henriques, Binadade Velez, Joaquim Cardoso, António Justo Pires e António Manuel Murteira.

Os republicanos do distrito organizam, no mesmo dia, excursões que partem das sedes da CDE em Évora (rua de S. Domingos, 23), Estremoz (rua Alexandre Herculano, 65) e Montemor-o-Novo (rua 5 de Outubro). Nesta vila haverá também uma romagem às campas dos republicanos falecidos e um almoço de confraternização.

DISTRITO DE SETÚBAL

A **Comissão para as Comemorações do 5 de Outubro** no Barreiro, aguarda o deferimento do governador civil de Setúbal, com vista à realização de uma sessão comemorativa do 63.º aniversário da Proclamação da República, a ter lugar no **Teatro-Cine** Barreirense, às 21 horas do dia 5 de Outubro.

A sessão, inicialmente marcada para o **Clube 22 de Novembro**, foi agora transferida para o local acima referido, face às pressões que teriam sido exercidas por certas autoridades sobre a direcção daquele clube.

Protestando contra este acto, a Comissão do 5 de Outubro no Barreiro enviou já telegramas ao Presidente do Conselho, ministro do Interior e Governador Civil de Setúbal.

Para presidir à sessão do 5 de Outubro, estão indigitados Manuel Cabanas, Vitalina Machado e José Neto. Serão oradores os democratas Neutel Felizardo, Helder Madeira, José Guilherme Nunes, Alfredo Matos, Alvaro Monteiro e Odete Martins, que abordarão o tema geral **«Análise do processo histórico da Implantação da República».**

Os democratas de Almada participaram ao Governo Civil de Setúbal a realização de um acto público comemorativo do 5 de Outubro e destinado à apresentação dos candidatos da oposição democrática do distrito de Setúbal

A referida sessão está marcada para o salão de festas da Academia Almadense às 21 horas.

JOVENS DE ÉVORA INTERROGADOS PELA D.G.S

Da Comissão de Imprensa da CDE de Évora recebemos a seguinte informação: «A DGS começou ontem, naquela cidade, uma manobra de intimidação, convocando três jovens democratas para serem interrogados a propósito de uma Assembleia de Jovens Democratas do distrito de Évora, realizada na séde do Movimento, no passado dia 29 de Setembro.

Estão ainda convocados para prestar declarações outros dois jovens democratas e foram igualmente chamados à DGS o candidato Fernando Iglésias e um dos mandatários da lista da CDE de Évora.

Lisboa, 3 de Outubro de 1973

A Comissão Executiva do Movimento CDE de Lisboa»

JOVENS TRABALHADORES REIVINDICAM REGALIAS

Da Comissão de Imprensa da CDE de Lisboa recebemos o seguinte comunicado:

«Jovens trabalhadores democratas, reuniram-se em plenário onde foram discutidos os problemas que mais afectam a juventude trabalhadora portuguesa, nomeadamente: a grave exploração de que são vítimas, agravada ainda pela discriminação salarial, pois que para trabalho igual auferem salários bastante inferiores aos dos seus colegas adultos. Foi salientada a gravidade da situação da juventude trabalhadora na idade pré-militar, durante a qual defronta enormes dificuldades em arranjar emprego, de promoção dentro da empresa, além dos frequentes despedimentos em virtude das entidades patronais, na ânsia do lucro, não estarem dispostos a garantir o lugar durante os quatro anos de serviço militar.

Foi também focada a inexistência das liberdades democráticas, entre as quais: a ausência do direito de voto aos 18 anos, do direito de reunião, de expressão e de associação, dos direitos e liberdades sindicais e do direito à greve.

Foi denunciada a política obscurantista do Governo, que dificulta sob todas as formas o acesso ao ensino às classes trabalhadoras.

Decidiram aproveitar o período «eleitoral» para mais eficazmente se esclarecer a juventude sobre os problemas atrás focados.

Para a concretização dessas tarefas foram discutidas e decididas formas organizativas entre as quais a constituição da Comissão Democrática de Jovens Trabalhadores. Foram também criados grupos de trabalho virados para tarefas concretas, além dos necessários órgãos coordenadores.

Foram ainda aprovados moções de apoio ao povo chileno e à Unidade Popular, ao Movimento Democrático de Mulheres e feito um apelo à participação dos jovens na ampla movimentação que se avizinha.

A Comissão Executiva da CDE de Lisboa».

5 DE OUTUBRO: UMA NOTA DO GOVERNO CIVIL

Do Gabinete do governador civil de Lisboa recebemos a seguinte nota:

«Os actos comemorativos da implantação da República a realizar amanhã, dia 5 de Outubro, são, no distrito de Lisboa, circunscritos às cerimónias oficiais que o Governo promove e às que tradicionalmente têm sido autorizadas, as quais se revestirão da dignidade exigida pelo alto significado da efeméride».

ATROPELADO MORTALMENTE

COIMBRA — Depois de ter participado no combate a um incêndio, no lugar da Cegonheira, e quando se dirigia a casa, o bombeiro José Fernando Pereira, de 32 anos, residente nesta cidade, foi atropelado por um automóvel conduzido pelo viajante Vítor Penha Lopes, de 26 anos, residente em Rio Tinto. Transportado aos Hospitais da Universidade, chegou ali já sem vida. Deixa viúva e cinco filhos menores.

REMODELADO O SERVIÇO DE SANGUE DOS HOSPITAIS CIVIS

O Serviço de Sangue dos Hospitais Civis de Lisboa, que esteve instalado, em condições provisórias, no Hospital de D. Estefânia, voltou a funcionar no passado dia 1 nas antigas instalações, no Hospital de S. José, as quais foram devidamente remodeladas.

PRAIA GRANDE
(COLARES)

Passe os seus fins de semana no agradável e tranquilo Outono da Praia.

Hotel — Motel

Piscina — Restaurante — Selfe-Service — Bars — Sauna

Preços especiais do jantar de 6.ª feira ao almoço de domingo, tudo incluído, desde 360$00 para uma pessoa e 580$00 para duas pessoas.

Suites familiares até cinco pessoas.

Marque pelo telefone 29 02 76 — 29 02 77.

TEATRO AMADOR DA F.N.A.T.

ESPECTÁCULOS DEDICADOS AOS TRABALHADORES

Pelo **GRUPO CÉNICO DO CENTRO DE RECREIO POPULAR DE S. FÉLIX DA MARINHA — GAIA**

Em 5/10 no Cine-Teatro de Chaves
» 6/10 no Teatro Avenida Vila Real

«MÉDICO À FORÇA»

de Molière, tradução de Mário Braga

Grupo B 10 anos

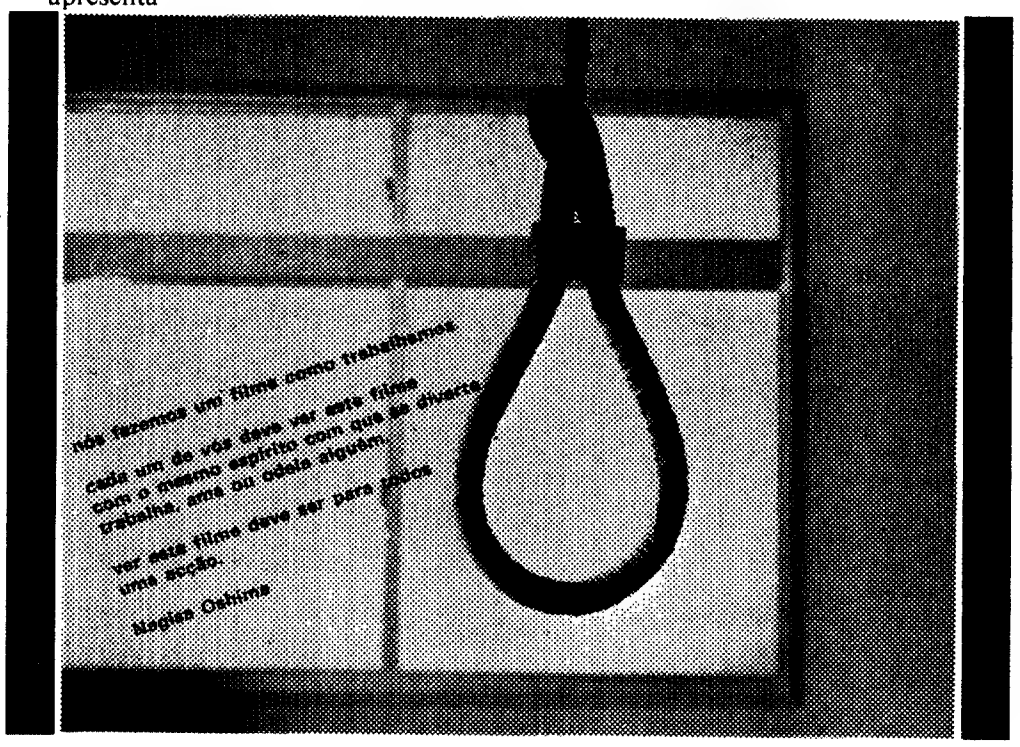
Pelo **GRUPO CÉNICO DO CENTRO DE RECREIO POPULAR DO BAIRRO DA BOA FÉ — ELVAS**

Em 7/10 — na Casa do Povo de Montargil

«A FORJA»

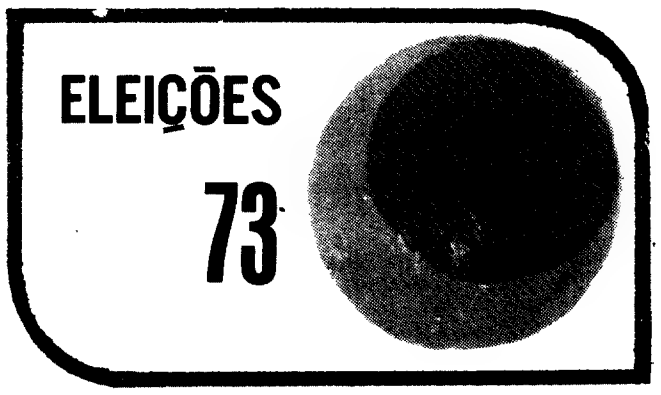
de Alves Redol Grupo D — 18 anos

animatógrafo apresenta estúdio NUCLEARIUM 2.ª SEMANA



Grupo D / 18 anos

O um filme de NAGISA OSHIMA enFORCAmenTO (Koshikei)



SESSÕES DE PROPAGANDA DA ANP

Em Leiria e em Vila Real realizam-se hoje sessões integradas na campanha de apresentação dos candidatos a deputados da Acção Nacional Popular.

A sessão de Leiria principia às 15 e 30 no Hotel Euro Sol, presidindo o eng. Lemos Proença e sendo oradores os candidatos eng. Magro Reis, dr. Vaz Lacerda e dr. Silva Pinto.

Em Vila Real a sessão começa às 21 horas no Teatro Avenida. Preside e faz a apresentação dos candidatos o dr. Miguel José Braz e usam da palavra os candidatos eng. Humberto Cardoso de Carvalho e Luís de Castro Saraiva e os drs. João António Teixeira Canedo e Manuel Pinto Freire.

No sábado, os candidatos pelo círculo de Brangança são apresentados durante uma sessão marcada para as 16 e 30 no Teatro de Mirandela. São eles os drs. Gonçalves Rapazote, Moreira Pires, Oliveira Pimentel e Rómulo Ribeiro, os quais participam no dia 21 numa sessão a efectuar em Bragança, em local a designar oportunamente.

Ainda no que se refere ao círculo de Leiria, estão já programadas as seguintes sessões de propaganda: Nazaré, dia 5, às 21 e 30. Alvaiade, dia 6, às 15 horas. Ansião, dia 6, às 17 horas. Pombal, dia 6, às 21 horas. Castanheira de Pera, dia 7, às 14 e 30. Pedrógão Grande, dia 7, às 16 e 30. Figueiró dos Vinhos, dia7, às 18 horas. Peniche, dia 8, às 17 horas. Caldas da Rainha, dia 8, às 21 horas. Bombarral, dia 9, às 17 horas. Obidos, dia 9, às 21 horas. Batalha, dia 10, às 17 horas. Porto de Mós, dia 10, às 21 horas.

A OPOSIÇÃO DO PORTO PUBLICA UM MAN À POPULAÇÃO

A Comissão Distrital da Oposição Democrática do Porto difundiu pela população nortenha um manifesto político que transcrevemos:

Identificando-se com os interesses e as aspirações do povo português e da população do nosso distrito, o Movimento Democrático do Porto tudo tem feito e fará, no sentido do efectivo aproveitamento do presente momento político.

Completado um ano sobre a primeira reunião ampla que relançou o Movimento Democrático, depois das largas movimentações de 69/70, é necessário fazer um balanço da actividade e dos progressos alcançados, no sentido de ampliar a acção e a eficácia, e impor o direito inalienável dos cidadãos portugueses de intervir na política nacional.

No agravamento da situação de Portugal, no campo económico, social, cultural, tem o povo, e os trabalhadores particular, sabido responder por meio de lutas diárias, com expressão significativa como a manifestação de dezenas de milhares de pessoas em 15 de Abril de 1972, em que a coragem e a combatividade se traduz em exemplos como aquele que deram os pescadores de Matosinhos, em greve durante mais de dois meses.

O Movimento Democrático foi incentivado pelo crescendo de movimentações e tem procurado alargar-se e corresponder às necessidades do momento da luta popular. Assim, reforçaram-se as comissões de trabalhadores, socioprofissionais, de mulheres, de jovens e de estudantes, numa unificação da acção de cada sector e na definicação dos objectivos comuns. Assim se reestruturaram as comissões concelhias do distrito, garantindo uma colaboração mais estreita com as populações e problemas locais. São já quase duas dezenas de comissões constituídas, o que significa uma base segura para o seu alargamento e a formação de outras que permitam uma ligação com o povo do distrito e a sua causa.

Entre as actividades desenvolvidas pelo Movimento Democrático do Porto destacam-se: a campanha pela amnistia dos presos políticos; as comemorações do 5 de Outubro e do 31 de Janeiro; a campanha democrática de recenseamento; a campanha de luta pelas liberdades políticas; o III Congresso da Oposição Democrática; a luta contra o aumento do custo de vida, nomeadamente as rendas; o direito de voto a partir dos 18 anos; a luta contra a repressão.

Cabe salientar, pela sua importância e participação de milhares de democratas de todo o País, o III Congresso da Oposição Democrática, na preparação e no decurso do qual os democratas do Porto tiveram actuação de destaque, apresentando teses colectivas e individuais, resoluções e moções e participando na grande manifestação que resultou da proibida romagem ao túmulo de Mário Sacramento.

As amplas perspectivas abertas em torno de objectivos definidos, o reforço da unidade democrática, o estreitamento e cooperação entre os distritos saíram fortalecidos. A realização de encontros nacionais tem prosseguido, com estimulante troca de experiências e conjugação de acção, sendo de referir os abaixo-assinados nacionais reclamando a libertação dos presos e amnistia total para todos os exilados e perseguidos políticos, etc.

A situação de crescente descontentamento popular e manifesta adesão ao Movimento Democrático, tem vindo o governo a responder com a arma em que cada vez mais se apoia a sua sobrevivência: a REPRESSÃO.

Prende vários democratas, sem apresentar para isso sequer culpa formada, como aconteceu aos que foram detidos no 1.º de Maio no Porto; reprime o direito de reunião, de que são exemplos a proibição do comício de 31 de Janeiro, as barragens que cercaram Aveiro durante o Congresso; multiplica as rusgas e auto-stops, que mais não são do que uma forma de controlar e intimidar; reprime brutalmente os estudantes, invadindo as Faculdades e impedindo reuniões; amordaça a Imprensa, vedando o seu acesso aos democratas (como aconteceu com a conferência de Imprensa pro-Congresso no Porto); mutila os jornais independentes e progressistas, tentando também estrangulá-los financeiramente; centenas de multas foram aplicadas sobre o direito de reunião e outras tantas aguardam julgamento (nomeadamente no Porto, em Braga e na Marinha Grande); tenta a todo o transe vedar as possibilidades de informação e propaganda, através da DGS (PIDE) que prende e intimida signatários do documento «Ao Povo do Norte» e ameaça as tipografias; bombardeia a população através da Televisão, Rádio e Imprensa, com discursos e comunicados demagógicos e ameaçadores, procurando anestesiar o povo e deformar a realidade, sem que ninguém os possa desmentir.

É neste contexto político que os membros da Comissão Distrital do Porto do Movimento De-

CARGUEIRO ESPANHOL CONTINUA ENCALHADO EM ESPOSENDE

PORTO, 4 — Ainda não se fizeram tentativas para safar das rochas o cargueiro de cabotagem espanhol «Ada Ferrer» que ontem encalhou ao princípio da manhã, na praia de S. Bartolomeu do Mar, em Esposende. Segundo nos informaram no local nada se fará enquanto não chegarem os representantes de uma companhia seguradora espanhola, o que não acontecerá ainda hoje.

Esta manhã os tripulantes continuavam a ser ouvidos na capitania. O «Ada Ferrer» é um velho cargueiro deficientemente equipado. Conhecendo esta situação, logo que se deu o encalhe, a tripulação, por ordem do comandante, abandonou o cargueiro num barco-boia, rebocado para a praia por uma traineira que se encontrava nas proximidades. A tripulação era constituída por oito pessoas que não sofreram qualquer ferimento.

OS HOMENS DO REGIME PROCURAM A VIA FÁCIL DE ASCENSÃO ECONÓMICA

—afirmou-se na sessão oposicionista de Leiria

«Acaso num regime de violência e repressão nos podemos dar ao luxo de ser desportistas-políticos, infantis, românticos, quixotescos ou suicidas? Não amigos. Nós estamos voltados para a vida e para as realidades nacionais. Nós somos a voz «necessária». Somos a marcha de protesto contra um regime anti-democrático e por isso mesmo contrário aos interesses nacionais. Somos o somatório temporal das justas lutas reivindicativas, que as classes trabalhadoras dos mais variados sectores sociais e sob as mais variadas formas desde há muito vêm a realizar» — foram palavras do médico Custódio Maldonado Freitas, candidato pela Oposição Democrática de Leiria, durante a primeira sessão pública que a CDE daquele distrito levou a efeito, na garagem do Hotel Euro-Sol, daquela cidade.

Presentes os restantes candidatos: Carlos Mota, oficial da Marinha Mercante; António José Guarda Ribeiro, advogado; Odete Santos, agente técnico de engenharia; Manuel Baridó, operário vidreiro e José Henrique Vareda, advogado, que presidiu à sessão.

«CONTRA A VONTADE DO POVO»

Nas paredes da garagem alguns cartazes: **«Os candidatos da CDE lutam pelo direito de reunião, associação e livre formação de partidos políticos», «a democracia não se recebe, conquista-se»**

Antes do começo da sessão, guardou-se um minuto de silêncio em memória de Salvador Allende.

Referindo-se ainda à actual campanha, disse o dr. Maldonado Freitas: **«Os homens do Governo e da Acção Nacional Popular procuram e disputam sofregamente a promoção política neste regime, a via fácil de ascensão económica... são directos responsáveis de mais de um milhão de analfabetos, de uma previdência clinicamente mentirosa, da ruína social e económica da emigração.»**

Terminou fazendo considerações sobre a razão de participação na actual campanha e afirmando que **«nenhum regime pode governar sempre contra vontade do povo».**

PANACEIA MILAGROSA

No momento em que se preparava para falar o candidato suplente, Henrique Neto, o representante da autoridade interveio não o permitindo dado que apenas os candidatos efectivos podiam discursar.

Gerou-se discussão e debate entre a numerosa assistência, tendo entretanto sido aceite, por votação, a imposição do GovernoCivil, não podendo assim discursar os candidatos suplentes: Henrique Neto e dr. Amilcar Pinheiro, que falariam respectivamente sobre Televisão e Problemas Sociais. Foram ainda enviados telegramas de protesto ao governador civil e ao presidente do Conselho.

O operário vidreiro Manuel Baridó, falou seguidamente. Trabalhador desde os 13 anos e com 19 anos de prisão, participaçao no movimento grevista da Marinha Grande de 1926, Manuel Baridó defendeu a existência de sindicatos livres, o direito à greve, férias pagas a todas as classes, além de outras regalias sindicais.

O dr. António José Ribeiro falou sobre o ensino acentuando que **«a panaceia milagrosa do dr. Veiga Simão só será possível com a alteração das actuais estruturas sociais».**

A seguir falou o oficial de Marinha Mercante, Carlos Mota, que se debruçou sobre aspectos do capitalismo e da sociedade no nosso País. Acentuou a concentração de capital, a destruição de milhares de pequenas e médias empresas, a emigração de um milhão e quinhentos mil portugueses

A candidata Odete Santos fez uma pormenorizada análise da situação da mulher em Portugal.

Finalmente, o dr. José Vareda proferiu as palavras finais, referindo-se, nomeadamente, à guerra colonial, tendo a sessão terminado exactamente às 24 horas, por imposição legal.

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA 257

CONFIE NA
Ourivesaria da GUIA
GARANTIA DE PROBIDADE E COMPETÊNCIA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA EM COIMBRA

COIMBRA — No sábado, às 21 e 30, o Movimento Democrático deste distrito promove, na respectiva sede, uma conferência de Imprensa para apresentação dos candidatos.

M

Do Movimento Democrático de Mulheres do distrito de Setúbal recebemos o seguinte comunicado:

«MANIFESTO À MULHER DO DISTRITO DE SETÚBAL»

Cada vez em maior número, e mais graves, são os problemas que se nos deparam hoje em dia a nós, mulheres portuguesas, desde sempre mantidas numa situação de inferioridade, numa sociedade caracterizada pela exploração dos que trabalham.

Na análise da situação da mulher portuguesa devem-se distinguir dois tipos de problemas, que estão naturalmente relacionados:

— Os problemas da mulher enquanto problemas de todos os portugueses submetidos à exploração pela sociedade capitalista;

— e os problemas que atingem mais especificamente a mulher, e que derivam da maior exploração do trabalho feminino, da falta de assistência materno-infantil, etc.

No nosso distrito, em que se concentra um grande número de indústrias, elevado número de mulheres vende a sua força de trabalho em troca de salários de metade (ou menos) daquilo que ganharia um homem. Além disso os ritmos de trabalho desumanos, as péssimas condições de higiene e segurança, a falta de assistência na gravidez é quase inexistente, assistência infantil são outros problemas graves que nos afectam.

DL/NACIONAL

IFESTO

de Fevereiro, vêm publicamente reafirmar, em conformidade com os objectivos expressos na Plataforma Mínima a sua determinação de lutar:

Pelas liberdades fundamentais (direito de reunião, de associação, e de expressão nos planos políticos, cultural e sindical);

Contra todas as formas de repressão;

Contra a guerra em Angola, Moçambique e Guiné.

Contra a carestia da vida e a tentativa de congelamento dos salários;

Contra a dominação dos monopólios e do imperialismo estrangeiro.

A decisão tomada pelo Movimento Democrático de apresentar candidatos democráticos, proclamada em Fevereiro ao Povo do Porto, foi determinada essencialmente como um meio de alargar a luta por esses objectivos e mobilizar para ela a larga maioria dos portugueses que com ela se identificam.

Não tomaram os democratas do Porto essa atitude movidos por ilusões eleitoralistas, mas antes também como um meio de defesa de verdadeiras eleições livres em Portugal.

A palavra de ordem do momento é, pois, tudo fazer para que a próxima campanha «eleitoral» (a desenvolver com base nos métodos de organização e direcção definidos na Plataforma Mínima aprovada no plenário distrital de 21/1/73) se transforme numa efectiva batalha pela conquista das liberdades, e pela independência nacional, pela instauração de um regime democrático capaz de resolver os problemas vitais do Povo e da Nação.

MESA-REDONDA COM OS CANDIDATOS DA ANP?

«Estamos a atravessar um dos piores períodos em Portugal. Nem no tempo mais crítico do Governo de Salazar tal se verificou», afirmou ontem durante uma conferência de Imprensa o candidato da Oposição Democrática de Aveiro, dr. Álvaro Seiça Neves.

Tais palavras haviam sido suscitadas pela questão posta pelo representante do «DL» acerca das dificuldades encontradas pela Oposição na presente campanha eleitoral.

COMISSÕES DE BASE

A reunião com os Órgãos de Informação dos candidatos da Oposição de Aveiro visou dar a conhecer o respectivo programa e ainda as razões da participação no acto eleitoral. Estavam presentes, além do dr. Seiça Neves, os candidatos, dr. Neto Brandão, Mário Rodrigues e dr. Manuel Andrade, e ainda outros elemento ligados à CDE local.

Logo no início da conferência o dr. Seiça Neves sublinhara a unidade existente no Movimento Democrático de Aveiro, dizendo:

«O Movimento Democrático em Aveiro é um movimento de perfeita unidade à semelhança do ocorrido em outras campanhas eleitorais. Nunca houve divisão entre nós.»

O candidato Mário Rodrigues, representante da Juventude do distrito de Aveiro referiu o facto de o sector dos jovens ser neste momento o mais bem organizado e apontou a sua actividade em alguns concelhos

Deu-se ainda a conhecer durante a reunião que dentro de dias será divulgado o calendário das sessões a realizar em todas as sedes dos concelhos e que se estão a estruturar comissões de mulheres e comissões de base sócio-profissional.

Finalmente, e a propósito de outra pergunta de um jornalista, um dos candidatos da CDE de Aveiro afirmou estarem dispostos a travar uma mesa redonda com os candidatos da ANP para debate dos grandes e importantissimos problemas do distrito.

Seiscentos «extremistas» foram presos no Chile

SANTIAGO DO CHILE, 4 (FP) — Foram presos na cidade de Concepcion 600 «extremistas» chilenos e estrangeiros — anuncia a polícia, sendo apreendidas na mesma ocasião grande quantidade de armas, explosivos, equipamentos de rádio e outro material.

Por outro lado, em Nuble foram presos dez «extremistas» somando-se a 74 outros, uns chilenos e outros estrangeiros, já presos na mesma localidade. Eram possuidores de armas, postos emissores e duas camionetas roubadas — indicou a polícia de Nuble.

Também em Lebu foram presos seis membros de uma escola de guerrilheiros e sete «activistas armados». Por outro lado o comando militar de Temuco anunciou que anteontem dois «extremistas» que tentavam fugir da prisão militar onde se encontravam foram mortos pelas sentinelas.

SESSÕES DE PROPAGANDA

OPOSIÇÃO

LISBOA — Hoje, na Sociedade Nacional de Belas Artes, às 21 horas.

MARINHA GRANDE — Hoje, no Sport Império Marinhense, às 21 e 30 e no dia 6, na «Ordem».

AVEIRO — Amanhã, dia 5, sessão de abertura da campanha eleitoral no Teatro Aveirense, às 21 e 30.

COVILHÃ — Amanhã, dia 5, sessão de propaganda eleitoral no Cine-Teatro da Covilhã, às 21 horas.

PORTO — Amanhã, dia 5, no Coliseu do Porto, às 21 horas.

CASTELO BRANCO — Amanhã, dia 5, às 21 e 30.

COIMBRA — Amanhã, dia 5, em Condeixa, às 21 horas.

PENICHE — Depois de amanhã, dia 6, na sede da CDE, às 21 horas.

TOMAR — Depois de amanhã, dia 6, sessão de propaganda eleitoral da CDE de Santarém.

MATOSINHOS — Sessão eleitoral da CDE do Porto, no dia 7, no Cine-Teatro Constantino Nery, às 22 horas.

ANP

PORTO — Dia 9, às 21 e 30.

LEIRIA — Hoje, às 21 e 30, no hotel Euro-Sol.

VILA REAL — Hoje, às 21 horas, no teatro Avenida.

BRAGANÇA — Depois de amanhã, dia 6, às 21 e 30.

CASTELO BRANCO — Depois de amanhã, dia 6, às 21 e 30.

AVEIRO — Domingo, dia 7, em Águeda.

SETÚBAL — Nod ia 9, às 21 e 30, no Grémio das Conservas de Peixe.

ACTIVIDADE DA CDE NO DISTRITO DO PORTO

PORTO, 4 — Está prevista para amanhã, ao meio-dia, uma romagem ao cemitério do Prado do Repouso «aos que tombaram na luta pela Democracia», segundo informação que colhemos junto da CDE deste distrito.

REUNIÕES DEMOCRÁTICAS

Na sede da CDE realizar-se-á, no sábado, uma missão de esclarecimento sobre problemas dos empregados de escritório. E, no domingo, uma outra sessão, sobre problemas de empresas públicas e privadas, para o dia 15 está prevista uma sessão sobre problemas dos engenheiros.

A CDE EM GONDOMAR

Está já a funcionar a nova sede da Comissão Concelhia de Gondomar da CDE do Porto, que se situa na Rua de Medancelhe, 128, em Rio Tinto.

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

Foi adiada para a próxima terça-feira, a conferência de Imprensa que estava prevista para ontem e durante a qual se espera seja divulgado o «programa de acção» da Oposição Democrática do Porto.

RECOLHA DE FUNDOS

foi decidido, na última reunião da Comissão Concelhia da CDE do Porto, o alargamento das comissões de fundos, coordenadora e de comícios.

No final da mesma reunião foi feita uma recolha de fundos, entre as pessoas que estavam presentes.

Entretanto, a comissão de fundos pôs à venda carteiras de fósforos, com «slogans» da campanha eleitoral.

TELEGRAMA À EMBAIXADA DO CHILE

Foi remetido à Embaixada do Chile, em Lisboa, pela CDE, um telegrama do seguinte teor: «Protestando contra prisão Luís Corvalan prestigiado dirigente povo chileno ameaçado de morte, exigimos sua imediata libertação, bem como de todos outros patriotas chilenos vitimas política terrorista Junta Militar».

DEMOCRATAS MULTADOS

Por terem participado no encontro realizado em Leiria, no passado dia 30 de Setembro, foi enviado aos membros da delegação do Movimento Democrático do Porto, um aviso de multa (2 250$00) por transgressão ao N.º 1 do Art.º 3.º do Decreto-Lei N.º 450, de 14 de Novembro de 1972.

anifesto às mulheres de Setúbal

Vejamos alguns exemplos elucidativos daquilo que se passa nalgumas das mais importantes indústrias do distrito.

HÁ VÁRIOS ANOS QUE NÃO HÁ AUMENTO DE SALÁRIOS GERAIS

Na CUF — Zona Têxtil onde trabalham cerca de 1000 mulheres os ordenados diários são de 44$00 a 73$00. O trabalho processa-se em péssimas condições de higiene, em que a poluição constitui um atentado constante à saúde e vida das operárias, sendo frequentes as intoxicações (motivadas pelo pó dos fios e pelos gases de outros fabricos vizinhos). O ritmo de trabalho é infernal.

Na GEFA o ordenado é de 55$00 diários e o ritmo de trabalho intensissimo, agravado pelo sistema de «prémios» que pretende incutir o espírito de competição, visando o patronato obter maiores lucros.

Na Automática é de 56$00 diários o ordenado, as condições de trabalho são criminosas pois o trabalho minucioso exige uma aplicação total da vista, o que origina que em 5 anos as trabalhadoras fiquem inutilizadas, sendo afastadas do trabalho sem qualquer reforma.

Na Indústria Corticeira, ainda importante na zona da Moita, embora em diminuição, os salários variam entre 55$00 e 72$00 diários para as operárias escolhedoras, enquanto que o trabalho de menores é explorado: — uma operária de 15 anos ganha 25$00 diários; de 16, 35$00 diários; de 17, 42$50 diários, mais de 17, 50$00 diários. As condições de trabalho são geralmente precárias. Não há refeitórios, não há trabalho melhorado durante a gravidez, não há condições de higiene e segurança, etc.

A INDÚSTRIA CONSERVEIRA

Na indústria conserveira, radicada em Setúbal e Sines, que emprega cerca de 3000 operárias, a situação é caótica, com falências sucessivas e períodos de paragem. As operárias, a grande maioria não-efectivas, ganham 6$00 por hora só nos dias em que há trabalho, e de Janeiro a Março não trabalham. No período em que não trabalham não têm direito a assistência médica e a reforma é dada depois dos 50 anos no montante de 800$00.

E esta a situação da mulher trabalhadora, e se a essa condição associarmos a de mãe e esposa, tudo piora bastante, pois é quase inexistente a assistência materno-infantil: não há creches, infantários ou escolas pré-primárias. Se a situação da mulher trabalhadora é gravíssima, a da mulher doméstica não é melhor, já que leva uma vida de constante sacrifício, trabalhando sem direito a qualquer remuneração e ficando sempre numa posição de dependência em relação ao homem (sendo de realçar que a mulher trabalhadora também se ocupa das lidas da casa).

A todos estes problemas vêm-se somar outros gravíssimos, que não sendo especificamente nossos, mas sim da maioria do povo, nos dizem particularmente respeito, devido à nossa situação de gestora da economia familiar. Referimo-nos ao aumento do custo de vida; ao aumento constante dos géneros, do peixe, da carne, enfim, todos os elementos de primeira necessidade. Como se pode comprar carne a 80$00 o quilo? O peixe de qualidade média a 40$00 e 50$00? Com ordenados de 60$00, 70$00 ou 80$00 diários (ou mesmo de 100$00)? E como se pode pagar rendas de casa de 1500$00 e mais, mensais? Os preços aumentam mais que os ordenados (o que origina a inflação). A justificação desta situação está no desenvolvimento do capitalismo em Portugal.

REIVINDICAÇÕES

Em breve vão efectuar-se «eleições» para deputados à Assembleia Nacional. Ninguém ignora o significado de tal acto em que o governo irá eleger os seus representantes escolhidos do partido único: Acção Nacional Popular. O governo irá fazer mais uma mascarada «eleitoral» igual a outras já feitas anteriormente em que pretende iludir, quer o povo, quer a opinião estrangeira.

Nós mulheres portuguesas, sujeitas á super-exploração e à discriminação de toda a ordem devemos aproveitar a oportunidade que se abre para levantar bem alto a bandeira das nossas reivindicações devemo-nos unir para transformar o período eleitoral numa grande campanha política pela solução dos nossos problemas e pela conquista das reivindicações do povo português.

— salário igual para tarefas iguais;

— trabalho mais leve durante a gravidez;

— cantinas em todas as fábricas a preços acessíveis e mais tempo para o almoço;

— redução de horários e melhoria de condições para o trabalho especializado (indústria electrónica);

— redução de horário para as tarefas executadas em pe;

— garantia de assistência no parto e na doença;

— criação de infantários, creches e escolas pré-primárias oficiais gratuitas e de espaços verdes para as crianças;

— criação de escolas para crianças inadaptadas ou diminuídas físicas;

— condições para a efectiva participação da mulher nos seus sindicatos e em todos os níveis da vida política e económica;

— pela total igualdade dos direitos cívicos e contra a situação de inferioridade social, económica e política.

Como cidadãs nacionais devemos lutar:

— pela conquista das liberdades democráticas fundamentais; — contra a repressão;

— contra a exploração capitalista e pela melhoria das condições de vida;

— contra o domínio dos monopólios e contra a submissão ao imperialismo;

— pela resolução dos problemas locais.

Movimento Democrático de Mulheres do Distrito de Setúbal

NOVA SESSÃO DE PROPAGANDA DA OPOSIÇÃO DO PORTO

PORTO, 4 — Na vasta sala do Coliseu do Porto, realiza-se amanhã a segunda sessão pública da C. D. E. do Porto. Segundo um comunicado distribuído na noite de ontem, informa que são os seguintes os candidatos oradores, com os respectivos temas a abordar: Horácio Guimarães (o M. D. P. e a guerra Berta Monteiro (o M. D. P. e a mulher no trabalho), Sousa Pereira (o M. D. P. e o ensino), César Príncipe (o M. D. P. e as vítimas do regime), Pina Moura (o M. D. P. e a amnistia), Peixoto Almeida (o M. D. P. e o sindicalismo), António Mota (o M. D. P. e a luta dos trabalhadores), Cassiano Lima (o M. D. P. e a saúde) e Macedo Varela (o M. D. P. e a legislação eleitoral).

Entretanto Maria Lamas, em telegrama que enviou para a sede da Comissão Democrática Eleitoral do Porto, informa que não poderá estar presente na sessão que se realizará amanhã, à noite, no Coliseu.

A escritora havia sido convidada por sugestão da candidata Berta Monteiro, no decorrer de uma sessão interconcelhia de mulheres. Em dada altura do texto do telegrama lia-se: "Abraço Movimento Democrático do Porto. Estou convosco incondicionalmente".

Segundo nos informaram é, também, problemática a presença de Maria Lamas na homenagem que a Casa da Imprensa lhe dedica, no próximo sábado.

Entretanto, foi já paga a quantia de cinquenta contos pelo aluguer do Coliseu, onde se efectuará a sessão de amanhã, que será presidida pelo dr. Raul de Castro.

PRODUTOS PARA A ALIMENTAÇÃO ANIMAL

Foram revistas as características dos produtos para a alimentação animal, através de um diploma que fixa também as designações, tipos e características dos alimentos para animais, tendo enconta a «evolução constante dos conhecimentos sobre nutrição animal e o condicionalismo económico em que actualmente se processa a preparação de alimentos para animais».

DL/ESTRANGEIRO

REGADA COM GASOLINA E QUEIMADA VIVA

NOVA IORQUE, 4 (EFE-ANI) — Uma mulher branca de 24 anos morreu queimada viva ao ser, ontem obrigada, por quatro jovens negros a regar-se com gasolina, informou a Polícia de Boston (Massachusetts).

Evelyn Wagler, conduzia o seu automóvel por uma das ruas de Boston, quando, ficando sem gasolina, se dirigiu a uma estação de serviço, onde encheu uma lata de gasolina, após o que, no regresso, foi assaltada por quatro jovens de cor.

Segundo a Polícia, depois de a forçarem a regar o corpo com gasolina, os jovens acenderam um fósforo e pegaram-lhe fogo, pelo que, transformada numa tocha, pereceu pouco depois.

Antes de morrer, Evelyn pôde ainda dizer á Polícia que um dos causadores do incidente a tinha ameaçado, dias antes para que não viesse naquele bairro, no qual, ao que parece predominam os residentes de raça negra.

A Polícia de Boston declarou que até ao momento não tinha detido nenhum suspeito da morte da vítima.

JOSÉ FIGUERES AMEAÇOU FAZER ROLAR CABEÇAS

SÃO JOSÉ DA COSTA RICA, 4 — (R) — O presidente José Figueres ameaçou ontem declarar o estado de emergência e advertiu de que «cabeças rolarão» se não for posto termo a uma vaga de greves que se tem vindo a verificar no país.

Numa mensagem radiodifundida, o presidente disse que a Guarda Nacional recebeu ordem para se manter nos seus quarteis onde tem permanecido.

«Se, a situação não for resolvida, as garantias constitucionais serão suspensas e rolarão cabeças» — acrescentou.

O aviso do presidente seguiu-se a uma greve verificada na terça-feira, em que participaram funcionários dos serviços de electricidade e de telecomunicações, greve que ameaçou alastrar a outros sindicatos da Costa Rica.

Figueres acusou os dirigentes sindicais de serem traidores e de trabalharem tendo apenas em vista vantagens pessoais. Acrescentou que os dirigentes dos sindicatos estão a tentar paralisar os caminhos de ferro, os portos e as refinarias de petróleo.

Pedindo às mulheres da Costa Rica que persuadam os homens a desistirem de paralisar o país, o presidente Figueres disse: «Estou cansado de trabalhar para o benefício de todos os costa-riquenhos. Vamos acabar com os vagabundos».

Leia este texto até ao fim. Vamos pensar juntos no dia de amanhã...

O FUTURO NÃO SE ADIVINHA: APRENDE-SE!

A segurança da família depende em grande parte, senão na totalidade, de si. Ora, a sua vida **não está,** exactamente, na sua mão.

Já pensou nisto?

1 – Se fizer um Seguro de Vida por prazo determinado – digamos, 20 anos – e chegar ao fim do contrato de boa saúde, como esperamos, sabe as vantagens que isso lhe traz?

2 – Se tiver, ocasionalmente, um problema financeiro a exigir rápida solução, sabe como um Seguro de Vida o pode ajudar?

3 – Um acidente nem sempre é mortal. Pode provocar uma incapacidade permanente. Sabe como o Seguro pode minorar essas consequências?

4 – Se tivesse morrido ontem – em que condições se encontrariam hoje os seus?

As Companhias de Seguros respondem-lhe:

1 – Ao fim dos 20 anos (que podem ser 25, 30...) receberá a importância que capitalizou quase sem dar por isso, através do Seguro de Vida, na sua totalidade ou sobre a forma de uma renda. Ou seja: um excelente apoio para aquela idade em que os cabelos começam a branquear.

2 – A sua Companhia de Seguros poderá conceder-lhe um empréstimo, garantido pela sua apólice, se qualquer problema financeiro o apoquentar. Mais: nunca deixa de estar coberto pelo Seguro que fez, durante o prazo desse empréstimo.

3 – Existem coberturas complementares que possibilitam o pagamento de indemnizações, em caso de invalidez permanente.

4 – No caso extremo que referimos, muitas hipóteses se podem pôr. São os filhos a educar, é a casa ou o carro que ainda não estão pagos, é o nível de vida dos seus que precisa de se manter.

O Seguro não evita necessariamente que as coisas aconteçam. Ele serve, sobretudo, para lhes minorar as consequências.

As Companhias de Seguros existem para cuidar do seu Futuro. Confie nelas. Directamente, ou através dos seus Agentes e Vendedores.

ESPIRAL

O SEGURO PROTEGE O FUTURO

DENUNCIADOS A LA PAZ TRINTA BOLIVIANOS

LA PAZ, 4 — (R.) — O Governo boliviano disse hoje ter obtido os nomes de 30 pessoas que alegadamente conspiraram para promover uma revolução esquerdista, a partir de uma lista dactilografada encontrada na secretária do falecido presidente Salvador Allende, do Chile.

O ministro do Interior, Walter Castro Avendano, disse que a lista com os nomes dos 30 bolivianos havia sido entregue ao Governo de La Paz pelo conuul geral boliviano em Santiago do Chile.

A lista foi encontrada numa das gavetas da secretaria do dr. Allende, acrescentou o ministro.

Castro Avendano revelou ainda que a lista era uma prova de que a alegada conspiração contra o presidente Hugo Banzer foi planeada fora da Bolívia.

O Governo revelou a alegada conspiração há 10 dias e prendeu vários dirigentes trabalhistas e políticos das esquerdas.

Os conspiradores deviam receber auxílio do Chile, de Cuba e das guerrilhas argentinas, anunciou o Governo de La Paz.

LIPPMANN MELHORA

NOVA IROQUE, 4 (UPI-ANI) O jornalista Walter Lippmann, que ontem foi hospitalizado em estado grave depois de ter sofrido uma embolia cerebral, «melhorou ligeiramente», segundo um informador do hospital.

Lippmann, de 84 anos, é o decano dos jornalistas norte-americanos e foi galardoado com o Prémio Pulitzer pos duas vezes.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Diamantino da Silva, Rua Elias Garcia, 241-1º-Esqº AMADORA

DL/ESTRANGEIRO

Elliott Roosevelt, (à direita) um filho do falecido presidente dos Estados Unidos que reside actualmente em Portugal, desmentiu ontem em Washington, perante uma subcomissão senatorial de inquérito, as afirmações de Louis Mastriana (à esquerda) segundo as quais estaria envolvida numa tentativa de assassínio do primeiro-ministro das Bahamas, Oyden Pindling. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Manifestação contra Pretória esperada nas Nações Unidas

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 4 (R) — A Assembleia Geral enfrenta hoje a perspectiva de cocorrer pela segunda vez em dois dias um abandono maciço da sala de sessões por parte dos delegados quando o ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Hilgard Muller, se prepara para discursar no organismo de 135 países.

Muitos delegados africanos, asiáticos e comunistas sairam ontem da sala quando o ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, proferiu um discurso.

A Africa do Sul, que pratica a separação racial, e Portugal que controla vastos territórios em Africa, são há muitos anos alvo de ataques na ONU.

Registava-se especulação sobre se a manifestação contra o dr. Muller se limitaria a um abandono da sala ou incluiria um desafio directo ao seu direito de representar a Africa do Sul, com a sua maioria negra africana.

A Assembleia escutará ainda hoje o primeiro discurso proferido até agora durante a actual sessão por um chefe de Estado africano, quando o presidente Mobutu Sese Seko do Zaire se dirigir ao foro mundial.

Um episódio tenso, que aumentou o drama da sessão de ontem, ocorreu quando o embaixador soviético Jacob Malik, apoiado por um grupo de outros delegados do bloco comunista, pediu acção urgente para salvar a vida do chefe comunista chileno Luís Corvalan, que afirmou correr o perigo de ser executado em Santiago do Chile pela nova Junta Militar.

O representante chileno, Raul Bazan, desmentiu tal afirmação, dizendo à assembleia que Corvalan, embora acusado de ter organizado uma força militar para lutar contra o Exército do Chile, não fora ainda julgado.

Quando Barrody asseverou que o delegado chileno lhe chamara parvo, o subsecretário geral para os assuntos da Assembleia Geral, F. Bradford Morse, dos Estados Unidos, levantou-se do seu lugar e dirigiu-se à tribuna, mantendo-se entre os dois diplomatas.

Outro orador na sessão de hoje será o ministro austríaco dos Negócios Estrangeiros, Rudolf Kirchschlaeger, que se aguarda responda às críticas ontem feitas contra o seu Governo pelo seu homólogo israelita Abba Eban.

Eban declarou que a decisão da Austria de encerrar o centro de trânsito de Schoenau para emigrantes judeus soviéticos a caminho de Israel, como parte de um acordo com guerrilheiros árabes em troca da libertação de quatro refens, «deixou-nos atónitos».

Qual será o futuro de um mundo em que dois piratas e criminosos podem levar uma nação orgulhosa à aceitação das suas condições? — perguntou o ministro israelita.

A ONU anunciou ontem que o seu alto comissário para os refugiados não tinha qualquer mandato para se envolver na operação do centro, como fora dugerido pela Austria.

ISRAEL VAI ATACAR CRÊ-SE NO LÍBANO

BEIRUTE, 4 (EFE-ANI) — Israel pensa atacar as fronteiras com a Síria e o Líbano. Tal é a opinião abertamente expressa ontem em Beirute pelos meios chegados à resistência e por um certo número de informadores da Imprensa.

Nos círculos palestinianos crê-se — sendo esta opinião comprtilhada pelas esferas oficiais — que o «mecanismo» começou. O ataque de um comando palestiniano na Austria e o êxito político que se seguiu devem desencadear agora uma «operação punitiva» sobre os países árabes. Assim ocorreu frequentemente no passado.

MOVIMENTOS BLINDADOS

Vários diários das mais diversas tendências, como o «Al Hayat», o «Al Anuar» e o «Al Moharrer», indicam que os movimentos de blindados israelitas nas zonas fronteiriças são constantes e que o estado de máxima alerta foi decretado para as tropas sírias.

Segundo testemunhos recolhidos de pessoas que visitaram essas regiões nos últimos dias, unidades jordanas e sírias executaram movimentos conjuntos e dispõem-se a fazer frente a um ataque. O contingente enviado por Marrocos para as regiões sírias ocupadas tomou igualmente posições.

Existe actualmente nos meios diplomáticos e militares uma impressão inédita: a de que uma invasão israelita enfrentaria uma resistência maior do que no passado, o que confirmaria a recriação da frente oriental árabe e poderia dar um rumo diferente à crise do Médio Oriente.

NORTE-VIETNAMITAS NA SÍRIA E NO EGIPTO?

BEIRUTE, 4 (EFE-ANI) — O Egipto e a Síria solicitaram que peritos norte-vietnamitas treinem o seu pessoal militar no manuseamento de mísseis terra-ar Sam, de fabrico soviético — anuncia o diário «An Nahar», de Beirute.

Citando círculos diplomáticos da capital libanesa, o diário afirma que o genral Nguyen Giap, ministro norte-vietnamita da Defesa, visita Damasco na segunda quinzena de Novembro, devendo igualmente deslocar-se ao Cairo.

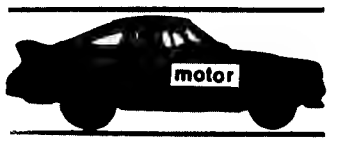
PLANO PALESTINIANO

ESTOCOLMO, 4 (FP) — Os árabes preparavam um novo Munique (a matança das Olimpíadas) no campo de refugiados judeus de Schoenau» declarou o chanceler austríaco Kresiky ao correspondente do jornal sueco «Dagens Nyheter». «Nós sabíamos, acrescentou, de um plano extremamente minucioso de ataque maciço contra o centro de Schoenau, plano que caiu em poder da polícia depois da prisão de uns terroristas árabes».

AMEAÇA À URSS

BEIRUTE, 4 (UPI-ANI) — A organização de guerrilhas palestinianas que levou a cabo a operação de Viena advertiu que atacará interesses soviéticos em todo o mundo se a União Soviética continuar a conceder autorização a judeus soviéticos para partirem para Israel — anuncia o diário de Beirute «An Nahar», que afirma ter recebido uma carta nesse sentido assinada pela organização «águias da revolução palestiniana».

É a primeira vez — fazem notar observadores — que na história das relações entre a URSS e os palestinianos, uma organização de guerrilha se refere tão rudemente à União Soviética.



LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS

13.899 — 9.600.000$00
12.914 — 900.000$00
35.330 — 300.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÊMIO

13.898 — 30.540$00
13.900 — 30.540$00

PREMIOS DE 30 CONTOS

1.956; 2.973; 3.754; 3.924; 8.083; 8.882; 12.681; 16.124; 16.856; 18.177; 19.083; 19.181; 19.912; 19.919; 20.181; 23.823; 23.904; 26.744; 27.161; 29.983; 30.200; 37.764; 37.776; 39.768; 40.733; 41.613; 42.142; 46.696; 46.901; 47.906; 48.665; 48.857.

PREMIOS DE 960$00 (CENTENAS)

12.901 a 13.000; 13.801; a 13.900 e 35.301 a 35.400

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

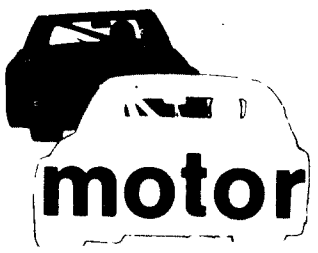
Todos os numeros cujos três algarismos finais sejam 269; são contemplados com 1.800$; em cada bilhete, os terminados em 052, 070, 094, 116, 352, 660, 782, 810 ou 924 são contemplados com 1.200 -00. Por sua vez os numeros cujos dois algarismos finais sejam 67 ou 74 são premiados com 960$00 Os restantes numeros cujo ultimo algarismo terminação seja 9, têm direito ao premio de 600$00. tambem em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 9.600 contos da Sorte Grande (1.º Prémio) foram distribuidos aos balcões da CASA DA SORTE

COMBATE FEROZ

SANTA CRUZ DE TENERIFE, 4 (FP) — Um combate feroz pôs ontem frente a frente sete pescadores e um espadarte. O peixe venceu. Um dos marinheiros morreu afogado e a traineira foi a pique. A tripulação tinha lançado as redes, duas milhas ao largo da costa de Tenerife. Quando as puxaram, um espadarte prisioneiro atacou o barco e furou o casco.



AGORA...
NO MARCO INCOMPARÁVEL DE
MIRAFLORES LUX
o "MIRAFLORES CLUB"
DAS 19.30 ATÉ DE MADRUGADA COM
SHEGUNDO GALARZA e seu CONJUNTO
NO
KING RESTAURANT
E NO
PIANO BAR
(CINCO ESTRELAS)
ÁS 6as FEIRAS NOITE DE GALA
NO TAPAS BAR
AS DELÍCIAS GASTRONÓMICAS DOS BARES ESPANHÓIS
NO
NITO'S·DISCOTECA·BOITE
BAILE ATÉ DE MADRUGADA - FREQUÊNCIA SELECCIONADA
PISCINAS - ÁGUA TEMPERADA
SOLARIUM BAR
ESPLANADA
Director artístico: Shegundo Galarza
Director técnico: Alifonso
UM CONJUNTO QUE PRESTIGIA PORTUGAL
RESERVA DE MESAS PELOS TELEF. 21 78 72 ou 21 78 74
Estoril
CLUB
MIRAFLORES
Algés
Restelo
Sintra
Campismo
Marquês Pombal

PRESER diz Quem é Quem

O nome de quem dirige cada um dos sectores de uma empresa.

Quem produz?

Que empresa? Que actividade? Que negócio? Onde? Quando? Como? Quem contactar?

— **As fichas Preser respondem!**

Quem compra?

Quem precisa de comprar? O que se compra? Quem chefia o aprovisionamento? Quem decide?

— **As fichas Preser respondem!**

Quem vende?

Quais as empresas? O que têm para vender? Quem desempenha cargos ligados às vendas?

— **As fichas Preser respondem!**

As empresas. A sua actividade.
O pacto social e suas alterações.
O capital e suas actualizações. Quem compra.
Quem vende. As assinaturas que obrigam a empresa.
Data da fundação. Registo. Notário.
Filiais, dependências ou delegações. A administração.
Os sócios. Os gerentes. Os «quadros».
Fichas Preser: todas as informações
não confidenciais dos sectores ligados à economia.
Todas estas informações têm a confirmação
das empresas a que se referem.
O contrário é referenciado na ficha.
Fichas fàcilmente manuseáveis sempre actualizadas.
Todas as informações que precisa.
Os negócios e quem os promove.
Os contratos e quem os assina.
As negociações e quem as realiza.
Poupando tempo e dinheiro: dirigindo-se à pessoa exacta na função competente.

PRESER

uma ponte entre empresas

Av. Infante Santo, 65, 6ºEsq.º Lisboa 3-TELEF.-674191/2/3

A CORRIDA DE F. 2 DO ESTORIL

Nomes famosos entre os inscritos

Nada menos que 31 pilotos, em representação de 13 países, estarão presentes no dia 21 de Outubro, no Autódromo do Estoril, onde disputarão a primeira corrida de Fórmula 2 disputada entre nós.

Entre os inscritos contam-se alguns nomes dos mais conhecidos no automobilismo mundial, entre os quais se destacam Emerson Fittipaldi, Ronnie Peterson ou Jean-Pierre Jarier, que este ano conquistou o Campeonato da Europa de Fórmula 2.

Mas muitos outros nomes de pilotos conhecidos pelas suas actuações quer na Fórmula 1 quer na Fórmula 2, integram igualmente a lista de participantes onde Mário de Araújo Cabral é até agora o único português, correndo integrado na equipa oficial da March. Um Surtees está no entanto inscrito para um outro piloto português, não tendo ainda sido divulgado o seu nome.

Estão inscritos os seguintes pilotos:

Emerson Fittipaldi e Ronnie Peterson (Texaco Star); Jean-Pierre Jarier, Mário de Araújo Cabral, Hans Stuck Jr., Motohara Kurosawa, Mazami Kuwashima, Vittorio Brambilla, Bill Gubelmann, Roland Salomon, Roland Binder e John Lepp (March 732), Wilson Fittipaldi e Carlos Reuteman (Brabham BT 40), Tim Shencken, henri Pescarolo, Bob Wollek, Jean-Pierre Jaussaud e Tom Pryce (Motul M1), Carlos Pace, Jochen Mass, NN (Surtees TS 15), Silvio Moser (Surtees TS 10), Hiroshi Kazato, Bertil Roos, Noritake Takehara, Reine Wisell, Sten Gunnarson, Claude Bourgoignie (GRD 273), Georges Shaefer (Pygmee MDB 17), e Jean-Pierre Jabouille (Elf 2). A prova será disputada em daus «mangas» de 30 voltas cada, sendo a classificação obtida pelo somatório das duas «mangas». Integram ainda o Troféu Antódromo do Estoril, corridas de Grupo 1, Grupo 2, Grupos 3/4/5 e Troféu Datsun, o que no conjunto com a corrida de Fórmula 2 constituirá um interessante programa de automobilismo.

Incêndio numa fábrica de madeiras

OLIVAL BASTO — No lugar da Mariz, desta freguesia, uma pequena fábrica de madeiras e móveis pertencente a António da Silva Campos, foi totalmente destruída por um incêndio, elevando-se os prejuízos a cerca de 200 contos. Aquela unidade fabril inseria-se num conjunto de sete barracões onde estão instaladas outras indústrias. E só a acção pronta dos Bombeiros de Odivelas, depois coadjuvados pelos de Camarate, Zambujal e B.S.B., evitou que o fogo se propagasse aos outros blocos, bem como a algumas habitações que rodeavam a fábrica.

UMA HISTÓRIA ÉPICA DE TORRES DE MADEIRA, HOMENS DE FERRO... E UMA MULHER INDOMÁVEL!

O MELHOR FILME DO FESTIVAL DE MOSCOVO DESTE ANO

A música de HENRY MANCINI para este filme foi editada pela RCA

GEORGE C. SCOTT
FAYE DUNAWAY
JOHN MILLS
JACK PALANCE

O POÇO do ÓDIO
(OKLAHOMA CRUDE)

escr. MARC NORMAN mus. HENRY MANCINI poem. de HAL DAVID prod. e real. por STANLEY KRAMER
cont. ANNE MURRAY (Capitol Records) "SEND A LITTLE LOVE MY WAY" PANAVISION GRUPO D 18 ANOS
Distribuído por COLUMBIA & WARNER

HOJE às 21.30 - ESTREIA NO MONUMENTAL

SOREFAME

Sociedades Reunidas de Fabricações Metálicas, S. A. R. L.

Sede em AMADORA: Rua Vice-Almirante Azevedo Coutinho

AUMENTO DE CAPITAL

DE 160 000 PARA 250 000 CONTOS

SUBSCRIÇÃO PÚBLICA DE 25 000 ACÇÕES

Avisam-se os Senhores Subscritores de que, tendo sido recebidos 49 953 Boletins correspondendo a um total de 1 392 583 acções, houve que proceder a rateio do modo seguinte:

PEDIDOS	ACÇÕES ATRIBUIDAS
Até 22	Nenhuma
23 a 74	1
75 a 199	2
200 a 500	3
501 ou mais	4

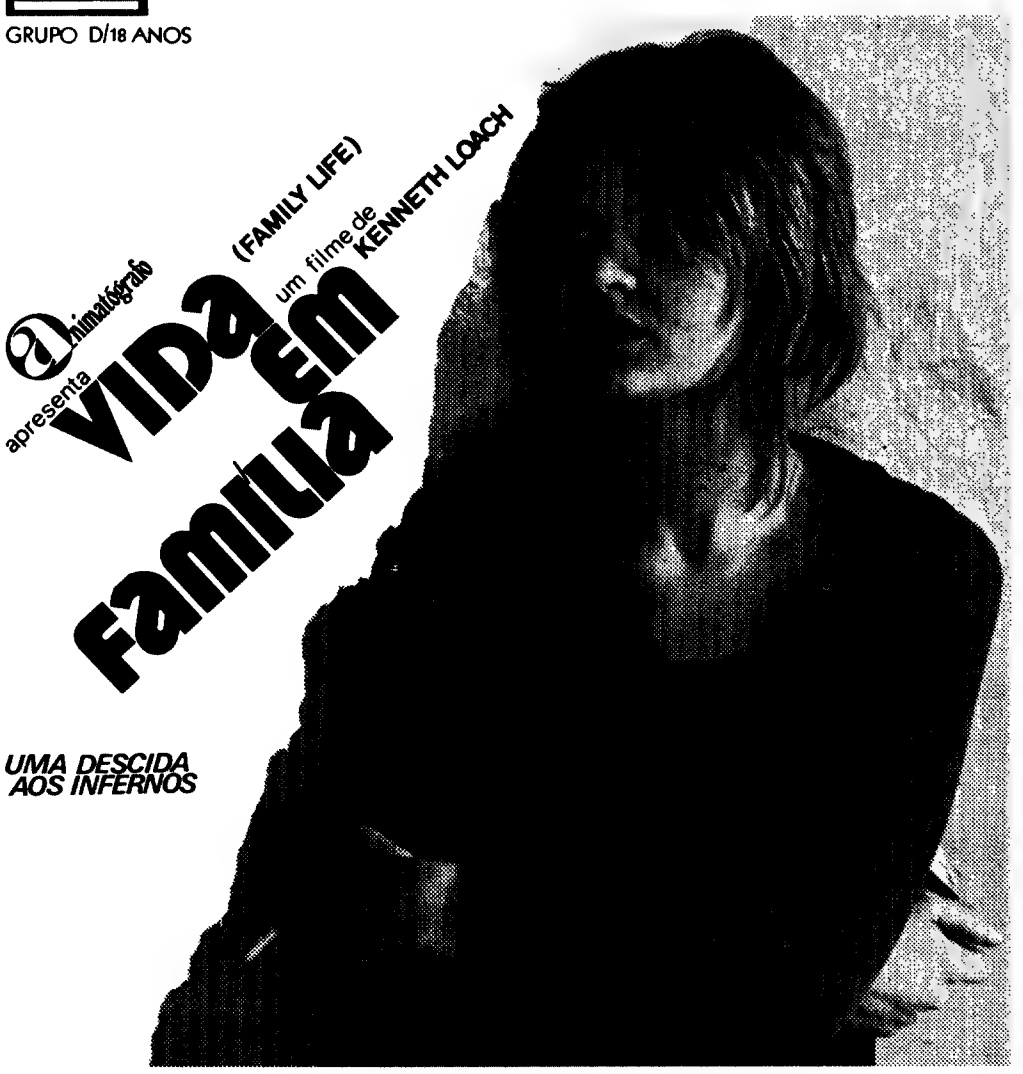
Os Senhores Subscritores poderão, a partir do dia 8 de Outubro, contactar os Bancos onde efectuaram a subscrição, para devolução das importâncias excedentes e regularização dos seus boletins de subscrição.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

estúdio 444

AMANHÃ ESTREIA ÀS 21.45 H.

GRUPO D/18 ANOS



SEXTA-FEIRA: SESSÃO SUPLEMENTAR ÀS 0.30 HORAS

1.º ANO DO 1.º CICLO

Há 10 vagas para alunos/as num colégio particular muito conhecido no Bairro Alvalade Tel. 726928.

COMPRAM-SE

Comedores em chapa, usados, para ovinos. Resposta a este jornal ao N.º 931.

Instituto de Línguas de Algés

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 h. e das 17 às 22 h. excepto sábados

MATRÍCULAS ABERTAS PARA OS CURSOS
A INICIAR EM 1 DE OUTUBRO

O seu nome poderá ser famoso!

CONCURSO FOTOGRÁFICO INTERNACIONAL

Nikon 1973

aberto a todos os possuidores de aparelhos fotográficos **NIKON** em todo o mundo — amadores e profissionais

A alta perfeição mecânica e óptica dos aparelhos **NIKON** torna-os instrumentos de grande valia na produção fotográfica.

Os seus 250 diferentes acessórios e 42 objectivas, representam uma extensa gama de possibilidades que estimulam a criação artística.

No ano de 1971, um grande fotógrafo português conquistou, sensacionalmente, o 2.º Prémio Mundial neste Concurso, glorificando o nome de Portugal!

No ano passado outro notável amador português conquistou também uma boa classificação

O Júri constituído pelos melhores fotógrafos japoneses, seleccionará os trabalhos dos concorrentes, classificando-os e atribuindo-lhes prémios: medalhas em ouro, prata e bronze, a oferta de valiosos artigos **NIKON** e inúmeras Menções Honrosas

O Concurso encerra a 31 de Outubro do ano corrente

Colha os proveitos que a sua **NIKON** lhe oferece, participando no maior Concurso Fotográfico do Mundo!

Conquiste um primeiro lugar em Tóquio!
A sua NIKON abre-lhe o caminho da glória!

CONCORRA!

Peça boletins de inscrição com todos os pormenores ao seu habitual revendedor **NIKON**.

CONCURSO FOTOGRÁFICO INTERNACIONAL **Nikon**

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/51142 para o estabelecimento na freguesia de S. Lourenço de Azeitão, concelho de Setúbal, de modificação, sem aumento de comprimento, da linha aérea a 15 kV, RA 15-30-3 Quinta da Conceição, sendo substituídos os antigos postes n.ºs 3 e 4 por um com o n.º 3 em S. Lourenço de Azeitão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Setembro de 1973.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

OS Tecidos Almirante, Lda.

— AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

CONTINUAM A VENDER

A PREÇOS POR MUITO MENOS

DE METADE DO SEU VALOR

VESTIDOS PARA SENHORA

SEDA, ALGODÃO E EM MALHA
AO PREÇO ÚNICO DE 90$00

CAMISAS PARA CRIANÇA

67 % POLYESTER (NÃO PASSA A FERRO)
APENAS POR 40$00

CALÇAS P.ª CRIANÇA	CALÇAS P.ª SR.ª e HOMEM
VELUNILE	AO PREÇO ÚNICO
APENAS POR 85$00	DE 125$00

— VISITE-NOS E CONFRONTE —

POIS O SEU DINHEIRO TEM O DOBRO DO VALOR

DL/GERAL

RECOMENDAÇÕES AOS AUTOMOBILISTAS

Prevendo para domingo, dia 7, grande movimento nas estradas do país, a Direcção-Geral de Viação recomenda aos automobilistas o seguinte:

«Se vai para Lisboa:

—E se vem da zona costeira da margem norte, a sul das Caldas, não entre em Lisboa pela auto-estrada do norte. Siga por Torres Vedras e Malveira ou por Friceira e Sintra.

—Se passa por Santarém, siga por Almeirim, Porto Alto e Vila Franca.

—Na margem sul, vindo de Vendas Novas, ao chegar a Pegões siga por Moita, Coina e Ponte Salazar.

—Se vem de Mora ou Coruche no Infantado siga também por Moita, Coina e Ponte Salazar.

Se vai para o Porto:

—E vem do Norte, recomendamos-lhe que evite seguir pela Estrada Marginal (N. 13).

E... seja prudente. Não faça manobras arriscadas, cumpra o Código da Estrada, e circule a velocidade moderada».

Cursos de bailado de Luna Andermatt

Tem início no dia 8 de Outubro o ano lectivo na Escola de Bailado de Luna Andermatt. As inscrições podem ser feitas até ao dia 16. Os cursos englobam classes de iniciação, de aperfeiçoamento e de especialização. Os horários são concordantes com a frequência escolar e universitária.

LUSTRES

de brilho inexcedível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

EXTERNATO JOSÉ RÉGIO

ABERTAS AS INSCRIÇÕES

CICLO PREPARATÓRIO — LICEU

LABORATÓRIOS PRÓPRIOS

Familiares de alunos — Descontos especiais — Militares

Rua Joaquim Bonifácio, 8, 2.º (a 2 minutos do Metro-Anjos) — Telefs. 56 18 97 / 56 12 68
—— Expediente: 16 às 21.30 horas ——

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreo-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente,, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/51144 para o estabelecimento nas freguesias e concelhos do Montijo e Alcochete, de modificação, sem aumento de comprimento,, com instalação dum novo poste com o n.º 15 e alteração da numeração destes de parte da linha a 30 kV, RA 30-29 Montijo-Firestone, passando a chamar-se RA 30-82-1-1 Variante Montijo-Firestone, ficando a derivar do poste n.º 2 da linha RA 30-82-1 subestação do Montijo e a terminar no poste n.º 18 da linha LI 30-60 S. Francisco-Firestone.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 25 de Setembro de 1973.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Grândola em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/51145 para o estabelecimento na freguesia e concelho de Grândola, de uma linha aérea a 30 kV, RA-30-9--26-1 Serração Carqueijeiro, com 819 metros, do poste n.º 5 da linha RA 30-9-26 Câmara Municipal de Grândola (Amoreira) ao posto de transformação da Serração Carqueijeiro em Grândola.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 26 de Setembro de 1973.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa a que se refere o processo 8/51139 para o estabelecimento na freguesia e concelho do Montijo, de modificação com um prolongamento de 163 metros e alteração da numeração dos postes de parte da linha RA 30-29 Montijo-Firestone que passa a chamar-se RA-30-82-1 subestação do Montijo passando a derivar do poste n.º 17 da linha LI 30-82 S. Francisco-Moita e terminando nas subestações do Montijo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 25 de Setembro de 1973.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

TACA DOS CAMPEÕES: OLIMPYAKOS, 0-BENFICA, 1 DL/DESPORTOS

BENFICA: UM ESPECTÁCULO RARO FASCINOU AS GENTES DO PIRÉU

«O inglês dizia: tiro da equipa quem não chutar bolas para cima da baliza. Hoje limitámo-nos a cumprir as instruções de Cabrita com preocupações defensivas até sentirmos os gregos na mão. Depois, bolinha no chão, passes e acelerações rápidas a partir do meio campo. Ou seja: tocámos a música que nos mandaram tocar».

As palavras são de Malta da Silva e explicam perfeitamente o jogo de ontem, no Pireu (Atenas), em que o Benfica voltou a derrotar o Olympiakos por 1-0 (golo de Nené) eliminando o campeão helénico da «Taça da Europa» e deixando os espectadores completamente rendidos à beleza do futebol, quando ele é jogado à portuguesa.

Não somos chauvinistas. Mas, neste caso, temos mesmo de utilizar o termo «futebol à portuguesa». Ou seja: o único estilo de jogo que interessa a jogadores por natureza inferiores fisicamente e que não crescem centímetros por mais preparação que se lhes dê, nem recuperam a subir e descer escadas o atraso (melhor dizendo: diferença) morfológico em relação aos povos da Europa Central e do Norte. Quem não tem cão, caça com gato. E o jogador português terá de jogar com as armas que lhe são naturais: habilidade, malandrice e genica. Com preparação física correcta e ao nível da alta competição, bolinha rasteira, passes e mais passes, desmarcações e acelerações, podemos competir. Doutra forma, não.

E foi exactamente como dizemos ser necessário aos futebolistas portugueses jogarem, que o Benfica venceu (e convenceu) após uma primeira parte altamente espectacular e que nos fez recuar no tempo.

Foi de tal ordem que, no final do encontro, os benfiquistas nem pularam, nem exteriorizaram alegria por aí além. Antes se foram reunindo no centro do relvado, como se fossem iniciar a partida, com toda a naturalidade, para saudarem a assistência com uma vénia à japonesa (coisa antiga do «team») e receberem a mais estrondosa ovação da noite. O estádio repleto (menos aqueles que sairam no momento da marcação do segundo golo) aplaudiu os portugueses, como que a agradecer-lhes a lição recebida.

Foi uma lição cara: (os bilhetes eram de 200, 120, 100 ou 80 dracmas) mas que tão cedo não será esquecida. O próprio treinador grego reconheceu:

— **No campeonato grego não há equipas com este estilo e esta qualidade de futebol e, por isso, os meus jogadores acusaram a mudança. Ficaram surpreendidos com a maneira como o Benfica entrou a jogar (muitíssimo melhor do que em Lisboa) e, como não formam ainda um conjunto homogéneo, desorientaram-se. Nós temos bons jogadores, mas vieram de vários clubes e é preciso jogarem juntos mais vezes para se conhecerem.**

Cabrita, por seu turno, na balbúrdia depois do jogo, respondeu-nos: «**Foi à portuguesa. E então? Só agora é que sabe que tem de ser assim?**»

Depois, contou:

— **A ideia era guardar a bola e obrigar os gregos a correrem e a desgastarem-se, física e animicamente. Depois, a nossa superioridade veio ao de cima e ganhámos com facilidade. No momento da vitória tenho de dar os parabéns à equipa e à massa associativa, por continuarmos na «Taça dos Campeões». Temos equipa para voos mais altos**

Por DANIEL REIS
nosso enviado especial

O SEGUNDO GOLO

O resultado foi mesmo de 1-0. Golo marcado por Nené (aos 29 minutos do primeiro tempo). A bola veio da ponta direita, após passes entre Toni e Malta da Silva. Da bancada, tinha-nos parecido que Eusébio é que atrasara a bola para Nené, mas o marcador do golo disse-nos que não: «**Eusébio fez o primeiro remate. A bola bateu num defesa e ressaltou. Eu vinha em corrida, apanhei-a de frente e rematei com um bocadinho de colocação**».

Foi um belo golo (acrescentamos nós) e ainda por cima recebido em silêncio sepulcral no Estádio do Pireu (construído antes da guerra mas restaurado e completado com uma pista de «tartan» e dois marcadores electrónicos (20 000 dracmas) para os campeonatos europeus de atletismo de 1968).

Mas, Nené ainda marcou outro tento (mais do que lícito) e falhou uma oportunidade tremenda a um minuto do fim. «**A bola esteve lá dentro, bem uns dois palmos**», garantiram-nos Nené, Eusébio, Nuno Ferrari (que tirava «bonecos» atrás da rede) e vários camaradas da Imprensa grega. O árbitro, quando lhe perguntámos se a bola estivera ou não dentro da baliza, disse que não compreendia: e que era melhor falarmos com o intérprete. O intérprete fez sinal que não era nada. E, o curioso da questão é que antes de pedirmos explicação deste lance já tínhamos falado bastante com o árbitro e ele sempre compreendera. Inclusivé para nos dizer que o jogo fora de nível médio e que o Benfica merecera ganhar por ser mais técnico.

No lance, a bola saíu dos pés de Toni, após arrancada fortíssima pela ponta direita, conduzindo a luta em corpo-a-corpo directo com um defesa até à pequena área. O cruzamento saíu na conta, por alto, e Nené tocou de cabeça para o golo que o árbitro não quis ver. Acentue-se que Toni teve uma arancada similar no último minuto de jogo, que só não foi golo por manifesta infelicidade de Nené. A bola vinha a preceito, a dois metros da rede e rente à relva. Nené meteu o pé, mas a bola ressaltou na relva irregularíssima e passou-lhe por entre as pernas. Isto prova a excelente capacidade física de Toni e a sua resistência: que deu até ao derradeiro minuto.

UMA VITÓRIA SEM ESPINHAS

Os nossos colegas da manhã já devem ter escrito as perícias do encontro, nomeadamente nos lances fundamentais. Por isso, passamos um bocadinho de lado neste capítulo, dizendo apenas que a vitória benfiquista não ofereceu dúvidas de qualquer espécie. Na primeira parte, então, o Benfica assenhoreou-se da bola e não a largava nem por nada. Isto, depois do quarto de hora inicial, em que os gregos atacaram com verdadeiro ímpeto, valendo na circunstância a resistência «tesa» de toda a equipa, mas muito especialmente de Messias, que parecia um catedrático a desarmar com a cabeça ou com os pés e a iniciar logo o contra-ataque. Sobrou-lhe ainda tempo para «dobrar» Adolfo, quando este avançava. Um bravo para o bravo Messias.

Além do quarteto defensivo (para três avançados, sobrando quase sempre Humberto) o Benfica iniciou o encontro com quatro homens no meio (Simões muito descaído sobre a esquerda e sobre a sua defesa, para evitar os lançamentos ao veloz ponta-direita e Eusébio a fazer o vaivém do recua e avança consoante o Benfica perdia ou ganhava a bola) e apenas dois elementos na frente (Jordão e Nené). Com o andar do tempo e com o controlo do jogo, Simões adiantou-se e Eusébio também, funcionando o 4-3-3 na perfeição, com os homens do meio em evidência (Vítor Martins, Toni e Simões) e o trio dianteiro a viver de fogachos e explosões. No segundo tempo, essas explosões foram rareando, pois o Olympiakos atacou muito mais mas nem sempre melhor do que no primeiro tempo.

Razão da maior quantidade de ataques dos gregos: no segundo tempo, entraram Triandafilos e Glezos que deram muito maior velocidade na transposição do jogo do meio campo para o ataque. Além de que são melhores jogadores do que os substituídos (Stavropoulos e Persidis). Refiram-se (apenas) uma «perdida» de Travropoulos na primeira parte, por querer mudar a bola do pé direito para o esquerdo, perdendo o ângulo, e uma série de bolas altas (até 20 minutos do fim) a que José Henrique se opôs com maior ou menor dificuldade, mas sempre com êxito.

Simões desarma Delikaris, talvez seu futuro companheiro de equipa, perante os olhares de Eusébio.

Triandafilos (um francês, filho de emigrantes gregos, que foi «internacional» junior francês no Campeonato de Istambul) disse-nos:

— **No primeiro tempo podíamos marcar e não marcámos: o treinador só me meteu no segundo tempo, mas se tenho entrado antes metia um golo, pois tivemos oportunidades: o Benfica jogou melhor que em Lisboa, mas isso aconteceu porque nós facilitámos mais.**

Para acabar, as palavras do «capitão» do Benfica, um homem muito falado nesta viagem, porque os contactos a nível directivo já se estabeleceram com vista à sua transferência para a Grécia:

— **O Benfica fez uma exibição a todos os títulos excepcional, com reflexos directos em todos nós mas, sobretudo, no próprio clube. A vitória era fundamental para a sobrevivência do Benfica ao nível da sua grandeza dos últimos anos. O jogo não foi fácil: nós é que o tornámos fácil, com a camaradagem, a amizade e a entrega total à luta. Quero apresentar as minhas felicitações ao técnico, jogadores e massa associativa, pois daqui por diante não mais terão razões de tristeza. A equipa do Benfica, dentro de alguns dias, aparecerá.**

NOVO TREINADOR E SIMÕES NA GRÉCIA

No final, o dr. Borges Coutinho reuniu os jornalistas na cabina, para lhes comunicar o andamento de dois assuntos importantes no clube: a contratação do novo técnico e a eventual transferência de Simões para o Olympiakos. Sobre o treinador, disse o presidente do Benfica:

— **A manhã (hoje para os leitores) parto com o sr. Fernando Neves para Belgrado, para contactarmos Milyan Milanic, que treina o Estrela Vermelha há muitos anos e é considerado em todo o mundo do futebol. Procurámos técnicos por vários lados, sendo muitos a oferecerem-se e constando outros da nossa lista para contactar. Mas, esperamos que Milanic aceite as nossas condições.**

Perguntámos-lhe que estava na lista dos possíveis, mas o presidente do Benfica não quis adiantar nomes. Mas nós, depois de indagarmos por outros lados, podemos informar que, depois do jugoslavo, o Benfica procurará Max Merckel (austríaco, que o ano passado levou o Atlético de Madrid ao título espanhol) e Frank O'Farrel (um inglês que foi substituído no Manchester United por Tommy Docherty). A ordem de procura será (possivelmente) a indicada.

Quanto a Simões, o presidente revelou que tinha sido abordado oficialmente e que o Benfica aceita (em princípio) a saída do jogador, desde que sejam protegidos os interesses do Benfica e do próprio jogador. Simões disse-nos que também só sairá desde que o clube seja devidamente compensado pela sua saída. E cremos mesmo que o será: os números não são conhecidos (ou melhor revelados para divulgação antes de se assentarem negociações mais firmes)

Continua na pag. 20

JF
ELECTRICIDADE
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
Trv. Fábrica dos Pentes, 8
Tel 654165 · LISBOA

Abegão
VINHO DE MESA

viagens MERCURY turismo

VOCÊ E O SEU CLUB
ESTÃO SEMPRE A GANHAR
VIAJANDO COM
VIAGENS MERCURY TURISMO

DL/DESPORTOS

O TRIUNFO DO BENFICA

Continuação da pag. 19

mas suficientes para contentar todas as partes.

O Olympiakos é clube de um presidente rico e, por isso, nada em dinheiro para comprar jogadores. Segundo ontem nos informaram, esta equipa está avaliada em 100 000 contos, quase todos saídos do seu bolso particular. Mas, também para quem é o maior armador grego (e Onassis só é mais rico porque negoceia noutras vidas) mais sete mil, menos oito mil, não fazem diferença: por isso pode sempre procurar novos reforços. O rendimento diário deste senhor Goulandris (armador grego e presidente de um clube que dizem popular) é «só» de 3500 contos ...

Assistiram ao jogo 45 000 pessoas, esgotando-se rigorosamente a lotação do recinto. A receita bruta foi de 7500 contos e o prémio previsto para cada grego, se passassem na eliminatória, era de 80 mil dracmas (o dracma vale, sensivelmente, nove tostões).

A propósito de prémio, Fernando Neves sorriu-se e não no-lo quis revelar porque, segundo disso, o ano passado falou-se demais dos prémios pagos pelo Benfica. No entanto, garantiu-nos que havia um reforço em relação ao prémio normal duma eliminatória europeia, que é de seis mil escudos. Com um bocadinho de palpite, mas também confiando no que os jogadores esperam receber, inclinamo-nos pelos 10 contos para cada um.

Mais uma pista, para a distância de se ter um espelho do jogo: atrás da baliza de Celesidis, havia um sector de público portador de grande número de velas, como de fosse uma devoção. Quando Nené marcou o golo, as velas apagaram-se, para nunca mais se acenderem. E também não chegou a entrar em actividade o «vulcão» que diziam ser o Estádio Karaiskakis

No momento de Nené marcar o segundo golo (que o árbitro não considerou) por sobre o estádio correu um murmúrio de espanto, o que prova a surpresa pela não validação. E os espectadores começaram a saír, sinal de que morreram ali as esperanças gregas. Até final, o Benfica jogou quase a passo, mas com a bolinha bem presa aos pés. Um espectáculo!

DANIEL REIS

Vêm aí as chinesas

Chega hoje, ao Aeroporto da Portela, vinda de Zurique, a equipa feminina formosana de basquetebol, "Ya Tung Girls Basketball Club", que segue para o Porto e que vem participar nalguns jogos em Portugal. As jogadoras tomam parte num encontro com o Académico do Porto, amanhã, dia 5. No dia seguinte jogam com a Académica de Coimbra e finalmente em Lisboa, no dia 9, no Pavilhão da Tapada da Ajuda, defrontam o "Sport Algés e Dafundo".

A comitiva chinesa desloca 17 pessoas: 5 dirigentes, 2 repórteres e 10 jogadoras. Como curiosidade registam-se os nomes das atletas:

. Ying Li-Ly, Chuang Shui-Mei, Liang Mei-Yun, Hsu Tai-Jung, Chen Su-Chen, Chow Yee-Yin, Nieh Yao-Ting, Huang Yu-Ling, Shih Chin-Chih e Hsu Pao-Yueh.

TAÇA U.E.F.A... WOLVERAMPTON, 2-BELENENSES, 1

A esperança ainda sorriu...

Quando aos sete minutos da primeira parte, Murça no seguimento de um pontapé de canto, marcou aquele que haveria de ser o único golo do Belenenses, muita gente acreditou que a turma de Scopelli conseguiria rectificar o mau resultado obtido há oito dias no Restelo. Verdade que o mais difícil (abrir o caminho das balizas contrárias) havia sido conseguido, restando portanto à equipa portuguesa tentar e conseguir um outro tento, que pusesse as duas turmas empatadas. No entanto, aos 27 minutos dessa primeira parte, os «lobos» conseguiriam empatar em jogada de contra-ataque, e, mais tarde, liquidarem (de vez) a esperança que o golo de Murça espalhara entre a massa associativa de Belém...

Foram (efectivamente) muitos os adeptos do representante do Restelo que «sonharam» numa reviravolta total do encontro da semana passada: alcançado o primeiro tento, aberto o caminho das redes contrárias, os «azuis» de Lisboa lançaram-se totalmente ao ataque, na mira de conseguirem o que parecia impossível. Não foram felizes na forma como defenderam a vantagem conseguida no minuto sétimo, mas nem por isso deixaram má impressão no numeroso público que acorreu ao estádio do Wolverhampton.

Efectivamente, os portugueses (se não conseguiram rectificar o resultado da primeira «mão») lograram, ao menos, mostrar ao público britânico aquilo que os seus admiradores não tiveram ocasião de presenciar na 4.ª feira anterior: um futebol bem delineado, feito com cabeça e desbobinado por um conjunto de jogadores que soube sempre actuar como um bloco unido qual máquina de peças ajustáveis e perfeitamente lubrificadas.

Deste modo, pode dizer-se que o Belenenses perdeu a eliminatoria no jogo da 1.ª mão quando se deixou bater, no seu próprio relvado, por uma equipa tipicamente britânica, que sabe explorar, como poucas de outras latitudes, o contra-ataque. Porque, no jogo de ontem e apesar de actuar no seu próprio terreno, no jogo de ontem e apesar de actuar no seu próprio terreno, a formação de Wolverhampton cavou a vitória no jogo com a enxada desse contra-ataque. Daqui se poderá depreender que a **equipa mais equipa** foi a portuguesa, não merecendo sair diminuida no mostrador do marcador e jogando (no mínimo) para uma igualdade.

Para a história da presença do Belenenses na Taça U. E. F. A. 1973, ficam apenas os resultados da eliminatória: 0-2 no Restelo e 1-2 no campo do adversário. Mas, é conveniente assinalar que a exibição oferecida ao público inglês não envergonhou o futebol português: antes o valorizou sobremaneira.

As equipas alinharam:

WOLVES: Pierce; Taylor, Parkin, Sunderland e Munro, Mcalle, McGalliog e Hibbitt; Hastoe, Dougan e Wagstaffe.

BELENENSES: Mourinho; Murça, Calado, Freitas e Cardoso; Quaresma, Quinito e Eliseu; Luis Carlos, Godinho e Gonzalez.

Os ingleses sofreram um choque quando, por intermédio de Murça, o Belenenses abriu o activo, apenas sete minutos decorridos desde o início do jogo. A sequência da jogada partiu de um "canto", tendo Quaresma cabeceado para Godinho, que entregou a Murça.

O Wolverhampton igualou através de Derek Dougan, passando este o esférico a Peter Hastoe, que marcou. Um golo "maravilhoso", marcado pelo substituto de John Richard, suspenso após ter sido expulso no primeiro jogo.

Com o belenenses a descer de rendimento, não constituiu surpresa a obtenção do segundo golo para o Wolverhampton, por intermédio de Jim McCalliog. Era o fim da carreira dos «azuis» na «Taça U. E. F. A.»

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO Nº 5 DE 7 DE OUTUBRO DE 1973

Bondiazinho — 112 211 121 1x12; Brado Africano Desporto — 212 211 12x 1x1x; Brado Africano Ronga — x1x 211 12x x12x; Cabine 2 (Semana) — 2x2 211 121 1xx1; Cabine 2 (Domingo) — x12 21x 121 xx11; Domingo Alegre — 112 211 1x1 x211; Jornal Desportivo — x12 211 121 11x1; Passatempo — x12 x11 x21 x211; Rádio Desporto — 212 21x 121 xxx1; Revista Desportiva — 212 21x 121 11x1; Roteiro Sonoro — x12 xx1 22x x221; Terceiro Programa — 112 211 12x x221; 20 Poto D — 211 x11 121 12x1; Quelimane 73 — 2x2 211 121 xx1x; Nova Onda Clinar — 212 21x 121 xx21; Renovação — xx2 211 121 1xx1; Notícias da Beira — 212 2xx 121 12x1; Diário — 2x2 x11 121 21x1; Notícias do Totobola — x1x 211 121 xxx1; Ultimo Palpite — 212 211 1x1 11xx; Fórmula Jota-/- — 11x 2x2 111 1121; A Minha Matriz — 2x2 211 121 11x1; Folha de Tondela — x12 211 121 1x11; O Algarve — 21x 211 121 1x21; Auto Rádio — 112 211 121 x121; Badaladas — 11x 211 111 x12x; Beira Baixa — 2x2 211 x21 x111; Boa Nova — 212 211 121 1111; Cavalgada do Ritmo — 212 211 12x 1x21; Presença Coimbrã — 111 x2x x11 1x21; O Benfica — x12 x11 1x1 11x1; A Comarca de Arganil — x12 211 121 1x21; O Comércio de Leixões — 212 211 121 x121; Comércio de Portimão — x12 212 121 11x1; O Concelho de Estarreja — 2x2 211 121 xx21; Correio dos Açores — 212 211 121 1xx1; Correio de Coimbra — 212 211 121 11xx; Correio do Vouga — 212 211 121 1111; A Defesa — x12 211 1x1 1x21; Às 10 Espere Por Nós — x12 x1x xx1 1xx1; Diário dos Açores — 112 211 121 11x1; Diário do Minho — 212 211; 121 1x21; Ecos de Cacia — 121 211 121 11x2; Ecos do Desporto -/ x1x x11 121 11x1; Emissor Regional da Guiné — x12 21x x21 xx21; Epoca — 112 21x 121 x111; Estrela da Manhã — x12 211 12x 1111; Estúdio 64 — x1x 211 1x1 1xx1; Eu Sei Tudo — 212 21x 1x1 221x; Folha do Domingo — 21x 211 121 1xx1; Dos Fracos Não Reza a História — 2x1 112 x1x xx2x; Gazeta das Caldas — x12 211 121 11x1; Gazeta do Sul — x12 211 1x1 11x1; Imagens Piedenses — 1xx 211 121 1111; Novidades — x1x 211 1x1 11x1; Jornal do Barreiro — x22 211 1x1 x121; Jornal da Beira — x12 211 1x1 1x12; O Jornal da Felgueiras — 212 211 111 1xx1; Jornal do Fundão — 212 2x1 xx1 1x11; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; O Jornal da Lixa — 212 211 x21 1111; Jornal de Santo Tirso — x12 211 12x 11x1; Jornal de Sintra — xx1 211 1x1 1x11; Jornal do Sul — 212 211 121 11x1; Jornal de Viseu — 212 211 121 xx21; Linhas — 112 211 121 11x1; O Mensageiro — x12 211 121 1111; Litoral — 212 211 1x1 x111; Manchete Desportiva — 2x2 211 121 1xx1; Maria da Fonte — 212 211 121 xx21; Mundo Desportivo — x1x 21x 121 1111; O Norte Desportivo — x1x 211 1x1 12x1; Notícias de Chaves — xx2 211 1x1 1121; Notícias de Felgueiras — 212 211 1x1 11x1; Notícias de Penacova — 11x 211 1x1 11x1; A Ordem — xx2 211 121 1x2x; Peça Que Não Maça — xx2 211 11x 11x1; Penalti — 212 211 121 1x11; Placard Desportivo — x1x 211 1x1 1x21; Placard Desportivo Açores — 112 211 121 x111; Povo Algarvio — 212 211 122 1121; A Rabeca — x12 211 121 11xx; Rádio Altitude — x1x 211 121 1xx1; Radio Oceano — 2x2 211 121 1xx1; Rádio Placard — 112 211 121 1x21; Reconquista — 2x2 x11 121 1111; Renovação — xx2 211 x11 11x1; Repórter do Dia-Angola — x12 211 211 1111; República — x12 211 1x1 11x1; Revista de Som — x12 211 121 11x1; Notícias de Evora — x12 211 1x1 11x1; O Sorriso da hora do Almoço — 11x 211 1x2 2x11; O Templário — 21x 211 121 1111; Gazeta do Zêzere — xx2 211 121 11x1; A Voz Desportiva — 212 2x1 121 1x11; A Voz do Domingo — xx2 211 121 11x1; Voz de M Lamego — 212 211 121 12x1; A Voz dos Ridículos — 21x 211 121 1111; Diário de Lisboa — 212 211 12x xxxx; Voz do Casa Pia — 2x2 211 121 1x11; Clube do Ar — 212 x11 121 1211; Diário do Porto /- 2x2 211 1x1 xxx1; Ritmo e Amizade — 212 211 212 1121; Jornal de Notícias — x12 211 121 x111; O Primeiro de Janeiro — x1x 212 1x1 xx11; Programa Sem Nome — 11x 211 121 11x1; Quadrante Desportivo — 212 212 x21 x121; Quadrante Norte — 2xx 2x1 12x 12x1; Rádio Sports — 11x 211 111 1111; Resenha Desportiva — x12 211 121 11x1 e O Comércio do Porto — x1x 211 121 11x1.

CONCURSO Nº. 5

13ª. ÉPOCA

	RESUMO			BOLAS		
	1	X	2	1	X	2
1. MONTIJO-PORTO	18	11	19	2	1	5
2. CUF-GUIMARÃES	88	22	1	9	2	1
3. FARENSE-BENFICA	5	23	83	1	2	9
4. ORIENTAL-SPORTING	2	10	99	1	1	10
5. BELENENSES-ACADÉMICA	103	6	2	10	1	1
6. LEIXÕES-OLHANENSE	95	11	6	10	1	1
7. BOAVISTA-BARREIRENSE	98	10	4	10	1	1
8. BEIRA MAR-SETÚBAL	10	24	77	1	3	8
9. A. BILBAU-GRANADA	97	11	4	10	1	1
10. SARAGOÇA-CASTELLÓN	80	28	4	8	3	1
11. BARCELONA-REAL MADRID	58	42	11	6	5	1
12. OVIEDO-ESPANHOL	36	48	27	4	5	3
13. VALENCIA-SANTANDER	97	11	4	10	1	1

a) Nos termos do Art.º 109.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:

212 211 121 11X1

TAÇA DAS TAÇAS: SPORTING, 2 -CARDIFF, 1 DL/DESPORTOS

A HERŌICA SAGA DE 12 BRAVOS

Poder virar as costas e ficar assim: de olhos espetados no rectângulo, gulosos pelo desfilar do ponteiro do relógio, sequiosos do momento em pudessem estravasar uma alegria que era quase dor. Masoquismo puro: poder dizer adeus e não arredar pé, estar na nossa mão afastar o rosto e continuar em transe, bastar uma gota de alheamento e não querer aliviar o sofrimento.

Por NEVES DE SOUSA

Empolgante: raras vezes (que nos lembremos) se viveu tão intensamente, em torno das quatro linhas brancas de um campo português para a prática do mais belo jogo de conjunto, o desfecho de um embate sem selecções nacionais em equação. Em Alvalade, amigos que ficaram sem história para contar por aí fora, o Sporting assinou uma das mais bonitas (mas dramáticas) páginas do seu estendal de brilhos. E, conseguindo ultrapassar a barreira daqueles coriáceos latagões de Gales, este «team» verde-branco provou, em teste definitivo, que deixou de ser a **soap-aperitivo** que todos queriam enfrentar para encher o estomâgo. O Sporting de ontem está restituído à dimensão exacta que se perdera no Tempo, por alturas em que os «leões» tragavam a sangue frio os Lilles e os Norkopings, limpavam a «Taça das Taças» e ganhavam cotejos contra os seus pares de outras latitudes. E, todavia, a vitória (linda) esteve a um passo de fugir, como areia fina, por entre os dedos sem força.

ARREBATAMENTO

O bloco (bloco: nunca a palavra foi tão exacta) retornara do País de Gales com um nulo que era esperança: havia (porém) de abdicar das cautelas defensivas e procurar, num ataque franco e eficiente, inclinar a espada sobre a cabeça do Cardiff. Por isso, Mário Lino deu as suas ordens ao «team»: avançada descarada desde o primeiro silvo, na mira de um, dois, três golos que fossem meta da tranquilidade.

Sucedeu, desse modo, que o Sporting fez uma meia hora inicial em estilo de enorme campeão, com aquele dezreis-de-alma que se chama Fraguito a criar mais cabelos brancos nos galeses do que eles vão ganhar até ao fim da vida. E tornou-se maravilhoso ver como o futebol solto e caprichosamente enelante do Sporting se catalogava em grau máximo, e como o adversário (canto depois de canto) se via em palpos de aranha para afugentar aquele polvo e como (ainda) a timidez da falange leonina tenia de saltar para o grau de euforia, sobretudo nos quatro-cinco lances em que à verdade capital, à rubrica do brado desmedido, apenas faltou a certeza do remate afinado e calibrado.

FRAGUITO

Com aberturas largas, em jeito de contra-ataques, o Cardiff entrou a tentar a sua sorte. Mas um cortina sportinguista (óptimo, portentoso Damas) estava quase «feroz» no dissipar de dúvidas à beira da sua baliza. Laranjeira: excelente. Alhinho: soberbo nas intercepções de cabeça. Manaca: a perseguir bem o contrário. Carlos Pereira: sem hesitações e a aliviar bem o terreno do seu condado.

E havia Fraguito. E havia esse rapaz miúdo e nervoso que não pode ficar na lateral na primeira selecção portuguesa que sair a terreiro, e havia esse moço que armazena futebol em todas as veias e pelos poros destila todo o maquiavelismo singular e atrevido que é timbre dos fora-de-série no espectáculo-futebol.

Só para ver como Fraguito pegava as rédeas e conduzia os demais corcéis para a batalha à barricada adversa, valeu a pena ser um dos 50 mil de Alvalade, suportar (até) a tal reviravolta que ondulou, como abutre, por cinma das nossas cabeças, já então totalmente aderentes ao esforço apaixonante daqueles guerreiros de uma cruzada que latejava em todos os pulsos.

A expulsão não fez esquecer a grande «forma» de Dinis.

ESQUEMA

Mas, voltemos atrás: novamente à primeira faceta da partida, ao verrinoso contra-ataque do Cardiff e, logo aos cinco minutos, ao empunhar a batuta pelo maestro Fraguito. Aconteceu, mercê da pressão do motor de Alvalade, que o Cardiff rapidamente entrou a quebrar a espinha, a passar bolas sobre bolas para o seu guarda-redes. a consentir canto (cinco) e a manter como «libero», grudado ao normal quarteto defensivo, o seu número 11. E, depois deste quinteto-floresta, ainda mais dois homens: Woodruff e Vincent, apenas deixando o meio-campo e a ofensiva para as pernas altas de Villars, Mc Culloch e Showers.

Mas o Sporting não ficava triste por não obter o golo logo nos primeiros arrancos: e toda a primeira meia hora se tornaria do império verde-branco, num avassalar de ondas que submergiam toda e qualquer esgrima de emblema adverso.

Sobre a direita, recuado, Tomé ensaiava «raids» e mais «raids». Ao centro (ou deambulando como cigano) Yazalde quebrava os rins da sua patrulha. E Nelson e Márinho e Dinis não abrandavam de ímpeto: os seus pés tinham asas e a cabeça de toda aquela moçada vibrava de entusiasmo, mas continuava fria e calculista, num alarde de domínio que só é apanágio das grandes equipas do futebol moderno.

EXPLOSÃO

Veio o golo de Yazalde: lance pela direita, iniciado por Tomé, prolongado por Fraguito e rubricado pelo argentino que vale hoje (finalmente!) o preço que lhe pagaram para sempre. Veio esse tento (dizíamos) e o Sporting continuou a esmagar as sentinelas do outro campo, a passar por elas como gamo a trote em prado verdejante. E, nem mesmo os longos lançamentos de Woodruff e as serpentinas de Villars a Manaca ou a Carlos Pereira, confundiam o grosso da coluna. Porém, houve um determinado momento em que os braços baixaram ao longo dos corpos: eo Sporting, entontecido pela sua própria velocidade, ficou travado à espera de regressar à terra. Valeu, então a destreza de Alhinho e Laranjeira, o esforço brilhante de Nelson e de Tomé, para que o pesadelo não arreganhasse as bocas e o negro da tristeza não fosse morar na arrecadação de Damas.

Todavia, esse rispotar galês foi sol de pouca dura, pois novamente Fraguito abriu o compêndio e, na página da frente, foi descobrir esquemas e regras que pareciam trignometria num quadro de meninos da primária. Ele era, realmente, o fruto de um futebol mais rendilhado e, simultaneamente, mais eficiente: e os homens de Gales, aturdidos, tiveram de voltar a ensarilhar as armas e **correram a ponte levadiça** para não sucumbirem ante copioso desaire. Viu-se porquê: Carlos Pereira obrigara Irwin a uma estirada para a esquerda, Manaca atirara o último defesa do Cardiff, logo na jogada imediata, para o canto diferente.

FRIO

O Cardiff, todavia, era um osso duro de roer. Inconformado, altivo, profissional com as suas regras a respeitar, não se intimidou com o fogo e desceu, também, até à paliçada de Alvalade: o resultado seria, a um palmo do intervalo, o golo de Villars, que foi gélido balde de água sobre cinquenta mil. Falta de Alhinho no corte e zás: tiro que não perdoa bola aos pulos entre as malhas.

Ainda antes da pausa, o árbitro mostraria o cartão amarelo ao afadigado Villars: e Dwyer, em estilo de extremo, forçaria Damas a um mergulho que ergueu preces e ofertas de velas a toda a corte celestial. Confindindo-se, embalados pelo canto da sereia, Alhinho e Laranjeira estiveram então quase a um passo da queda no abismo. Mas o soar do «gong» salvou a saraivada de três cantos contra os «leões» e, o que foi melhor, quebrou a cilindragem dos galeses, prestes a esboçar-se entre os 40 e os 45 minutos.

PRÉMIO

No retorno, o navio-almirante acertou em cheio no porta-aviões: Fraguito despediu um «petardo» colossal e (estamos a ver) a bola enfunou toda a rede fronteira, agitando-a como ao rebate de um vendaval e assim deixando a arfar de espanto pelo K.O.. Maravilhoso, arrebatador Fraguito: a multidão que não podia fazer outra coisa senão saltar como mola, ergueu-se ao sinal. E ficou assim, apaixonada, entregue, abraçada ao remate portentoso da melhor aquisição do futebol sportinguista após a época de um campeonato no papo.

Perdiso pelo 1-2, os galeses deixaram-se de rendas de bilros: in-extremis, já dentro da área de rigor (mas em posição absolutamente impecável) Laranjeira consegue roubar a «menina» a Mc Culloch. E, embora Carlos Pereira e Tomé começassem a acusar um cansaço repentino, e ainda que Manaca e Fraguito igualmente estivessem com o combustível a apagar-se, a verdade é que tornaria a ser o Sporting:(tremenda «cabeça» de Nelson a esbarrar na trave) a dar rumo à bússula dos acontecimentos.

Cabeça de Nelson leva bola à trave.

Fraguito, o melhor em campo segue atentamente um passe de Yazalde.

FURAÇÃO

Foi, como soe dizer-se, o último bato dos gatos. Ao quarto de hora, com cãibras, Tomé era um poste especado na relva, de olhos aflitos na súplica a Mário Lino pela troca antes do desmaio. E, num pequeno período de tempo em que o discernimento fugiu do técnico e a força se esvaiu das pernas dos comandados, o Sporting esteve por terra. Cinco cantos contra, despachos a esmo, gritos e confusão. Chico a render o estoirado Tomé, mas nada a mudar ante o temporal, excepto aquele lance em que Yazalde (errando a soma dos seus «dribles») chegaria às 18 jardas já sem ser capaz de levantar o pé do chão.

Aos 25 minutos, depois de Marinho se ter enrolado com a bola e Dinis já estar a funcionar a modos que como «back», após Nelson e Fraguito se terem (na mesma) incrustado na retaguarda, o mesmo Dinis sofreria o vexame do cartão vermelho: e mais desfalcaria o abalado potencial das suas hostes, e mais cavaria nos corações o sulco da descrença ou da ansiedade.

Foi então a vez de Yazalde e Chico se erguerem. O argentino, em precisos toques de calcanhar ou em «amorties» graciosos, era um regalo. Chico, sem medo da saraivada de pitons, lá ia dando a nota do inconformismo, o grito do Ipiranga do relutante ao marasmo do «salve-se- uem-ouder» que era toda a demais bandeira do seu clube. E começaram a balnuciar-se os minutos que restavam: dez. nove. oito, por aí fora. Aos 3 minutos, outra aragem de plumas tétricas: aquela arremita de Vicent cortada por Nelson com um pontapé para a lateral que por pouco não foi atrás a bola à Alameda. Aos dois minutos, já se gritava que estava na hora, já nem se tolerava que o lesionado Villars cedesse o posto a Reece. E, quando faltava um bom minuto, com toda a gente aos gritos, um olho na esfera e outro no calendário, o árbitro luxemburguês Colling cometeu o seu erro palmar: acabar o jogo, sem mais aquelas, para escamotear a penas maiores os ouvidos, os olhos, a cabeça e (quem sabe?) outras regiões anatómicas.

Embora prejudicando os galeses por esses 60 segundos abatidos ao activo do jogo, o silvo final acabaria por ser o justo e merecido prémio para aquele punhado de magníficos rapazes que podem já ser o orgulho do emblema de João Rocha. Raramente eles ganharam tão bem, com tão bonita entrega ao esforço e à profissão, o «cachet» do seu espectáculo. E poucas vezes, igualmente, se saiu dum campo de bola com tanta vontade de comungar em alegria e com tão pouca energia para soltar uma só palavra. Um macerar de nervos que vai custar a regressar ao zero.

As formações alinharam sob as ordens do luxemburguês Colling com a constituição seguinte:

SPORTING: Damas; Manaca, Laranjeira, Alhinho e Carlos Pereira; Tomé (Chico), Fraguito e Nelson; Márinho, Yazalde e Dinis.

CARDIFF: Irwin; Dwyer, Bell, King e Murray; Philips, Villars (Reece) e Mc Culloch; Woodruff, Vincent e Showers.

A URSS venceu a taça do Bāltico

A URSS venceu a República Democrática Alemã por 14/13 (9/6) na final da Taça do Báltico de andebol.

A URSS, que já era detentora do troféu, nao sofreu qualquer derrota neste torneio e conseguiu vencer, no último encontro, a RDA, vice-campeão do mundo da modalidade.

Abegão
VINHO DE MESA

SÉNECA — Salas de Estudo
C. PREPARATÓRIO, LICEAL
E ADMISSÃO UNIVERSIDADE EM PEQUENOS GRUPOS
RUA ACTOR VALE, 45-2.º E. (Metro Alameda) — Tel. 82 49 83

DL/DESPORTOS

REGISTO

PUGILISMO: após cerca de três anos, o antigo campeão mundial dos «pesados», o famoso Muammad Ali, defrontará Joe Frasier, num combate em 12 «assaltos», que se efectuará em 4 de Fevereiro, no Madison Square Garden. Os dois pugilistas receberão, desta vez, um «cachet» inferior ao que cobraram quando se defrontaram em 8 de Março de 1971. Nessa noite, cada um deles arrecadou 2,5 milhões de dólares (cerca de 60 mil contos), mas desta vez receberão 850 000 dólares, ou 32,5 por cento do lucro, o que é, mesmo assim, uma elevada quantia.

LUTAS AMADORAS: aberta, até ao dia 10 do corrente, a inscrição (na respectiva Comissão Central) de candidatos a árbitros.

ODIVELAS: domingo será «dia» do Odivelas Futebol Clube, aproveitando a visita do Atlético ao campo «Diogo José Gomes».

FUTEBOL: a partir do próximo domingo, os jogos para os «nacionais» começam pelas 15 horas.

COVA DA BEIRA: na «Volta» ciclista organizada pela Associação Desportiva do Fundão, o comando pertence a João Couto. Domingo tem lugar a etapa contra-relógio.

CICLISMO: esta 6.ª feira, feriado nacional, haverá provas de pista em Tavira. Competições para amadores e populares abrem um programa que inclui as actuações do Sporting, Benfica, Louletano e Ginásio de Tavira, a partir das 15 horas.

BASQUETEBOL: a propósito do campeonato europeu de basquetebol, que tem decorrido em Espanha, o Sport Algés e Dafundo organiza, até domingo, uma exposição fotográfica da modalidade, na sede da colectividade (Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 88, em Lisboa). Aconselha-se a visita: amanhã, das 21 e 30 às 24; sábado; das 11 às 13; domingo; das 11 às 13 e das 19 às 23h.

FITTIPALDI
CONTRA PETERSON
21 DE OUTUBRO
NO AUTÓDROMO DO ESTORIL

COMPANHIA PORTUGUESA DE ELECTRICIDADE/CPE, S.A.R.L.

Capital realizado: 5 700 000 contos

SEDE
Rua de Sá da Bandeira, 567
PORTO

ESTABELECIMENTO CENTRAL
Av. Infante Santo, 15
LISBOA - 3

VENDA DE ACÇÕES PRÓPRIAS

225 905 ACÇÕES DO VALOR NOMINAL DE 1000$00 CADA, DA CARTEIRA DE TÍTULOS DESTA COMPANHIA, COLOCADAS ENTRE ACCIONISTAS E OBRIGACIONISTAS POSSUIDORES DE TÍTULOS DA 1.ª EMISSÃO DE OBRIGAÇÕES CONVERTÍVEIS EM ACÇÕES.

ENTREGA DE TÍTULOS

A entrega dos títulos adquiridos representativos de acções próprias que esta Companhia possuia em carteira, em consequência da fusão das cinco empresas da rede eléctrica primária e das posições accionistas que umas detinham em relação às outras, terá lugar a partir do dia 22 do mês corrente, nos mesmos estabelecimentos de crédito em que foram efectuadas as subscrições, contra a apresentação das respectivas declarações de compra.

Porto, 1 de Outubro de 1973

O CONSELHO DE GERÊNCIA

televisão

HOJE

1.º Programa
1.º Período
12.45 Desenhos animados Beatles Show
13.00 Variá
13.15 Doris em apuros
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Um dia com a dr.ª Neto de Portugal
14.15 Logo à noite
14.20 Fecho

2.º PERÍODO

17.55 Eurovisão Campeonato da Europa de Basquetebol
19.30 Telejornal
19.40 «Diário das Fábulas»
19.50 Lassie
20.20 SANGUE NA ESTRADA
20.35 Em foco
20.55 Lusíadas de todas as horas
21.30 Telejornal
22.05 Reportagem do exterior
0.15 Telejornal 4.ª Edição
0.20 Meditação e fecho

2.º PROGRAMA

20.30 Abertura desenhos animados Beatles show
20.45 Um dia com a dr.ª Neto de Portugal
21.00 Doris em apuros
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Foi êxito na TV «Randall e Hopkirk»
23.00 Reportagem do exterior
23.50 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura Desenhos animados Abbot e Costello
13.00 Feminino singular
13.15 Um ano sem domingos
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Hoje pode ver
14.10 Reportagem do exterior
15.20 Flecha Negra
16.10 Cangonissima com Rita Pavone
17.10 Circo
17.30 Hipismo Transmissão directa do Concurso de Saltos Internacional Oficial de Lisboa
19.00 TV Infant
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Presença do Brasil
20.30 Gaivota de ouro de Knokke Um programa da O R T F (Televisão francesa) realizado em Knoke Le Zoute, com a participação de Alan Stivall e o seu conjunto
21.00 Cinemateca Agonia do cinema mudo
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Noite de estreia «O ganso nas neves»
23.30 Reportagem do exterior
00.30 Telejornal - 4.ª Edição
00.35 Meditação e fecho

2.º PROGRAMA

19.45 Eurovisão Campeonato da Europa de Basquetebol
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 Convívio musical «Meu Brasil f angolano»
23.00 Encontro com o mundo «Variações sobre Kromeritz»
23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	12º
P. DOURADAS	5º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	10º
LISBOA	14º
FARO	17º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Estoril
Máxima 24º

Penhas da Saúde
Mínima 0,7º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	13,5º
Atmosfera	16,7º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
9.11	3,1 m	2.06	1,8 m
22.06	2,9 m	15.04	1,9 m
Dia 5			
10.39	3,1 m	3.35	2,0 m
23.33	3,0 m	16.41	1,9 m
Dia 6			
11.58	3,2 m	5.11	2,0 m
		17.59	1,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado do quadrante Norte; acentuado arrefecimento nocturno.

AMANHÃ

NASCER AS 7.35
OCASO AS 19.15

DIA 4 DIA 12 DIA 18 DIA 26

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Ao encontro da melodia.
16.30 Convívio, programa da Juventude
18.05 O convidado de hoje: Joan Manuel Serrat
18.20 Espectáculo/Teatro, por Figueiredo de Barros.
18.40 Música portuguesa.
19.10 Zarzuelas: Selecção de «Molino de Viento», de P. Luna.
20.00 O conjunto Rolling Stones
20.30 6.º Episódio do folhetim «Poema para uma grande orquestra»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73.
21.20 Música, só música
21.50 Canconetas.
22.10 Fados, por Ada de Castro.
22.30 Ritmos de todo o mundo.
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia.
00.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio universidade.
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

16.00 Quequer ouvir?
18.00 Musica Portuguesa
19.00 O canto e os seus intérpretes
20.00 Diário sonoro
20.30 Música de Câmara
21.00 Interpretações do baixo Feodor Chaliapin
21.20 Tempo literário
21.45 Musica sinfónica
22.00 História do teatro português, pelo dr Duarte Ivo Cruz
22.43 Valsa Mefisto, de Liszt, pelo pianista John Ogdon.
23.00 Emissão em linguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa Estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada.
22.00 Intercâmbio musical
23.00 Sinfonia n.º 5, em dó sustenido menor, de Mahler
00.13 Divertimento n.º 10, em fá valor, catálogo Köchel 247, de Mozart
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE
Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 «Programa «Movimento»
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca.
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário, programa à Gô-Gô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
10.02 Banda Sonora Sonipol
02.00 Perspectivas
03.00 Fecho.

Rádio Renascença

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Diálogo
18.20 Boletim litúrgico
18.25 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiários e reportagens de R. Renascença
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE R. DE PORTUGAL
6.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR
12.00 as 14.30

RÁDIO GRAÇA
14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO B-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Boa Hora. Rua ccs Quartéis. 25 (Tel 637777)

ALVALADE
Paris. Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Agua) (Tel 710131) **Ideal**. Av Almirante Gago Coutinho. 49-A (Tel 712803).

AREEIRO
Vera Cruz. Praça Afrânio Peixoto. 2-B (à Avenida S João de Deus) (Tel 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa Rua dde Arroios. 215 (Tel 45079)

BAIRRO ALTO
Labor. Rua Diario de Noticias 81 (Tel 323428)

BAIRRO AMÉRICA
Martins R Fernão Magalhães. 33 (Tel 849448)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira Praça das Casas Novas. Lote 66 (Tel 310172)

BAIXA
Estácio. Rossio. 63 (Tel 327067-324224)

BENFICA
Benfica. Estrada de Benfica. 678-E (Tel 702532)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone. Rua Silva Carvalho. 232-C (Tel 650760)

CAMPO PEQUENO
Miranda. Campo Pequeno. 36-B (à Av Sacadura Cabral) (Tel 770776)

ESTRELA
Martins. Calçada da Estrela. 167 (Tel 660823). **Paivas e Parvente**. Rua de Santo António à Estrela. 96 (Tel. 665196)

LUMIAR
Alameda. Alameda das Linhas de Torres. 201-B (790942)

MARVILA
Marvila Rua Direita de Marvila. 25 (Tel 381612)

OLIVAIS
Higiene. Rua Cidade Vila Cabral (ex-Rua B. 4) Lote 43 Zona Poente (Olivais Sul) (Tel 310026)

PICHELEIRA
Marluz. Calçada da Picheleira. 140-B-C (Tel 720703-728395)

REGO
Pratas e Mota Rua Beneficência. 91 (Tel 7737728)

RESTELO
Tavares R Rodrigo Rainel 3-A (à encosta do Restelo próximo dos Moinhos) (Tel 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense Rua Leão de Oliveira 2 B (Tel 637020)

S. PAULO
Central Rua de S Pauloo 108 (Tel 320383)

TURNO B-2

TODA A NOITE

AJUDA
Lopes Ribeiro Rua do Cruzeiro 117 (Tel 633288)

ALFAMA
Arnali. Rua das Escolas Gerais 88-A (Tel 863940)

ALVALADE
Gasparinho. Rua Dr Gama Barros 45-A (Tel 710465) **Alvalade** Av da Igreja. 18-A (Tel 712070)

AREEIRO
Onilda. Av João XXI 13-A (Tel 726848)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos Av Joao Crisóstomo. 44-C (Tel 40592). **Universal** Rua Actor Taborda 5 (Tel 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel Rua Actor Vale. 53 (à Fonte Monumental) (Tel 842152)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Colonial. Rua Forno do Tijolo 40 (Tel 841122)

BAIXA
Morão Rua dda Assunção. 17 (Tel 321280)

BENFICA
Sousa Estrada de Benfica. 429 (Tel 780027-789985)

CAMPOLIDE
Central de Campolide. R General Taborda. 17 (Tel 680304)

CAMPO DE OURIQUE
Portírio Rua Francisco Metrass. 59 (Tel 663349)

CARNIDE
Leal de Matos Rua Neves Costa 33 (Tel 780181)

CONDE REDONDO
Davi. Rua Conde Redondo 68-72 (Tel 54342)

ESTRELA
Soares Av Pedro Alvares Cabral 1 (Tel 684282)

GRAÇA
Mourão Largo da Graça. 63 (Tel 860700)

INTENDENTE
Góis. Rua dos Anjos 12-12-D (Tel 840101)

LUMIAR
S. Tomé Estrada do Desvio Lote 12-C (Tel 790704)

OLIVAIS
São Paulo, Rua Jose Campos. lote 823 (à Est Moscavide) (Tel 3 07

PEDROUÇOS
Ocidental, Rua D Jegrnimo Ororio JPM 3 (Tel 6 0256)

RATO
Soares, Av Alvares Cabral (Tel 684282)

SANTA APOLÓNIA (ao Beato)
Martins, Rua Fernão Magalhães. 33 (Tel 849448)

SANTOS
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velhos 2 (Tel 662075)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra. 64 (Tel. 212048)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel 2432034)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)

PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia. 60-C (Tel. 2471785)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel 263052)

ESTORIL
Parede, Arcadas do Parque. 3 (Tel 260191)

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19-41 (Tel. 280141). **Cascais**, R Conde de Monte Real-B - Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D João I-Lote 146-B Janeiro (Tel. 932756); **Central**, Av Cardoso Lopes. 25 (Tel. 932210), **Igreja**, P. da Igreja. 22-A (Tel 937740). **Jardim**, Av Conde fe Oeiras Loja X-1 (Tel 938424)

DAMAIA
D. João V, Av Gurgel do Amaral. 2-A (Tel 970461)

VENDA NOVA
Nova. R Elias Garcia 10 (Tel 972530)

QUELUZ
André, Av Elias Garcia. 151 (Tel 950043).

QUELUZ
André, Av Elias Garcia. 151 (Tel. 950043). **Queluz**, Av Miguel Bombarda. 123-A (Tel 951841)

CACÉM
Central, R Elias Garcia. 55 (Tel 2940034)

MEM MARTINS
Quimia, Est de Mem Martins. 285 (Tel. 2910012)

SINTRA
Marrazes, L. Rainha D Amélia. 20 (Tel. 98015 5)

COLARES
Colares, Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge. 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa. 8 (Tel 22425 0)

ALMADA
Galeno, Rua Capitão Leitão. 85-B (Tel 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima
Est Nacional. 221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Higiénica, R D Manuel I 178 (Tel. 2073017)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L 5 de Outubro. 62 (Tel 270121)

MOITA
União Moitense, Av dr. Teófilo Braga (Tel 239025)

MONTIJO
Montepio, R nAlmirante Reis. 93 (Tel. 230035)

SESIMBRA
Lopes, R Cândido dos Reis. 67 (Tel 229028)

SETÚBAL
Soromento, P Machado Santos (Tel 22691); **Alice**, P do Quebedo (Tel 23743)

SEIXAL
Soromenho, R Paiva Coelho. 38 (Tel 2218560)

PORTO

3.º TURNO

SUB-TURNO A

Alves Moreira, Av. Rodrigues de Freitas, 167. **Clérigos (dos)**, . Rua dos Clérigos, 36. **Cruz (da)**, Rua Costa Cabral, 1082. **Maia**, Rua do Campo Alegre, 192. **Monte dos Burgos**, Rua do Monte Burgos, 802

SUB-TURNO B

Aliança, Rua da Conceição, 2. **Botelho**, Rua da Alegria, 863. **Estácio**, Rua Sá da Bandeira, 120. **Guarani**, Rua Pedro Hispano, 367. **Menezes de Lima**, Pr. Dr. Ped. Teo. Perei. 227. **Vilarinha (da)** Rua da Vilarinha, 161

COIMBRA

TURNO B

Estádio, Rua do Brasil, 348 r/c (Tel. 24410); **Miranda**, Pr.ª do Comércio, 41 (Tel 23261); **Batista**, Pr.ª da República, 910 (Tel. 23747)

cinemas

ROXY (Tel. 48560)
14 00 - 16.30 - 19 00 e 21 45
Grupo D (18 anos)
14ª Semana! Technicolor. Dustin Hoffman «ALFREDO ALFREDO» um filme de Pietro Germi (Metro Intendente)

CONDES (Tel. 322523-326710)
4 sessões diárias, 14.30. 16.30 18.45 e 21.45
Colorido Grupo B (10 anos). Chegou a hora da «barracada»...«TRINITÁ E SARTANA CONTRA TODOS». Com Robert Widmark e Harry Baiard.

ESTUDIO 444 (Tel 779095)
15 30 18.30 e 21 45
Grupo D (18 anos) 5.ª Semana!
Alain Delon e Monica Vitti «O ECLIPSE

S. JORGE (Tel. 54154/54153)
Hoje às 21.30
Estreia Grupo D (18 anos)
Acção espectacular num filme exótico «A FURIA DO TIGRE»
Às 18.15 - última exibição «RETALHOS DA VIDA BURGUESA»
Amanhã às 15.15 - 18.15 e 21.30 «A FURIA DO TIGUE»

MUNDIAL (Tel. 538473)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor. A denúncia de uma sociedade corrompida. «O SINAL VERMELHO» com António Vilar, Maria Cruz, Paul Naschi e Hellen Harp.

ROMA (Tel. 727778
15 30 e 21.45
Grupo A (6 anos) 10.ª Semana!
Eastmancolor Les Charlots «OS MALUCOS DA CASERNA»

ESTÚDIO (Tel. 55310)
15.30 - 18.30 - 21.45 e 00.15
Grupo C (18 anos)
A obra-prima de Nagisa Oshima «O ENFORCAMENTO».
Hoje e amanhã e sábado às 00.15 Grupo D (18 anos) «O ENFORCAMENTO» (Metro Alameda).

CASINO ESTORIL (Tel. 46264862)
15.30 - 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Colorido «DESFORRA APACHE» com Charles Bronson e Jack Palace.

LONDRES (Tel 731318)
14 15. 16 30. 18 45 e 21 45
Grupo D (18 anos) 7 ª Semana!
Da mulher objecto à mulher pessoa. «Jane Fonda no filme de Joseph Losey «A CASA DA BONECA»

EDEN (Tel 320768)
Estreia. Às 21.45
Grupo D (18 anos)
Color. Catherine Spaak - Robert Blake «UM TIPO DURO DE ROER»
15.30 e 18 30
Grupo C (14 anos)
«ELE AI ESTA»

RESTELO (Tel 40604/5)
21.30
(Grupo B (10 anos)
Technicolor «JUNIOR BONNER, O ULTIMO BRIGÃO» com Steve McQueen, Ida Lupino e Robert Preston

TIVOLI (Tel. 50595)
Estreia. Às 21.45
Grupo D (18 anos)
A preparação do crime político do século «CHACAL». O filme de Fred Zinnemann. Hoje às 15.15 e 18 30. Ultimas exibições do filme «UMA MULHER PERIGOSA». Grupo D (18 anos)

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18 30 e 21.45
Grupo D (18 anos) Um filme de Jean Louis Trintignant. «UM DIA EM CHEIO

VOX (Tel. 720808)
HOJE NÃO HA ESPECTÁCULO!
Amanhã estreia às 15.15 horas
Grupo B (10 anos)
«NANU, FILHO DA SELVA»

ODEON (Tel. 32623)
15 15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Color. «SIMPLESMENTE MARIA» Com Saby Kamalich e Braulio Castillo.

MONUMENTAL (Tel. 551310)
Estreia. Às 21.30
Panavision Technicolor
Grupo D (18 anos)
George Scott - Faye Dunaway - John Mills - Jack Balance. «O POÇO DO ÓDIO»
15.15 e 18.15
Grupo B (10 anos)
«A ILHA MISTERIOSA»

POLITEAMA (Tel. 326305)
15 15 - 18 15 e 21.45
2 ª semana
Grupo D (18 anos). Color-Scope Wang Yu «A ESPADA INVENCÍVEL» As 00.30 Grupo D (18 anos). Ciclo «SORRISO NA MADRUGADA». Amanhã: «O SINAL DE DRACULA» (Colorido) Sábado: «A ULTIMA VITIMA» (Colorido)

AVIZ (Tel 47163)
15.30 - 18.30 e 21 45
Grupo C (14 anos)
Color
Saby Kamalich Braulio Castillo «SIMPLESMENTE MARIA»

ROYAL (Tel 865037)
15 00 e 21 00
Grupo D (18 anos)
«O BANDIDO BEM AMADO Em complemento «NAO MATAR

IMPÉRIO (Tel 551345)
15.15 e 21 30
Grupo D (18 anos)
2 ª semana
Metrocolor - Panavision AS VIAGENS COM A MINHA TIA» Maggie Smith - Alec McGowen (Metro Alameda)

CINEMA CASTIL (Tel 530194)
15 30. 18.30 e 21 45
Grupo D (18 anos) 7 ª semana
Gene Hackman e Al Pacino «O ESPANTALHO» (Eastacionamento: Parque Castil)

SATÉLITE (Tel. 50595)
15.30 - 18.30 - 21.45 e 00 15
Grupo D (18 anos)
2.ª semana. Um filme de Alain Tanner (o realizador de «O ultimo a rir») «O REGRESSO DE AFRICA» Hoje, amanhã e sábado às 00 15 Grupo D (18 anos) «REGRESSO DE AFRICA»

EUROPA (Tel 661016)
21.30
Grupo B (10 anos)
Eastmancolor. Baseada na obra de Júlio Verne «A ILHA MISTERIOSA» Omar Shariff 3 ª semana
Às 15 15 Grupo D (18 anos)
«ASILO POLITICO»
Atenção pequenada! 6.ª feira, sábado e domingo às 18 15 H o sucesso «OS ALEGRES PIRATAS DA ILHA DO TESOURO». Grupo A (6 anos) Eastmancolor 3.ª semana

CINEARTE (Tel. 660446)
Encerrado temporáriamente para beneficiações

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel 73318)
15.15 - 18.30 e 21.45. 8.ª semana
Grupo D (18 anos)
Techicolor Um filme de Hal Ashby «ENSINA-ME A VIVER» com Ruth Gordon e Bud Cort
Hoje às 24 00 Grupo D (18 anos) Clássicos à meia-noite «OS COMISARDOS» de René Allio

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Que medo senhor Alfredo»

VARIEDADES
21 45 (18 anos)
«Um padre a italiana»

VASCO SANTANA
21 45 (18 anos)
«Cândido»

A.B.C.
20 45 e 23.00 (18 anos)
«Tudo a nú»

COMUNA
21 45 (14 anos)
«Brincadeiras»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (10 anos)
«O invencível superman»

PARIS
21 00 (18 anos)
«O Implacável»

JARDIM CINEMA
21 30 (18 anos)
«O Ladrão»

CINE MOSCAVIDE
21 00 (14 anos)
«Entre o crime e a lei»

PROMOTORA
21 00 (14 anos)
«Os piratas do ar»

ODIVELAS
Soc. Odivelense
21 15 (14 anos)
«A Fonte da Virgem»

SACAVÉM
S. José
21 00 (10 anos)
«O magnífico Robin Hood»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21 30 (18 anos)
«O homem que veio do passado»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21 00 (14 anos)
«Os sem Deus»

PAREDE
Royal-Cine
21 15 (10 anos)
«Os azares de um homem de sorte»

ESTORIL
Casino
15 30-18 30-21 30 (18 anos)
«Desforra apache»

Esplanada
21 30 (10 anos)
Sartana no vale dos abutres»

CASCAIS
S. José
21 30 (18 anos)
«A Lição part cular»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21 30 (10 anos)
«Madama Sin»

QUELUZ
Queluz Cinema
21 15 (18 anos)
«O Mecânico»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21 30 (10 anos)
«A Ponte do Rio Kwai»

SINTRA
Carlos Manuel
21 30 (18 anos)
«A sombra do duplo amante

OUTRA BANDA

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21 15 (18 anos)
«O gato das sete vidas»

ALMADA
Incrível
21 15 (18 anos)
«Caçador de escândalos»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21 30 (14 anos)
«Yotimbo, o invencível»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21 45 (18 anos)
«Dois num guarda vestidos»

PORTO/Cinemas

BATALHA
15.00 (6 anos)
«Os malucos do estádio»

S. JOÃO
15 30 (18 anos)
«Amores clandestinos»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Medea»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Paris manicómio do amor»

OLÍMPIA
21 30 (14 anos)
«O trunfo é perder»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«Ulzana, o perseguido»

JULIO DINIS
2 30 (anos)
Continuaram a ... me ... nta

CARLOS ALBERTO
21 30 (18 anos)
«As escravas de Drácula» e «O Motim»

RIVOLI
21 30 (18 anos)
«A lição particular»

VALE FORMOSO
15 30 (14 anos)
«Vingança de um homem calmo»

ESTÚDIO
21 30 (18 anos)
«Mulher à deriva»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«O direito de nascer»

COIMBRA

AVENIDA
21 30 (14 anos)
«Eu não vejo tu nao falas, ele não ouve»

TIVOLI
21 30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo!

SOUSA BASTOS
21 30 (10 anos)
«A rapariga das violetas»

GIL VICENTE
21 30 (18 anos)
«Homens sem amanhã»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

ESPADARTE CLUB **Sesimbra** Discoteca c peq progr de fados e musica de folclore às 2.as 3.as 4.as e 6.as Encerrado aos domingos **Tel. 229189.**

NINA — **Dancing** com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef. 34859-365167.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

HIPOPÓTAMO Com Heider Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384**

SOLAR DA HERMÍNIA Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade de Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos **Telef. 320164**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117**

SAN-PAYO — Bar-boite c/ musica constante Aberto até às 5 h da madrugada **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422** (Ar condicionado)

CACO — **Dancing** com musica ambiente, com singular quarteto **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

Exposições

BELAS-ARTES — Exposição permanente da organização da Sociedade Nacional de Belas-Artes (das 14 às 20 h.)

CASINO ESTORIL — Trabalhos de Olabarrieta, Ana Vaz e Clemen Bello (das 15 às 3 h.)

PALÁCIO FOZ — Pinturas de Lemos da Silva.

XI SALÃO DE ARTE MODERNA — No Pavilhão dos Congressos, no Estoril (das 11 às 13 e das 15 às 19 h)

CENTRO ESCOLAR DR. SALGUEIRO DE ALMEIDA Arte infantil (das 21 às 23 H. nos dias uteis; aos domingos, das 16 às 23 H)

DIPROVE Desenhos satíricos de diversos autores espanhóis

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra) Trabalhos de Cândida Cunha (das 10 às 12 e das 14 às 20 h)

ARCADAS DO PARQUE — Pinturas de Moita de Macedo (das 10 às 22 h.)

DL /NACIONAL

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

ACTIVIDADES DA OPOSIÇÃO DE SANTARÉM

A Oposição Democrática tornou público o sevuinte calendário de actividades:

Quinta-feira, dia 4 — 21,30 — conferência de Imprensa na sede para apresentação dos candidatos e do programa da candidatura.

Sexta-feira, dia 5 — 15 horas — Colóquio subordinado ao tema «JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E TRABALHO».

Sexta-feira, dia 5 — pelas 20,30 — **Sessão de propaganda no Cine-Teatro de Tomar,** com a presença de todos os candidatos.

Sábado, dia 6 — 20,30 h. — **Sessão de propaganda** no Teatro Rosa Damasceno em Santarém, com a presença de todos os candidatos.

Domingo, dia 7, 13,30 h. — **confraternização democrática** comemorativa do 5 de Outubro, nas instalações do Restaurante Carolino, em Almeirim.

Os interessados em participar nesta jornada de convívio deverão comunicar a sua inscrição até sexta-feira para a sede em Santarém ou para a sede concelhia de Almeirim Largo João de Deus, n.º 4, ou ainda pelo telefone 22714 de Santarém.

A Oposição de Santarém, além da sede na capital do distrito, abriu também sedes concelhias nas seguintes localidades:

Torres Novas: Rua Alexandre Herculano, 24 e 26

Entroncamento: Rua Eng.º Mário Costa, M. L. R., Bloco 1, r/c

Almeirim: — Largo João de Deus, n.º 4.

RUI PATRÍCIO NA ONU

Continuação da pag. 1

responsabilidades no plano internacional. É de prever que as populações da Guiné portuguesa continuem infelizmente a ser atacadas a partir de território estrangeiro por organizações terroristas nele baseadas. Mas estes ataques terão a mesma natureza criminosa e o mesmo carácter ilícito à face do direito internacional quer provenham de uma Guiné/Conakry n.º 1 ou de uma Guiné/Conakry n.º 2.

No início do seu discurso, o dr. Rui Patrício lamentou o facto de cada dia com mais frequência se registarem exemplos de emprego da força para resolver situações de conflito ou de discórdia, o que contrasta com a política de desanuviamento que de algum modo se instalou nas relações internacionais. Manifestou a sua adesão a tal política, **cujos resultados já hoje não podem ser contestados,** e, a propósito, salientou o bom exemplo dado nos últimos anos pela RFA, aproveitando a oportunidade para saudar com **satisfação** a entrada **dos dois Estados alemães** na ONU, assim como a admissão do **Commonwealth das Bahamas.**

Afirmou também que o Governo português tem dado e continuará a dar toda a colaboração à Conferência de Segurança Europeia, **da qual esperamos que possa surgir um novo clima de relação entre os países do Continente europeu.**

Sobre o «terrorismo» e o recurso à força, disse o ministro dos Negócios Estrangeiros: **o Governo português aceita e reitera o seu apoio ao princípio da autodeterminação. Mas não pode admitir que ele sirva de pretexto para se legitimar a violação de princípios básicos de direito internacional como são a não admissibilidade do recurso à força e o da não-interferência nos assuntos internos dos outros Estados.**

MAIS DE 70 DELEGADOS ABANDONARAM A SALA

NAÇÕES UNIDAS, 4 (R.) — Mais de 70 países voltaram ostensivamente as costas e sairam do hemiciclo onde decorre o debate da Assembleia Geral das Nações Unidas na altura em que o ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, defendia a política do seu país nos territórios portugueses xm Africa.

Os representantes de todos os estados africanos, exceptuando dois — Suazilândia e Malawi — saíram da sala, juntamente com os representantes de certos países cão alinhados, dos países escandinavos e do bloco socialista.

QUATRO MORTOS E DOIS FERIDOS EM RIBA D'AVE

PORTO, 4 — Próximo de Riba d'Ave e a cerca de 40 quilómetros da província de Orense, registou-se um grave acidente de viação de que resultou a morte de João Pereira, de 62 anos, industrial, residente na Rua de Costa Cabral, que conduzia o veículo, sua esposa, D. Conceição Pinto Monteiro, de 58 anos, doméstica; António Fereira dos Santos, de 80 anos, viúvo; e Joaquim Guilherme Carneiro, de 61 anos. Ficaram feridas, D. Albertina Rosa Campos e D. Maria Angelian Moreira França. Esta última encontra-se internada em Orense, na «Residencia Sanitária Nuestra Señora del Cristal».

Segundo informação daquele centro de assistência, D. Angelina França sofreu fractura de costelas, coluna vertebral, pernas e contusões múltiplas. O seu estado é estacionário.

UM PRÉMIO QUE COMEÇA A SER TRADICIONAL

Uma vez mais a equipa de vendas da Organização F. Lima e C.ª Sucr. Ld.ª obtem um prémio internacional na competição que a ANASCO de Wiesbaden organiza anualmente. Este ano coube ao seu colaborador sr. Fernando Garcia Vieira um honroso 2.º Prémio.

De salientar que o Departamento de Vendas de F. Lima e C.ª Sucr. Ld.ª, obteve já em anos anteriores dois primeiros prémios neste concurso o que, aliados ao deste ano, reforça o que começa a ser uma tradição: a obtenção de óptimos lugares no «Concurso Halazon». Estes resultados são tanto mais de assinalar quanto é certo serem obtidos em concorrência com empresas que, nos seus países, são justamente as primeiras organizações nos ramos da cosmética e higiene — tal como F. Lima e C.ª Sucr., Ld.ª o é em Portugal.

NOTAS POLÍTICAS

TÊXTEIS NO SABUGO

O almirante Américo Thomaz, acompanhado da esposa, inaugurou uma fábrica de têxteis no Sabugo. A nova unidade encontra-se associada a uma firma japonesa congénere. O presidente do Conselho de Administração, Alberto Pombo, que salientou o papel que a indústria têxtil desempenha no actual desenvolvimento do País, foi condecorado pelo Chefe do Estado com a Comenda da Ordem de Mérito Industrial.

SAÚDE E ASISTÊNCIA 3 500 CONTOS EM AMBULANCIAS

Nos seis primeirosmeses do ano corrente, o Ministério da Saúde e Assistencia comparticipou com subsídios de valor superior a 3 500 contos, a reparação e aquisição de ambulâncias. É intenção do Ministério «não só consolidar como de aumentar a rede de serviços de ambulâncias, quer a nível oficial, quer a nível particular, de modo a obter uma rápida e eficaz cobertura de todo o País.

CENTROS TÉCNICOS — APOIO PARA 11 600 EMPRESAS

Portarias ontem assinadas pelo dr. Hermes dos Santos, secretário de Estado da Inústria, criaram os três primeiros Centros Técnicos de Cooperação Industrial: Metal, Madeira e Cerâmica. Fazem parte dos conselhos instaladores dos referidos Centros, respectivamente, o eng. Marques do Carmo, o eng. Teixeira Lopes e António Dias Coelho. Segundo foi afirmado, «mais de 11 600 empresas poderão potencialmente beneficiar do apoio técnico e económico daqueles novos órgãos de promoção industrial».

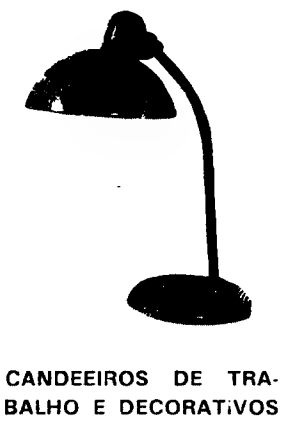
PREVIDÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DE SEGUROS

Tomou posse do lugar de presidente da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais de Seguros, o dr. António Gonçalves Lourenço, recentemente designado para o desempenho deste cargo, em que sucede a Francisco Pinto Coelho, atingido pelo limite de idade.

NOVO ESTATUTO DOS CORPORATIVOS

O dr. Silva Pinto assinou a portaria que aprova o novo Estatuto dos Empregados dos Organismos Corporativos: mais completa regulamentação jurídica das relações contratuais a que se destina. São também revistas as tabelas de vencimentos mínimos e de ajudas de custo, atribuido um subsídio férias, etc..

TOIROS em VILA FRANCA
GRUPO A — MAIORES 6 ANOS
FEIRA ANUAL 7 A 11 OUTUBRO-73
DOMINGO, 7 ÀS 4 DA TARDE
8 — TOIROS — 8
PINTO BARREIROS
MANUEL CONDE
JOSÉ CORTES
JOSÉ JULIO
MÁRIO COELHO
FORCADOS DO RIBATEJO
TERÇA-FEIRA, 9 ÀS 10 DA NOITE
8 — TOIROS — 8
OLIVEIRAS, IRMÃOS
DAVID R. TELLES
MESTRE BATISTA
JOSÉ JULIO
JOSÉ FALCÃO
FORCADOS DS SANTARÉM
QUINTA-FEIRA, 11 ÀS 10 DA NOITE
6 — NOVILHOS TOIROS — 6, de JOSÉ MARIA CARMO
Cavaleiros amadores
JOÃO MOURA — JOSÉ MANUEL LOPES — JOSÉ V. CRUJO
Triunfadores «Vila Franca procura um toureiro»
JOÃO CARLOS — ANTÓNIO POEIRA — JACINTO FERNANDES
FORCADOS DE AZAMBUJA
ESPERAS DE TOIROS TODOS OS DIAS DA FEIRA ÀS 10 HORAS DA MANHÃ

KAISER

CANDEEIROS DE TRABALHO E DECORATIVOS (ALEMÃES)
Distribuidores exclusivos
E M E L L I
Tel. 32 72 10 — LISBOA
Rua de Santa Justa, 99

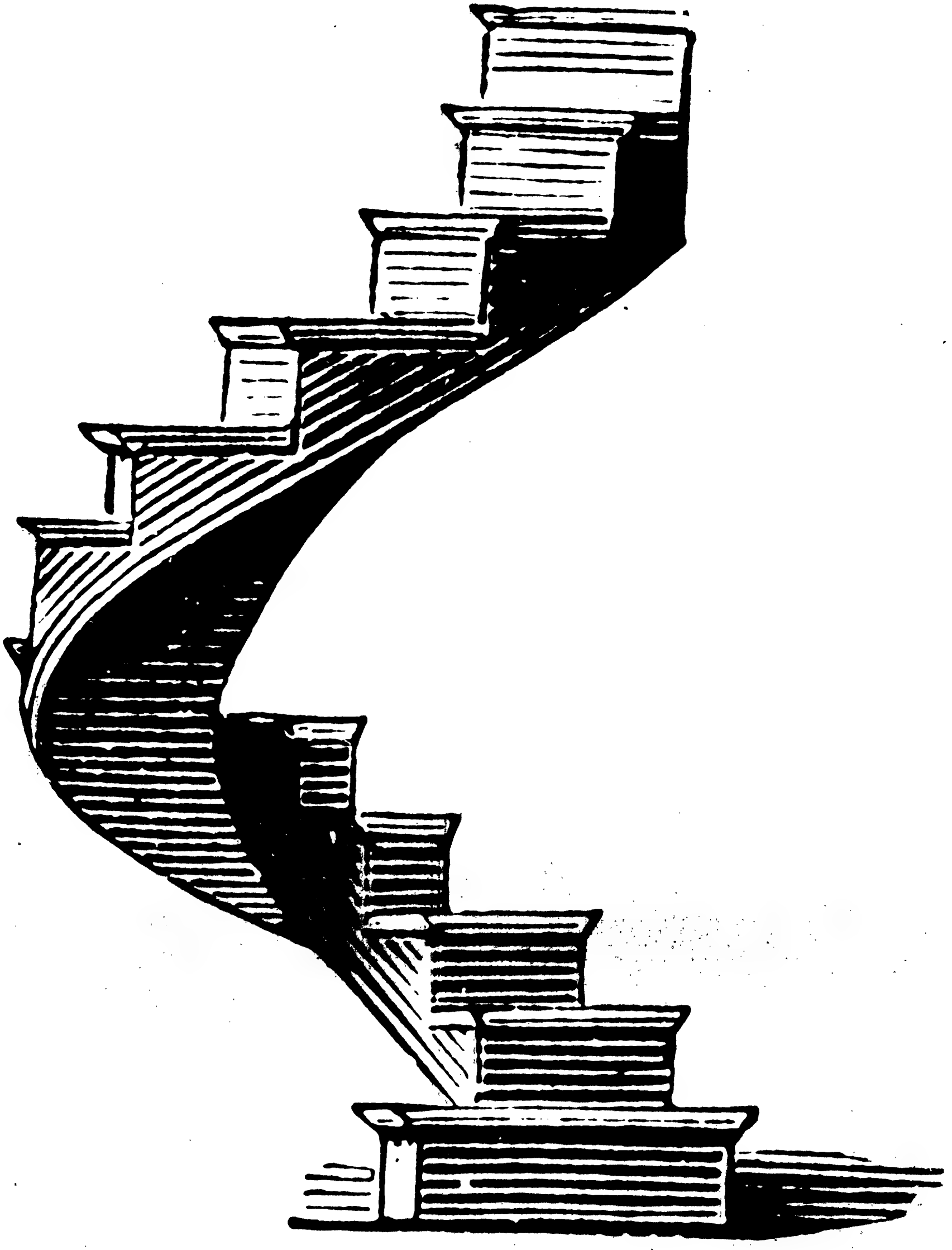
VIAGENS EXCURSÕES CRUZEIROS
paneuropa
Braamcamp 11-Telef 563401/Lisboa
obtenção urgente de passaportes

NOVOS CURSOS
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
LISBOA * COIMBRA
T. 533733 T. 23173

CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS
ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS * TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS
AMANHÃ
MATINÉE ÀS 17 H.
RICKY MAY
MYR E MYROSKA
LIDIA RIBEIRO
BENTYBER DANCERS
FERRER TRINDADE e sua orquestra
SYDNEY SET
ORPHEU'S QUARTET
MAIORES DE 14 ANOS
PREÇOS
CHÁ COMPLETO, 50$00
(Taxas e impostos não incluidos)

ÚLTIMA CORRIDA DA TEMPORADA
CAVALEIROS
MESTRE BAPTISTA
JOSÉ JOÃO ZOIO
ESPADAS
MÁRIO COELHO - RAMON "CURRILLO"
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
capitaneados por José Manuel Soutto Barreiros

Grupo A - maiores 6 anos
CAMPO PEQUENO
Hoje às 22 horas
8 TOIROS DE PORTO ALTO



SUPLEMENTO LITERÁRIO

INTERVENÇÃO CRÍTICA

FERNANDO LUSO SOARES

"MANDAMENTOS & MITOS", de Manoel-Lourenço Forte

O que Manoel-Lourenço Forte põe substancialmente em causa neste livro são as crenças do homem comum. Desse homem a quem o autor de «Mandamentos e Mitos» chama o «senhor-toda-a-gente» O das crenças em que, enfim, assenta dependentemente a estrutura social de muitos países. Estabelece-se assim neste livro uma correlação imediata entre a «mitologia» e a «ordem», isto na medida em que o homem não-comum discute nem as suas fadas nem as varinhas mágicas do bom-acontecer. Aceita estes seres e presta-lhes servidão. Por isso mesmo, numa a mitogenia participa, para o homem comum (para o mass-média, a outra face ou o outro pólo do «senhor-toda-a-gente»), na intelecção do real. Ela antes representa, para ele, uma segurança. Eu, porém, adiantaria um pouco o termo destas linhas de comentário aos textos de Manoel-Lourenço Forte declarando uma verdade que o seu livro não nos transmite assim directamente dita, mas que subjaz na lógica das suas conclusões: o mais reaccionário de todos os mitos é aquele que nos apresenta a sociedade como uma ordem acabada, perfeita, intransformável.

Aproximemo-nos mais de **«Mandamentos e Mitos»** de forma a verificar que na pequena nota introdutória deste livro o autor nos fala dos mitos como entidades meta-linguísticas. O título do volume sugere a vinculação do «senhor-toda-a-gente» ao império irracionalizado (aos mandamentos) da mitografia (nível opaco de uma compreensão comandada) A referência do prefácio, caracterizadora da mitologia como metalinguismo, indica-nos que Manoel-Lourenço Forte parece seguir as conhecidas pisadas de Roland Barthes. Leiamos o ensaio terminal das **«Mitologias»** do estruturalista-formalista francês — intitulado «O Mito, hoje» — e o parentesco ressaltar-nos-á desde logo aos olhos do entendimento.

Mas eu pergunto a mim mesmo — e a Forte, naturalmente — em que latitude é que este referido parentesco se define. A propósito dos filmes do «western» (em que o «cow-boy», o bom, vence sempre o índio, o mau, mesmo enquanto espoliado da sua primitiva posse dos territórios onde a luta se trava), ele descobre muito acertadamente que com esta perene e re[illegible]ada vitória, nós, temos o espectador burguês a convencer-se (a ser convencido) constantemente de que se trata aqui de um analogado da sociedade burguesa que perdurará, pois os princípios sobre que assenta são eternos (págs. 25, no ensaio «O Far-West do Middle-East, ou os «cow-boys» e israelitas contra índios e árabes»). E ao mesmo tempo pretende Forte esclarecer-nos sobre a paternidade do seu esquema (a págs. 23): «O Western», na nossa civilização ocidental, ganhou foros de mito, tal como o encara Roland Barthes. O mito, assim entendido, é uma forma de linguagem (ou melhor, de metalinguagem) característica da sociedade que serve. O mito surge quando uma imagem, representada inicialmente de modo estrito na mente (ou cultura) da sociedade, se enriquece de um «sensulato» generalizadamente aceite».

Antes de irmos adiante parece, no entanto, que nos deve cumprir desde já um reparo a este afirmado parentesco de Forte relativamente ao estruturalista francês. Não foi por acaso, sem dúvida, que Roland Barthes e o novo romance se hajam encontrado de mãos dadas. Eis um fenómeno em que devemos meditar. Robbe-Grillet, tal como acontece com o autor das **«Mitologias»**, buscou a expressão de uma negatividade, de uma nadificação do homem. Robbe-Grillet — notaria aquele seu irmão (teórico) — descreve quase geometricamente os objectos para libertá-los da significação humana, para «corrigi-los» da metáfora e do antropomorfismo. A indagação estrutural de Barthes consistirá, como ele mesmo nos diz, numa forma de metalinguagem centrada sobre as relações existentes entre os sinais (constituintes) de um sistema, e sobre as respectivas funções. Quere isto dizer que a crítica (a análise) nova de Barthes se ocupa das condições simplesmente formais, dos mecanismos linguísticos que possibilitam a significação.

Mas a que vêm estas considerações? Será isto que se verifica em Manoel-Lourenço Forte?... A resposta é fácil, mas necessita de um apontamento prévio que melhor esclareça o ainda mais leigo do que eu nestas matérias.

No referido ensaio «O Mito, hoje» com que remata as **«Mitologias»**, Barthes interroga-se sobre o que na verdade, ao tempo dos nossos dias, aquele traduz. Depois acrescenta: «Vou dar, desde já, uma resposta prévia muito simples, que está perfeitamente de acordo com a etimologia da própria palavra em causa: — o mito é uma fala». E, páginas adiante do mesmo estudo (aliás extremamente universitário, mas de leitura categórica para quem queira embrenhar-se na selva das significações), (Barthes reencontra no mito o esquema tridimensional da semiologia — «significante», «significado» e «signo» constituindo este último o total associativo dos dois primeiros.

Sirvamo-nos do seu exemplo tomando na imaginação, por hipótese, um ramo de rosas. Depois é o caso de fazê-lo significar — diz Barthes — a minha paixão. Acaso não haverá aqui senão um significante (as rosas) e um significado (a paixão)?... Na realidade, porém, não existirão mais do que «rosas passionalizadas», as quais representam um signo. Porque, se no plano da análise se distinguem três termos (significante, significado e signo), quando as rosas e a paixão confluem e se associam, elas formam individualizadamente esse «terceiro objecto» que é o signo, total associativo dos dois primeiros termos. No nosso caso, o mito constitui esse terceiro termo: é um mito a rosa passionalizada.

Mas para Barthes o mito é ainda um sistema particular por força de se construir partindo de uma série semiológica que existe antes dela. O mito é o que se poderá dizer «um sistema semiológico segundo». Aquilo que é um signo (ou seja, o total associativo de um conceito e de uma imagem no primeiro sistema de significação) torna-se simples significante no segundo. Tudo acontece como se o mito deslocasse de um grau o sistema formal das primeiras significações. E, em **«Mitologias»** (a págs 255 da recente edição portuguesa), o estruturalista-formalista francês entra a fazer uma representação gráfica ou desenhada desta translação, coisa que numa simples crítica imediatista seria por de mais exagerado examinar.

Por que motivo, então, dei em considerar uma teorização como esta, que o leitor até achará fastidiosa ou excessiva num artigo de jornal?... Poderia dizer, entretanto, que o fiz para não o tratar (ao leitor) como aquele senhor-toda-a-gente» tão integrado nesta civilização de massa que tende para considerar fastidioso (e logo antijornalístico) aquilo que lhe dá um pouco mais de pensar porque, ao contacto imediato, epidérmico, não entendeu. Porém, a verdade verdade é que fi-lo para dizer duas coisas.

Em primeiro lugar, para prevenir o mesmo leitor (se estiver interessado ou, desculpar-me-á de o dizer, se acaso ainda não dera por isso) de que Manoel-Lourenço Forte segue neste livro (graficamente) idêntico processo translativo na análise de três dos objectos míticos ali encarados. Vejam-se, nesta ordem de ideias, os gráficos de págs 24, 33 e 95. E, em segundo lugar, muito principalmente para reparar que, ao contrário do que desde logo acontece com a mitologia idealista objectiva (a qual empresta **realidade primeira** aos mitos), o estruturalismo, seja ele qual for, considera aqueles mitos como meras expressões simbólicas de uma realidade não directamente copiada, se bem que intelegível e até manobrável. Por isso reconheço a intenção de Forte — mas reconheço também (sem me vergar àqueles que me acusam por vezes de ser hermético nas minhas críticas e pretendem o favor de um populismo de termos e ideias que nada tem, afinal, senão de falsamente democultural), por isso reconheço também, repito, que o autor de **«Mandamentos e Mitos»** talvez pudesse ter evitado as referências àquele processo translativo bartheano. O leitor aproveitaria, substancialmente, sem nada ter perdido do ponto de vista formal.

Seria demasiada a repetição de uma coisa já muito sabida. O estruturalismo de Barthes atinge o cúmulo do formal. Vale-se, portanto, do texto como mero discurso por si e em si. Recordarei como Barthes chega a preferir o termo «escrita» ao de «literatura». Para ele, autor de **«Le dégré zéro de l' écriture»**, o texto alcança hoje um último avatar da ausência — tal como para o seu próximo parente teórico, Maurice Blanchot, o qual, mediante uma dialéctica muito particular, chega a pretender que a palavra constitui uma forma de silêncio.

Evidente é, sem dúvida, que a semiologia constitui uma «ciência de formas» na medida em que estuda as significações independentemente do seu conteúdo. O que duvido é que, mesmo dando do mito a definição que Barthes nos dá como sistema literal segundo, nos possamos escusar a ver mais além. E julgo que essa é precisamente a posição de Forte, enquanto nos oferece o seu livro como um repositório **«sócio-linguístico»** — não, pois, simplesmente linguístico. Logo que estabelecidas as inegáveis conotações dos objectos míticos, daí a um passo estaremos (e o autor de **«Mandamentos e Mitos»** claramente está) a individualizar as **estruturas sociais** através das quais o mito é quotidianamente apresentado ao seu público. No livro de Manoel-Lourenço Forte nós ficamos, portanto, felizmente distanciados do formalismo metalógico. Nesta medida direi que a alguns mitos modernos os agarra Forte pela cauda (humana), sacode-os ante o nosso entendimento (humano) e encontra-lhes o ponto (humano) comum a todos os ali analisados. Eis donde resulta a unidade deste singular livro.

Chegados a este ponto, ocorre-nos naturalmente perguntar qual será esse traço comum aos mitos passados em revista nas páginas do volume. O autor declara-o desde logo no prefácio que estes (os mitos) são «verdadeiros bastiões da ordem», a qual representa simultaneamente a ideologia e a estrutura social burguesa. Se porém bem entendi o pensamento de Forte, a referência ao metalinguismo do mitos é mais uma afirmação discursiva, facilitante, do que concordância básica com Barthes. Ele aproveita, da equiparação entre **mitologia** e **metalinguismo,** a ideia de que os mitos (por serem entidades metalógicas) resistem aos assaltos da cultura graças ao apoio que a própria ordem lhes faculta e à capacidade que têm de se transformar e transferir. E só isso. Se a adesão de Forte a Barthes fosse de mais raiz, ficaríamos sem entender por que motivo o seu livro constituiria (e como?) uma análise **sócio-linguística**, isto é, uma análise que de modo nenhum abstrai do elemento humano ou sociológico.

Direi então que, segundo também julgo que entendi, o ponto comum dos mitos escolhidos para análise neste livro, e de acordo com a referida prevenção do prefácio, situa-se na prementíssima ideia de uma «posse» burguesa. No primeiro texto (aliás o menos conseguido de todos), onde o mito é a «droga» vista como fé, a[illegible]la (a posse da droga) representa-se-nos como o bordão artificial que o homem toma para se apoiar num substitutivo da verdadeira coragem dialéctica de viver. No segundo, o do tal «cow-boy» vencedor eterno de todos os índios, conotam-se-nos as singularidades (contradições de base) de uma civilização utilitária, falsamente missionista. No terceiro, sobre a virgindade, implica-se-nos toda a ideologia das excelências de uma posse primária (ou primeira relativamente a todos os outros). E etc. etc..

Ficaria uma palavra para a mitologia dos «mass-média» — tema dos mais importantes deste livro de mitos modernos — simbolizando (ou significando) a posse de tudo o que é acessível. Escreve Forte a este propósito (a págs 73): «Os «mass-média» (ou meios de comunicação de massa) invadiram de tal modo o nosso mundo que, para o «senhor-toda-a-gente», a vida já não seria «normal» sem eles. Os «mass-média», com efeito, apresentam-se-nos como o instrumento educativo (!) típico de uma sociedade de fundo paternalista. No dizer de Umberto Eco mostram-se-nos, enquanto vistos em maior profundidade, uma típica «superstrutura de um regime capitalista» usada para fins de controlo e planificação coacta das consciências. Eles põem à disposição do homem os frutos da cultura superior, mas esvaziados da ideologia e da crítica que os animava. Assumem, enfim, os modos exteriores de uma cultura popular — mas só exteriores, pois, ao contrário de crescerem de baixo para cima, são impostos de cima para baixo.

E ficaria também para dizer, num estudo mais longo, uma outra palavra sobre o texto «Computadores, Calculadores e Robots», de págs 93 e seguintes. Instrumentos míticos complexos, possessórios de todas as informações, possibilitantes de todas as aptidões. Repare-se neste retrato sociológico que o mito das máquinas traz à nossa sociedade actual (págs 101): «Os computadores, calculadoras e «robots» são o substracto sobre que assentam as perspectivas de evolução duma sociedade anteriormente burguesa-artesanal e comerciante, actualmente capitalista-industrial e, num futuro que se espera próximo, pós-industrial-tecnocrática».

No remate deste curioso livro temos ao alcance aquela revelação que a análise de um certo sector da mitologia moderna tornou patente a Manoel-Lourenço Forte. O problema fundamental de hoje parece ser efectivamente o da potência — uma maneira de estar no mundo, uma atitude perante a vida, uma ausência do medo do desconhecido (págs 112). Mas, ao mesmo tempo, já o vimos, este livro é uma reacção contra a «indústria cultural» de uma determinada ordem de coisas. Isso resulta, repito, do género de mitos examinados. Daí o motivo por que tais mitos nos aparecem como peças de um sistema de condicionamentos conexo com certos fenómenos sociais repressivos do homem. E daí também a referência repetida à figura social típica que Manoel-Lourenço Forte, intitula, também já o dissemos, o «Senhor-toda-a-gente».

UM GRANDE ALARIDO, PORQUÊ?...

Começo, na verdade, a estar farto desta pseudopolémica que não interessa senão a um grupo de senhores. Através de grande alarido eles descobriram a forma de se promoverem portas-a-dentro do País. E respondo ao artigo (?) do sr. Basílio Rodrigues, que o «Suplemento Literário» publicou na semana passada, não para lhe fazer o jeito de aceitar o diálogo que me propõe, mas para repor algumas coisas nos seus devidos lugares.

Há uma, no entanto, que dia a dia se vai acentuadno: — a chamada de atenção para o livro **«Situação Actual da Literatura Portuguesa»**, que este alarido indiscutivelmente provocou, tem conseguido aumentar o número daqueles que verificam uma certeza: — que tal «obra» não vale culturalmente nada. E, dito isto, vou responder ponto por ponto ao último artigo (?) do sr. Basílio Rodrigues, esperando que este seja mesmo o último. Não tenho paciência para mais.

1) — Escreve o sr. Basílio Rodrigues: « ... Fernando Luso Soares investiu, sem qualquer respeito á pessoa humana, contra os autores de **«Situação Actual da Literatura Portuguesa»**, na suposição de serem quase todos brasileiros, quando são quase todos portugueses».

Respondo penitenciando-me do erro, Então mudo de atitude (que versátil sou! ...) e, só não mudando quanto ao facto de **«A Situação Actual da Literatura Portuguesa»** ser mesmo um livro menoríssimo, parto do princípio, agora sabido, de que o sr. Basílio Rodrigues desempenha funções universitárias no Brasil. E então também me pergundo se terá sido a propóstito dos vários Antónios Basílio Rodrigues que andam pelo Brasil que o professor brasileiro Afrânio Coutinho escrevia no «Diário de Notícias» do Rio de Janeiro (em 18-4-1965) estas palavras de queixa: — que, muitos dos portugueses que para lá iam, eram «prolixos e superficiais» e teriam demandado as Terras de Vera Cruz «à custa da munificência de nossas universidades», «subdesenvolvidos intelectuais que aqui vêm buscar desenvolvimento para a sua mente nebulosa e massuda» (sic).

Evidente é que este conceito de Afrânio Coutinho, se acaso se generalizasse, representaria uma injustiça. Mas o que torno a perguntar é se ele não se aplicará **luvarmente** aos Basílios Rodrigues, a todos eles enquanto buscam as costas (e se penduram às costas).

2) — Escreve em seguida Basílio Rodrigues: — ... aqui ninguém o conhece»; e mais adiante, depois de me esclarecer sobre o meu anonimato no país onde o seu espírito resplandece em ondas de celebri-

Continua na pagina doze

ROGÉRIO FERNANDES: "É INDISPENSÁVEL A QUALQUER ESCRITOR UMA CONSCIÊNCIA POLÍTICA"

Rogério Fernandes não é só um escritor político. É também um pedagogo. Aliás, nos trabalhos que tem publicado, estas duas facetas andam quase sempre a par, como que se completam entre si. Mas vejamos um pouco do seu «curriculum vitae» ao serviço da Cultura Portuguesa, que dele recebeu uma notável contribuição: foi segundo assistente além do quadro, durante três anos lectivos na Faculdade de Letras de Lisboa. Mais tarde, após uma breve passagem pelo Grémio de Editores e Livreiros, trabalhou numa editorial.

Entretanto, iniciara-se a sua vida de homem dedicado às coisas do jornalismo, com vários anos de trabalho na redacção da revista «Seara Nova», onde viria a ser director-adjunto e director durante alguns meses. A problemática das obras que até agora publicou está quase toda ela virada à investigação da história do Ensino em Portugal e às questões pedagógicas, com uma breve passagem pela ficção. Títulos: o seu primeiro livro é um ensaio sobre a obra de Trindade Coelho, publicado por volta de 61. Seguem-se-lhe: **O Ensino, sector em crise, João de Barros, educador republicano, Para a história dos meios audio-visuais do ensino, Cartas de António Sérgio e Alvaro Pinto, de que fez a selecção de textos e notas de apresentação, Três tiros e uma mortalha** (um livro de contos que é a sua primeira e, até este momento, única experiência na ficção), **Situação da Educação em Portugal**, que saiu este ano e **As ideias pedagógicas de Adolfo Coelho**, também recentemente editado. A juntar a estas obras em volume, Rogério Fernandes tem uma imensa variedade de trabalhos dispersos pela Imprensa, como se sabe.

E aqui estamos nós a conversar. Rogério Fernandes diz, muito descontraído, que não se importa de falar para o gravador, o que o torna uma raridade na nossa terra.

— Poder-se-á, em Portugal, aplicar o termo de escritor político? Você, **Rogério Fernandes, considera-se, nesse caso, um escritor político?**

. — **Considero — responde-nos R.F. — que é indispensável a qualquer escritor uma consciência política. Portanto, neste sentido, sou um escritor político — ou pretendo sê-lo. Na concepção de mundo de qualquer escritor, penso seu, tem de haver uma perspectiva política, certamente oriunda da consciência desperta sobre os problemas do seu tempo.**

— E qual a situação desse escritor consciencializado, no tempo e espaço português de hoje?

. — **Parto para a resposta que me sugere, com a afirmação de que vivemos numa sociedade fundamentalmente repressiva, isto é uma sociedade que não admite o pluralismo ideológico, uma sociedade que não admite uma análise das questões, seja ela feita em termos doutrinais ou estéticos. Pelo menos não a admite, quando essa análise é formulada desde determinada perspectiva. Todos nós, escritores que nos reclamamos uma certa visão do Mundo e da História, sentimos o peso desse reprimir pelas estruturas da nossa sociedade. A existência da Censura, seja qual for o nome que se lhe dê, é sem dúvida alguma, uma considerável limitação à liberdade do escritor. Limitação que se faz sentir logo à partida, quer dizer, no próprio acto da criação. Instintivamente, por mais que lutemos contra isso, o escritor retrai-se, ao aperceber-se, quando cria, que não livre, que há barreiras que ele de maneira nenhuma pode transpor sem o perigo da não sobrevivência da obra que realiza. Portanto, sob esse ponto de vista, a situação de qualquer escritor que se situe numa posição inconformista, é uma situação difícil no nosso País.**

As ideias em Rogério Fernandes fluem espontâneas e sem grande soluções de continuidade. Nós apenas procuramos acompanhar o caudal. Ainda acerca do que atrás afirmou, acrescentaria:

. — **Comparando a situação do escritor português com a situação do escritor da generalidade dos países europeus, sentimos nitidamente que há uma grande distância entre aquilo que noutros países se escreve e pensa e o que por cá se pensa e escreve. Muitas vezes não temos outro recurso senão procurar o subterfúgio, a sugestão a entrelinha, como processo de comunicação dos menos felizes. Isto não só invalida a espontaneidade, como limita seriamente as nossas possibilidades. É claro que a despeito disso, a Literatura Portuguesa tem produzido em todos os domínios, nestes últimos 47 anos — e refiro-me a este período porque é o período em que essa repressão se faz sentir com verdadeira dureza — obras bastante válidas. Há uma cultura portuguesa que se afirmou e afirma, embora a trancos e barrancos e através de todas as peias possíveis. Mas não há dúvida que, por estas mesmas circunstâncias, a generalidade dos escritores portugueses não têm condições para produzir o seu melhor, ou seja, para produzir em plena autenticidade. É absolutamente fundamental recuperar as liberdades públicas, a liberdade intelectual em todos os sentidos.**

Não nos pareceu muito a propósito meter aqui uma pergunta que seria sempre um desvio na teia de ideias que Rogério Fernandes tecia em torno da situação do escritor e da Literatura em Portugal. Por isso deixámos que ele prosseguisse:

. — **É evidente que a Literatura Portuguesa tem dificuldade em abordar as questões realmente importantes da nossa época, ao contrário do que sucede neste momento com todos os nossos colegas europeus. E chegado aqui, circunscrevo a exemplificação por comodidade: vamos dar o caso dos dos Estados Unidos da América. A guerra do Vietnam suscitou da parte da inteligência mais progressista norte-americana, uma tomada de posição clara e sem subterfúgios. Note-se a diferença: em Portugal, as três guerras que ora se processam, não têm suscitado na nossa literatura a repercussão que, em paralelo suscitou o Vietnam. Na literatura norte-americana. Isto não sucede por acaso. Isto acontece, porque apesar de todas as limitações impostas pelo capitalismo norte-americano, esse capitalismo admite (apesar de tudo, repito) a crítica e a contestação. Em contrapartida, no sistema social e político português só uma verdade pode dominar sob a forma pública — porque há uma verdade pública e uma verdade privada. E o escritor fica, assim, sem condições para revelar a sua verdade pública.**

Rogério Fernandes

— Rogério Fernandes: qual a experiência ou experiências que mais o marcaram nos três campos em que se situou: na pedagogia, na literatura, no jornalismo?

. — **No ensino tive uma experiência extremamente válida, que foi o contacto com os alunos e com alguns dos colegas com quem trabalhei. Devo dizer que o contacto com os estudantes, sobretudo, se tornou algo extremamente enriquecedor e estimulante. E assim é, ainda, visto que não abandonei por completo o Ensino. As questões que eles colocam forçam-nos, naturalmente, a procurar novas fontes de informação, a actualizar metodologias, a procurar responder às suas inquietações através duma dinâmica que nos leva a tornar parte integrante nessas inquietações. E isso é uma experiência espantosa para quem leve o Ensino a sério. No jornalismo, a minha experiência mais interessante, mas também a mais decepcionante sob certo ângulo, foi a minha frustrada reportagem dos acontecimentos de Maio de 68, em França. Frustrada, sabe-se porquê. Já na literatura, não posso falar exactamente de «uma determinada experiência», pois que a literatura é toda ela produto do capital vivencial que acumulamos e em que entram como componentes as várias outras experiências.**

— Há algum livro seu que gostasse de destacar em particular?

. — **Não creio. Todos os meus trabalhos têm sido escritos em função da necessidade de chamar a atenção, ou para um aspecto que me parece injustamente esquecido na Literatura Portuguesa de Ideias, ou no domínio pedagógico, ou ainda para questões que se me apresentam como vitais para a nossa existência de Nação, como povo livre, independente e que se quer progressivo, ou então foram fruto da necessidade imperiosa de exprimir qualquer coisa de íntimo, de pessoal, de vivido.**

— Acha que o povo português não está preparado para viver uma democracia?

. — **Quem diz isso? As pessoas que fazem essas afirmações são aquelas que não querem que o povo português escolha pela democracia. Não se pode, sob pena de cair em ridículo, dizer que o nosso povo não está preparado para a democracia. E que é estar preparado para a democracia? É estar preparado para o exercício da liberdade? Isso só a experiência do exercício da liberdade nos poderia dar a resposta. O que é verdade é que nso momentos mais cruciais da nossa existência como nação, o povo tem sabido responder aos problemas do seu tempo, aos problemas do País, com um civismo extraordinário. O povo está preparado para a democracia, o caso é que ela exista. O exercício das liberdade públicas, o exercício da cidadania, cria no homem, no cidadão, o sentimento da responsabilidade. Não há nenhum povo que não esteja preparado para a democracia. Em todos os povos existe um sentimento mais ou menos latente, uma noção mais ou menos clara daquilo que é a democracia. Vamos ver se eu me explico: quer-se afirmar, porventura, que depois deste eclipse das liberdades públicas, o povo português desaprendeu o voto? Desaprendeu a análise das questões? Desaprendeu a compreensão dos poblemas? Não se pode admitir essa ideia, se verificarmos como o povo procura responder aos problemas duma maneira racional, objectiva, superando quase sempre as deficiências consideráveis da política instalada. Damos um exemplo: a emigração. A emigração é uma resposta do povo português a um problema de subdesenvolvimento. Foi a resposta pela qual, numa dada circunstância da vida portuguesa, o povo encontrou a sua opção dentro de um dado problema. Mas há mais experiências que nós podemos citar. Na sociedade portuguesa há formas latentes de democracia que persistem, embora todas as limitações. E é por vezes admirável notar o grau de objectividade, a inteligência crítica que o povo revela, se bem que com expressões muito suas e que a nós, burgueses, podem parecer inadequadas, no pressentimento e enfrentamento das verdadeiras razões, dos verdadeiros problemas de sobrevivência.**

O nosso entrevistado gosta de pegar as questões e desfibrá-las. Aclarando os seus pontos de vista, naturalmente sem perder nunca o tom que ele sabe, como jornalista que é, melhor servir uma entrevista deste género. Por isso ainda adianta:

. — **Há em muito boa gente a convicção de que um povo analfabeto não está civicamente preparado para a democracia. Ora o analfabetismo nada tem a ver com o exercício da democracia. Um analfaveto pode ser um homem extremamente inteligente e revelar uma espécie de cultura capaz de superar a de um indivíduo com canudo. Ao sublinhar este ponto, não estou a demonstrar nenhum originalidade. Trata-se apenas de recordar uma lição que me deu um dos autores que estudei: Adolfo Coelho, que no seu livro «Cultura e Analfabetismo», prefaciado pelo Sérgio, chamava a atenção precisamente para este pormenor: os analfabetos que existem em Portugal e no resto do Mundo — e neste ponto Adolfo Coelho precedia as ideias expendidas mais tarde por René Maheu, presidente da UNESCO — não são homens degradados na sua condição de homens. É certo que não possuem um instrumental de cultura trazido da escola. Mas possuem outras formas de cultura — que a cultura não é só a cultura livresca. De resto, não precisamos de recorrer à existência dos audio-visuais para perceber que a cultura nunca foi exclusivamente escritural. Quer dizer: a cultura não existe só nos livros, porque há também a cultura que o homem forja nas suas relações sociais. O povo, mesmo analfaveto, possui a sua cultura. E não rar, numa graduação alta.**

— Rogério Fernandes: você considera-se um escritor comprometido?

— **Sim. Um escritor comprometido, de acordo. Vejamos, porém, em que é que consiste o compromisso do escritor. A minha opinião é que o escritor será tanto mais livre quanto menos comprometido estiver com uma escola estética ou com um grupo político ou com uma doutrina, no sentido dogmático que a palavra doutrina pode adquirir. Escritor comprometido, sim, com todos os problemas do nosso tempo e com a perspectiva democrática de resolução desses mesmos problemas. Por vezes confunde-se ser um escritor comprometido. compromisso do escritor, com a adesão a esta ou àquela fórmula política ou social ou económica ou estética. E, no entanto, um escritor pode não ser estritamente aderente a uma fórmula política ou a uma doutrina filosófica específica e ser um escritor comprometido.**

Falou-se há pouco na autenticidade em literatura. Mas você possui uma larga experiência de jornais e talvez queira tecer alguma consideração em torno da autenticidade jornalística no nosso País...

Penso que esse problema é especialmente grave na vida portuguesa actual. Os jornais, duma forma ou de outra, pertencem a grupos económicos que exercem, sob a sua orientação, uma pressão mais ou menos clara. A própria Instituição mantém múltiplas e subtis formas de pressão em torno dos jornais. O jornalista refugia-se então no reduto da objectividade — isto é, de «uma certa objectividade», quer dizer, na narração estrita, fiel, daquilo a que assistiu, das palavras que ouviu e que transcreve, eliminando precisamente na notícia aquilo que poderia enriquecê-la particularmente: a problematização da própria notícia. É claro que aqui se levanta o velho problema de compromisso entre informação e opinião. Eu acho que não há nenhuma informação que não contenha opinião quanto mais não seja pelas lacunas sensíveis dessa mesma opinião. Ora essa objectividade absoluta que se pede ao jornalista, é um belo mito que todos nós conhecemos. Ao dizer isto, não quero fazer significar que ao jornalista não cabe apresentar ao público todos os componentes de determinado problema, todos os dados informativos que honestamente procurou obter e que honestamente deve procurar que sejam exaustivos. Mas isto não significa, por seu turno, que o jornalista não possa ou não deva fazer opinião acerca desse mesmo acontecimento de que foi testemunha — e porque o foi. Alguns jornais optam, em regra, pela seguinte solução: uma coisa é a notícia, outra coisa a opinião. Você quer escrever opinião, pois escreva e ponha o seu nome por baixo. Quando for notícia, limite-se a dar a estrita notícia. É um compromisso que se pode admitir como aceitável... só em certa medida. E só em certa medida, porque nessa solução há um jogo que nada tem a ver com as regras jornalísticas. Toda a questão se resume em saber-se se os jornais, dominados como são, pertencendo como pertencem a grandes grupos económicos, orientados fundamentalmente numa direcção de direita e pretendendo criar no público uma determinada imagem da política e do panorama nacional actual, aceitam facilmente a «opinião» do jornalista. Pessoalmente, devo acrescentar, não tenho tido dificuldades em matéria de opinião assinada. Isto é: não me têm sido levantadas restrições a esse tipo de trabalho, a não ser aquelas que decorrem das instituições oficiais. Mas no trabalho anónimo, de jornalista, têm sido muitos os obstáculos que não consigo vencer. É claro que há uma última saída: considero um direito do jornalista o de responder NÃO, quando lhe peçam uma colaboração que viole as suas normas de consciência. Não sei, porém, se todos os jornalistas se encontram em situação de poder usar esse direito com toda a energia. Receio bem que não.

CINEMA

O ENFORCAMENTO

PERCURSOS

1. Este filme de Nagisa Oshima rompe deliberadamente com tudo aquilo que nós nos habituámos a considerar como «cinema japonês». Toda a sedução exótica, folclórica ou etnográfica deixa neste caso de funcionar. **O enforcamento** trata apenas de uma hipótese imaginária que nós espectadores, devemos imaginar com eles, autores do filme, para que se possa dizer de cada um que cada um cumpriu o seu dever. A hipótese: R., condenado à morte por ter violado e morto duas raparigas, não morre durante o enforcamento, ficando em estado de inconsciência. A repetição da execução implica que o condenado recupere a consciência, se reconheça como R., e assuma de novo a responsabilidade dos seus crimes. Para que R. se reconheça R., os funcionários da prisão reconstituem não só os dois crimes que R. cometeu, mas ainda cenas da sua infância e adolescência. Pouco a pouco o local da execução transforma-se em cena de teatro, ou melhor, na cena de um outro teatro (porque a execução tem também a sua teatralidade).

2. **O enforcamento** é uma obra-prima do cinema contemporâneo.

Vamos tentar dizer porquê. Num primeiro tempo, observaremos que o mecanismo (extremamente hábil) do filme conduz ao seguinte processo: o espectador é posto frente ao lugar de execução, tendo sobre ele um olhar objectivo (neste ponto, a objectividade, contendo a emoção, funciona como violência: e a voz do narrador, crescentemente exaltada, mostra a dificuldade da emoção continuar a retarir-se); a leitura do espectador leva-o, neste momento, a supor encontrar-se perante um filme de denúncia da pena de morte em termos documentais. Na fase seguinte, uma vez falhada a execução, porque o condenado desafia as regras e toma um comportamento que nem vem nos livros da ciência, entramos num período do humor: o querer fazer que R. volte à vida para poder ser morto é apenas a contradição mais evidente duma situação que explode pelo ridículo; a reacção do espectador pode aqui ser dupla: ou considera que a quebra de tom do filme é indigna do tema («não se brinca com coisas sérias»), ou sente um involuntário alívio pelo facto de o filme enveredar por um estilo descontraído. Mas **O enforcamento** destrói quaisquer hipóteses que sobre ele se possam ter até chegar a algo de tão profundamente original que rompe todas as nossas classificações tradicionais. O filme descompõe-se progressivamente na medida em que se revela sempre de uma complexidade mais funda e subtil.

3. Tentemos dizer o essencial deste filme em meia-dúzia de teses a desenvolver:

. a) **O enforcamento** não é propriamente um filme contra a pena de morte, embora a condenação da pena de morte esteja também inscrita nele; contudo, **O enforcamento** ocupa-se de outras coisas: fundamentalmente, da relação entre a realidade, o imaginário e o desejo; e ainda, das relações entre a castração e a lei.

b) Tal como **O enforcamento** não é redutível a uma história verosímil (o que se vê não podia ter acontecido, ou só é verosímel que aconteça **num filme**, e não no real: há mudanças de cenário inexplicáveis; há personagens que aparecem e desaparecem misteriosamente; há saltos cronológicos; há dados incompatíveis, etc..), também não é redutível à coerência de uma qualquer mensagem ideológica.

c) **O enforcamento** é um filme profundamente lógico, dividido em secções que acentuam o carácter de demonstração e de equação: R. tenta ser R.; R. não se reconhece como R., etc.. O próprio facto de o protagonista se condensar numa inicial (R.) reforça o carácter de raciocínio lógico a que o filme conduz. No entanto, essa lógica explode (**racionalmente**) nas suas próprias contradições, esbarrando nos limites de qualquer lógica: a castração e o incesto.

d) **O enforcamento** é um admirável filme sobre o **sujeito** Afinal, que está em jogo? Apenas que R. se reconheça como R.. Isto é, torna-se necessário para a Lei que o sujeito se assuma como **identidade.** Ora o sujeito pluraliza-se numa constelação não-totalizável: temos R1, que é o sujeito antes da execução, consciente do seu crime; temos R2, que é sujeito **inconsciente** depois da execução falhada (neste ponto, o sujeito divide-se entre um corpo presente e uma alma ausente); temos R3 que são todos aqueles que, procurando reconstituir perante R. a sua vida e os crimes, dizem: «isto que eu estou a fazer e o que tu fizeste, e, portanto, eu estou a representar o teu papel, eu sou tu»; temos R4, que é o que resulta do esforço de R. para representar o que fez como R1 de molde a tentar reconhecer-se; temos R5, que é a imagem de R., militante político, visto pela irmã, e na qual R. também se não reconhece; temos R6, que é R. ao retomar consciência, mas reconhecendo-se agora como R - inocente, e não como R - culpado; temos R7, que corresponde ao momento em que R. se decide morrer, não em nome da culpa de R1, mas em nome de todos os Rs - inocentes que um sistema culpabiliza.

Se considerarmos, seguindo Althusser («Idéologie et appareils idéologiques d'État»), que a estrutura especular duplicada da ideologia assegura simultâneamente: 1) a interpelação dos «indivíduos» enquanto sujeitos; 2) a sua submissão ao Sujeito; 3) o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, e dos sujeitos entre si, e finalmente o reconhecimento do sujeito por si próprio; 4) a garantia absoluta de que tudo está bem assim, desde que os sujeitos se reconheçam, e aceitam que «assim seja» — encontramos neste esquema todos os momentos essenciais dum filme como **O enforcamento**, figurando aqui a categoria do Sujeito ou a Lei (o Procurador) ou Deus (o Padre). A própria contradição do filme (fazer que R. volte à vida para que ele possa voltar a morrer) aparece teorizada por Althusser quando este diz que toda a ideologia do sujeito pretende que o indivíduo se constitua como subjectividade livre (centro de iniciativas responsável dos seus actos) para que, no mesmo gesto, se submeta à autoridade superior a que ele fica sujeito. O indivíduo é interpelado como sujeito livre para que seja ele a aceitar livremente sujeitar-se à sua submissão.

4) **O enforcamento** é acima de tudo um filme erótico.

O enforcado morre em erecção. Por outro lado, a dimensão de castração inscreve-se ao longo de todo o filme: o médico, por exemplo, conta-nos como a sua profissão de verificar se os condenados estão mortos lhe impede uma vida afectiva normal, porque, ao chegar a casa, onde uma rapariga o espera, ele começa a contar a execução, e, no momento em que o alçapão se abre e o condenado cai, as raparigas abandonam-no sempre; por outro lado, R. fala da necessidade, prévia ao desejo sexual, de fazer coincidir o real e o imaginário, sem o que não se sentia seguro nem tinha confiança em si. Por outro lado, a castração figura-se não apenas no vazio do alçapão que se abre (e que é o primeiro momento forte do filme, na sequência ainda descritiva), mas sobretudo no vazio do nó que oscila no centro da sala. Tanto R. como a irmã falam através desse vazio. Ora acontece que esse círculo vazio contracena com o círculo pleno da bandeira japonesa (símbolo multiplicado no filme e servindo de fundo para as personagens que falam em nome da Lei), com o círculo da roda de bicicleta (que faz parte do fantasma de R.) e com o círculo da Lua cheia que se ergue na cena de amor entre R. e a rapariga sobre as águas.

5) Na impossibilidade de analisar longamente este **filme extraordinário,** queria ainda referir alguns aspectos parcelares:

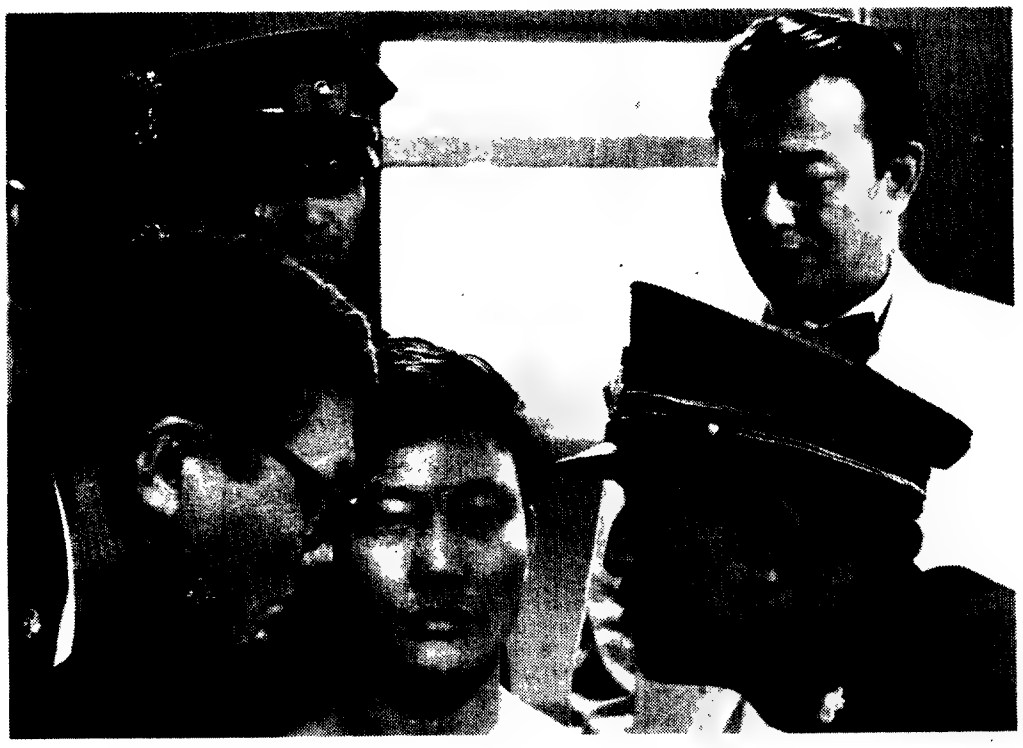
a) O filme estabelece um espaço fechado altamente asfixiante (asfixia que sintoniza que a asfixia em que vivem os coreanos que habitam em território japonês, e com a asfixia como única forma de morte no filme) que inclui algumas cenas em exteriores que só aparentemente são exteriores, porque se mantêm na clausura imposta pelo lugar-tempo da execução. De notar a relação impossível com o exterior na sequência final em que R. tenta saír e esbarra com o excesso de luz (que o padre interpreta como Deus e o procurador como a Nação, e que é apenas o princípio de realidade **na sua forma insuportável**).

b) Quando, numa das sequências em exterior, R. e os guardas correm numa ponte, dever-se-á notar um aspecto curioso: eles correm e vários planos se sucedem a mostrar as várias fases da corrida, mas cada plano apresenta as personagens **percorrendo sempre o mesmo espaço**, embora os planos nos mostrem as fases sucessivas da corrida (primeiro, R. e os polícias; depois, R. afasta-se dos polícias; por fim, R. sozinho), cada uma dessas fases é vista no mesmo espaço, como se eles estivessem sempre a partir do ponto inicial: os tempos sucedem-se, o espaço mantém-se.

c) Na admirável sequência em que tentam reconstituir a adolescência de R., cada movimento de R. é, dum modo quase imperceptível, figurado duas vezes: se R. se levanta, nós vemo-lo pôr-se de pé, e, no plano seguinte, vemo-lo ainda de joelhos para de novo se erguer, como se cada gesto se desdobrasse em dois, o que está certo porque há vários sujeitos em jogo: há o que R. era e há R. tentando representar o que imagina ser o R. de antes (dando-se uma conversão importante: ao imaginar o passado que viveu, R, pela força da imaginação, imagina-o em termos utópicos: «Era uma grande avenida, com muitas lojas onde cada um podia ir buscar o que queria. Todas as casas tinham televisão e frigorífico...»).

Concluindo: **O enforcamento** não é um filme sobre a pena de morte; é um filme que fala da pena de morte porque a pena de morte no Japão é o enforcamento.

EDUARDO PRADO COELHO



OPÇÕES

(código: ☆ com algum interesse; ☆☆ a ver; ☆☆☆ bom; ☆☆☆☆ muito bom; ☆☆☆☆☆ excepcional)

Yorga, o Rival de Drácula (The Return of Count Yorga), no Alvalade.
Real.: Bob Kelljan.

Depois do «snobismo» do terror (sustentado pelo êxito das sessões àmeia-noite) veio o «snobismo» do antiterror (mais certo): que isto nos não faça ignorar a qualidade (relativa) de certas obras, este «Yorga», por exemplo, que, com humor e subtileza, se faz intertexto: texto que reflecte o texto de outros filmes de terror, deslocando-se em relação a eles (classificação: ☆☆).

O Espantalho (The Scarecrow), no Castil.
Real.: Jerry Schatzberg.

Sensação inevitável do demasiado visto. Contudo, alguma força por momentos: para isso contribui a seriedade do autor e a interpretação de Gene Hackman (classificação: ☆☆).

O enforcamento (Koshikei), no Estúdio.
Real.: Nagisa Oshima.

Uma indiscutível obra-prima do cinema contemporâneo: sobre o desejo, a realidade e o imaginário. O mais inteligente filme sobre a questão do sujeito. Um argumento extraordinário, uma realização assombrosa. Neste momento, em cinemas de Lisboa, é o único filme que será imperdoável perder (classificação: ☆☆☆☆☆).

Asilo político (Embassy), no Europa.
Real.: Gordon Hessler.

O tipo de filme televisivo: serve-se frio; distrai; não mais (sem classificação).

Viagens com a minha tia (Travels with my aunt).
Real.: Georges Cukor.

Um humor muito especial: duas personagens invulgares confrontam-se em suas experiências e ciências ao longo duma história também invulgar. Ganha a Tia Augusta, claro (uma irritante e insuperável Maggie Smith). Na totalidade, algo decepciona (o que?) (classificação: ☆).

A Casa da Boneca (Doll's House).
Real.: Joseph Losey.

Um Losey domesticado para consumo das famílias: problemas distantes, cuidadosamente transpostos, amansados pela «qualidade» da escrita. O resultado é extremamente entediante. Quem quer cinema não quer isto (classificação: ☆).

Alfredo, Alfredo, No Roxy.
Real.: Pietro Germi.

Esperteza, gosto de escândalo e sentido de humor fazem um êxito que não é inteiramente de desprezar: o casamento não vai ao fundo, mas apanha alguns tiros (classificação: ☆).

O Regresso de África (Le retour d'Afrique).
Real.: Alain Tanner.

Um daqueles filmes que sabem a Maio-68 com tudo o que isso tem de saber bem: saturação da mitologia da «esquerda» tradicional, recuperação em última instância de um vento de utopia. Uma obra inteligente que convém ver (classificação: ☆☆☆).

A Bela e o Monstro (dr. Jekyll and Sister Hyde).
Real.: Roy Ward Baker.

Ou ainda: de como Ward Baker estraga estrondosamente mais um argumento sugestivo. Entre o «terror» e o «vamos dormir»: laborioso e empastado, justifica-se por momentos com a presença (inquietante) de Martine Beswick (sem classificação).

ÁLBUM IMAGINÁRIO DO FESTIVAL DE MÓNACO

Escrevo estas linha no avião que nos leva a Roma. Monte Carlo e o seu 5.º Festival Mundial de Teatro Amador começaram já a diluir-se no espaço e no tempo. Preciso de fazer um esforço para passar em revista (sem ainda estabelecer um balanço) os seus pontos porventura mais importantes ou mais pitorescos.

Devia escrever agora, de acordo com as convenções, que fecho os olhos para melhor rever o filme do Festival. O caso é que se fecho os olhos, não posso escrever e, além disso, parece-me indispensável fazer essa tentativa de memoralização com os olhos bem abertos. Tentemos, pois escancarar as janelas do que é já passado sem esquecer que esse passado não pode deixar de continuar a ser presente.

a. As primeiras tentativas que me surgem são marcadas por um cunho anedótico que me parece suficientemente significativo para aqui as registar.

O jovem actor irlandês que interpretou a principal personagem da peça **«Duff's Disciples»** contou, no colóquio sobre o espectáculo, a propósito da criação do seu grupo, que o «Ballintra Players de Castleblayney» foi constíiítuido há quinze anos com o objectivo de obter fundos para ajudar à fundação de um grupo de futebol! Posteriormente, as coisas alteraram-se e os espectáculos do grupo começaram a ter menos êxito, o que levou o tal clube de futebol, que entretanto se formara a abandoná-lo á sua sorte.

Histórias de irlandeses...

b. Num outro colóquio este com os canadianos. O encenador do grupo explica que a autora da peça «La Sagouine», Antonine Maillet, é membro da universidade de uma cidade do Canadá francês cujo nome não fixei. Como na universidade tivessem tido conhecimento do êxito obtido pela representação da peça, acharam que seria interessante convidar a respectiva actriz para um encontro. No dia marcado para esse encontro, com tudo a postos, um dos professores presentes observou, divertido:

— Esqueceram-se de avisar a mulher da limpeza de que hoje esta sala estava ocupada.

A mulher da limpeza era evidentemente Viola Léger, admirável intérprete da única personagem da peça.

Este espectáculo, a propósito, entra agora no seu terceiro ano de representações e a intérprete teve que pedir licença do seu lugar de professora.

c. Podemos dividir o Festival de Mónaco em várias categorias, no que se refere ao tipo de teatro apresentado e às reacções do público (sobretudo local): para começar, os espectáculos de cunho mais acentuadamente problemático; e, depois, os espectáculos feitos especialmente como diversão. Entre os primeiros estiveram os apresentados pelos grupos finlandês, dinamarquês, austríaco, irlandês, canadiano, norte-americano, alemão ocidental; entre os segundos, o inglês, o japonês, o italiano, o búlgaro, o romeno, o suíço o checo. Numa outra categoria, colocarei os espectáculos belga, francês e holandês, e ainda numa outra, isolado, o sueco.

Claro que esta divisão não tem qualquer sentido classificativo; com ela, pretendo apenas sublinhar o facto de o público ter reagido normalmente mal (mesmo aplaudindo) aos espectáculos da primeira categoria (bem como ao espectáculo francês e holandês), apoiando especialmente o teatro cujas características cénicas e cujas intenções como espectáculo estavam mais de acordo com o «décor» em que o Festival foi apresentado e com o tipo de grande parte de espectadores que a ele assistiram (devo dizer que raramente o teatro estava cheio). Um senhor idoso que pertencia, suponho, à representação belga, traduziu a opinião dessa «maioria silenciosa» em dois colóquios. Na segunda das suas intervenções, felicitou o grupo italiano por ter apresentado um espectáculo alegre e divertido, pois já estava farto de ver cadáveres em cena. O orador foi apupado por alguns dos presentes, ouvindo-se Peter Schreiber, secretário-geral da AITA, demissionário exclamar:

— O teatro não é um escapismo.

d. O espectáculo monagasco (aliás, na minha opinião não deveria ter sido debatido, pois foi apresentado extra-festival), foi rudemente criticado por um jovem, suponho que parisiense. Um dos argumentos evocados pelo interveniente consistiu no facto de no final do espectáculo uma jovem ter levado flores ao palco, colocando-as junto do busto de Molière (que surge na cena final durante a leitura de um texto de Sainte-Beuve). Jean Ratti, autor, encenador e interprete principal de **A Morte de Molière**, defendeu-se dizendo que estava completamente inocente em relação a esse gesto, pois fora Josephine Baker, presente na sala, quem enviara as flores com esse objectivo, sem que ele disso tivesse conhecimento. Quando ouvi falar em Josephine Baker lembrei-me de uma mulher extraordinariamente elegante num vestido negro, comprido, de idade indefinível mas surpreendentemente **puco idosa,** que vira no teatro e não reconhecera.

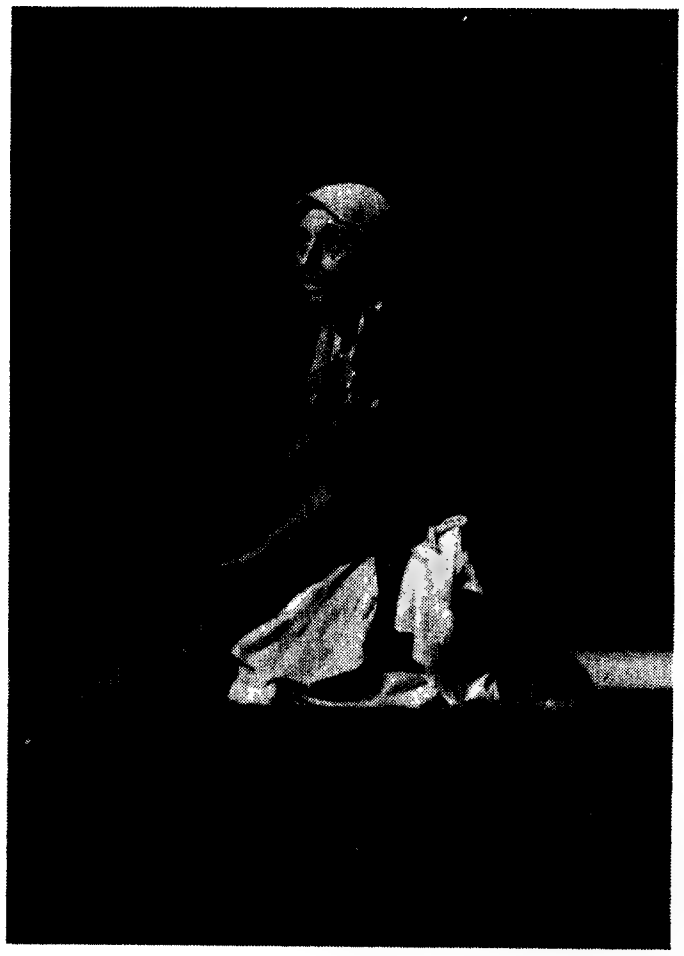
Na noite seguinte, quando estávamos à espera do início do espectáculo, Mort Clark, professor de teatro de Nova York, o americano mais americano que vi até hoje, com os seus óculos redondos, o seu cabelo redondo, o seu sorriso redondo, e de pequeno laço às pintas, que ficava imensamente feliz por apresentar toda a gente a toda a gente (mais parecia pertencer às relações públicas do Festival), Morte Clark, dizia, veio buscar-nos, a mim e a minha mulher, para nos apresentar a uma pessoa. Era precisamente Josephine Baker, que exclamou admirada: «De Portugal?» virando-se para outro lado, pois logo outras pessoas, trazidas pelo incansável americano, esperavam vez para a conhecer.

e. Como disse atrás, alguns espectáculos obtiveram mais êxito do que outros, na ordem inversa da sua capacidade de intervenção. Um espectáculo que obteve unanimidade de opiniões foi o espectáculo sueco que se intitulava **«Ser surdo na Suécia»** e constitui uma bem humorada chamada de atenção para os problemas dos surdos-mudos. A forma extremamente simples e comunicativa do espectáculo, a juventude dos intérpretes, a clareza da exposição cénica, justificaram esse êxito. Representado a primeira vez ao ar livre no Fort Antoine, num espaço que permitia o contacto imediato e fácil com o público, o espectáculo foi repetido no palco da Sala Garnier, com grande desespero dos intérpretes para os quais, naturalmente, aquele tipo de teatro é incompatível com as funções mais importantes do seu espectáculo. Para obviar à distância a que o palco à italiana obriga, os suecos mantiveram-se tanto quanto possível entre os espectadores, com quem procuraram contactar à maneira deles. Além da representação, a «troupe» sueca espalhou no átrio do Casino vários cartazes em que dava instruções muito simples sobre a forma de lidar com pessoas na mesma situação.

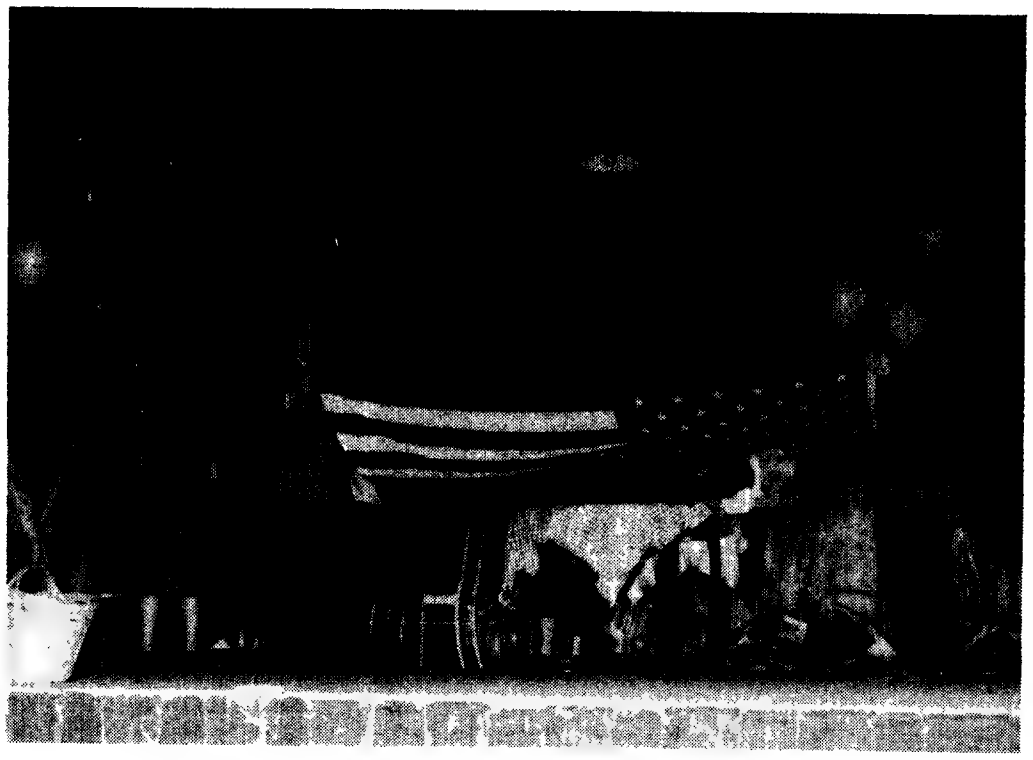
Esta repetição do espectáculo sueco foi possível pelo facto de o grupo indiano ter anulado à última hora a sua ida ao Festival, por razões económicas.

f. (...) **O único local que puseram à nossa disposição para apresentar a nossa peça, a Sala Garnier, não convém de maneira nenhuma à encenação do nosso espectáculo. Na nossa opinião uma moldura tão pomposa e um festival que tende para o mundanismo tornam mais difíceis um dos principais objectivos de um teatro interveniente: a comunicação entre o autor e os actores e os espectadores. O teatro amador, sobretudo, deveria renunciar a todo o luxo superficial.**

Eis como se exprimiu, através de um folheto distribuído à última hora, o grupo alemão ocidental que apresentou o mimodrama de Peter Handke **O Pupilo quer ser Mestre**. Foi esta, praticamente, a única manifestação contestatária a que assistimos.



Os canadianos: o teatro pode ser a vida?



Os americanos: o teatro pode ser a morte?

Os búlgaros: o teatro pode ser o teatro?

É mais fácil encontrar em Mónaco moscas do que contestatários. Moscas encontrei três, contestatários nem um para amostra. Como se sabe não há fronteira entre o Principado de Mónaco e a França. Apenas uma: os muros pintados com mensagens. Quando aqueles aparecem sabemos que estamos em França.

g. Foi este o 5.º Festival Mundial do Teatro Amador e foi como sempre organizado pelo Studio de Mónaco, instituição que possui um grupo de teatro amador que obtém para aquele efeito um subsídio das autoridades locais. Este facto, aliás, explica e, em parte, justifica os inconvenientes de um local perfeitamente inadequado para uma realização deste tipo (inadequado não só no que diz respeito ao espaço cénico como ao espaço social em que se enquadra). A verdade é que não é fapcil arranjar um grupo de pessoas dispostas a meter ombros a uma organização complexa como esta e é ainda mais difícil conseguir os vinte milhões que o Festival deste ano custou. Qualquer coisa como mil e cem contos.

Assim, se o teatro e o público locais não são ideias devemos ter presente o facto de o Festival permitir o confronto entre experiências diferentes, confronto esse testemunhado pelos seus próprios criadores. Quer dizer, pois, que o melhor (o mais interessante) público do Festival de Mónaco é constituído pelos próprios elementos dos grupos que nele participam. De sublinhar ainda o à-vontade com que se pode entrar no Casino ou no Teatro. Particamente só a nudez total era proibida. Quanto a gravata, está bem para os parolos do Estoril.

h. Quando se entra no Casino de Monte Carlo, à esquerda fica uma sala de «slot-machines». Há uma outra porta que dá para o átrio principal: à direita, fica a Sala Garnier, à esquerda as salas de jogo. As pessoas que nestas últimas assistiam à roleta estavam com muito mais atenção (e tensão) do que aquelas que estavam no teatro. O jogo era mais caro.

i. Um dos aspectos que me parece de assinalar em relação a este Festival é o permitir o conhecimento de autores que, de outro modo, em certos casos não chegariam a conhecer o contacto com o público, pelo menos com o público estrangeiro. Foi o caso, nomeadamente, de autores como dinaarquês Jess Ornsbo; o japonês Chikao Tanaka; o sueco Ecke Olsson; o austríaco Alf Poss; o irlandês J. McArdle; o búlgaro Pantchot Pantchev; a canadiana Antonine Maillet; o norte-americano Warren Frost Alguns dos textos destes autores, e tanto quanto me foi possível aperceber-me, representam uma experiência importante no campo da dramaturgia mundial e só o facto destes grupos os apresentarem permitiu aos espectadores presentes em Monte Carlo conhecerem-nos na sua forma cénica.

j. Vem a propósito contar um outro episódio significativo do espírito conservador (para não dizer outra coisa) que dominou os colóquios e parte do Festival. Um dos elementos da representação do Mónaco declarou sobre a adaptação dos clássicos (falava-se de Moliere) que quando ouvia falar de modernização dos clássicos dava um salto. E para ilustrar a insanidade dessas modernizações, comparou uma peça de teatro a uma peça de mobília antiga que deve ser limpa mas não destruída. Esta opinião causou perturbações na sala (caso curioso: a delegada checa salientou-se pela forma como protestou contra a afirmação), tendo um dos orientadores do colóquio, o inglês Ennett, posto termo à questão, afirmando que uma peça de teatro não é precisamente uma peça de mobília.

1. Ainda sobre os colóquios. Revelaram-se de uma maneira geral, de uma confrangedora mediocridade, tanto no que se refere aos problemas levantados como à forma como foram levantados. Basta dizer, em síntese, que esses colóquios passaram sempre ao lado dos factores semiológicos e dos factos sociológicos do espectáculo, ou seja, não tiveram em conta a necessidade de discutir o teatro como uma linguagem nem de o enquadrar sob o ponto de vista das relações com o público e com o tempo histórico.

m. Não é possível comparar o teatro amador visto aqui com o teatro amador que se faz em Portugal. Não se trata de um problema de qualidade (embora, evidentemente, também esse aspecto esteja em causa), trata-se sobretudo de um problema de conceito, quase de natureza. Para exemplificar, embora esquematizando, recordo o que afirmou o representante do grupo suiço ao falar das dificuldades económicas por que aquele passa em virtude de não dispor de nenhuns subsídios. Era, assim, obrigado a representar normal-

Continua na pag nez

TAMBÉM O GRUPO DE BAILADO DA GULBENKIAN...

O inquérito aberto no «Suplemento Literário» do «Diário de Lisboa» e conduzido pelo crítico Mário Vieira de Carvalho, a propósito da Orquestra Gulbenkian e a sua crise, sugeriu-me a urgência e necessidade de abordar e ventilar também alguns dos muitos problemas que afligem o Grupo Gulbenkian de Bailado, e lhe toldam, de um modo ou de outro, o bom exercício da sua actividade artística.

Porque o grupo é já uma realidade (são tão poucas) no nosso tão pobre meio cultural, os problemas que o afectam, ainda que internamente, ultrapassam o próprio grupo e pertencem a todo o público, podendo e devendo por isso ser analisados e discutidos abertamente.

Sem a preocupação de seguir qualquer ordem de importância, registo o que em primeira análise me parece mais relevante e sintomático:

. As actividades dos elementos do grupo, fora do mesmo, são condicionadas ou até bloqueadas pela Fundação, pois para todas as iniciativas e solicitações de actuação fora do âmbito da instituição, é necessária uma autorização, por escrito, da F. C. G., a qual deve ser solicitada também por escrito, com a antecedência mínima de 30 dias sobre a data prevista da actuação (cláusula 7.ª fo contrato).

Após todas as «démarches», normalmente morosas, de ordem burocrática, a Fundação responde muitas vezes negativamente, alegando que o nível do espectáculo é comprometedor. Contudo, e incompreensivelmente, para alguns elementos, o fraco nível das actuações não é factor de impedimento, e è-lhes concedida a autorização sem que se vislumbrem razões plausíveis para tal.

Outras vezes a recusa da Fundação baseia-se em que não foi cumprida a cláusula 7.ª do contrato. Ora é óbvio que nem sempre é possível organizar com mais de um mês de antecedência tais espectáculos.

Assim, a Fundação actua sobre a liberdade de expressão dos seus bailarinos, impedindo-os, portanto, de se promoverem artisticamente fora da sua alçada. E porque as solicitações do exterior são raras, e porque a Fundação põe entraves, o bailarino está confinado às actividades do grupo Gulbenkian.

O clima e condições de trabalho no grupo de bailado não são de molde a permitir o pleno aproveitamento e desenvolvimento potenciais do mesmo, porquanto, este vive sob um clima de insegurança.

E porquê?

. São frequentes e normais situações de discriminação entre portugueses e estrangeiros, pois é dada preferência a estes elementos, ainda que recentemente chegados ao grupo e muitas vezes com notória falta de experiência e de nível artístico. Estes, inexplicavelmente também, auferem remunerações superiores às dos seus colegas portugueses, ainda que com a mesma categoria e méritos profissionais.

E porquê?

. São frequentes e normais casos onde é visível a maleabilidade e elasticidade de critérios. Posso apontar, como exemplo, o facto de na distribuição dos lugares nos bailados, haver uma afixação prévia com o nome dos bailarinos efectivos e seus respectivos substitutos, e seria lógico supor que, no caso de doença ou qualquer outro impedimento de actuação do bailarino efectivo, o seu substituto ocupasse automaticamente o lugar, justificando assim a prévia afixação. Contudo, variadíssimas vezes sucede que o substituto continua substituto, e se escolhe outro qualquer bailarino para o referido lugar.

E porquê?

. São frequentes e normais as faltas de incentivo e de sã competição, tão necessárias e úteis à rendibilidade do trabalho. Serve como prova o meu caso, que depois de ter sido galardoada com o Prémio Revelação da Imprensa 1969, não vi a minha posição no grupo melhorar, nem nunca fui estimulada a fim de poder oferecer o meu máximo. Quando parece que se deveria ter procedido exactamente de modo a dar-me oportunidade de justificar e reafirmar tal prémio, fui, pelo contrário, «prudentemente esquecida».

E porquê?

. Porque o problema básico e fulcral de tais arbitrariedades e injustiças é o facto de o Grupo Gulbenkian de Bailado não ter e persistir em não ter um regulamento interno que determine e estabeleça obrigações e deveres, tanto para bailarinos como seus dirigentes.

Até lá (até quando?), e enquanto se aguarda, continuarão a verificar-se situações como estas, e muitas outras, que tenderão a agravar-se, conduzindo algumas vezes a casos de descontentamento por parte dos elementos portugueses (e não só!), que se têm desligado ou são desligados das suas actividades desde o início do grupo, e que nos últimos anos se têm vindo a processar com acentuada frequência.

Só com a efectivação de um regulamento interno, os componentes do grupo se sentirão seguros, protegidos e responsáveis.

Só com a efectivação de um regulamento interno, serão criadas ao bailarino as condições favoráveis ao desenvolvimento e realização da sua carreira profissional como artista, e para, consequentemente cumprir bem a sua missão de promoção cultural no nosso meio.

É demais evidente que para a elaboração de tal regulamento os elementos do grupo devem poder intervir e colaborar activamente, garantindo assim que lhes não serão impostos estatutos unilaterais totalmente alheios às suas necessidades e realidades.

Para terminar, convém salientar que ao Serviço de Música da Fundação Gulbenkian parece não interessar a organização e estruturação interna do grupo, pois ainda nada se fez, até hoje, nesse sentido.

Urge perguntar porquê.

RAQUEL ROBY

ESCLARECIMENTO DE ÁLV
À NOTA DA FUNDAÇÃO GUI
ACERCA DE UM INQUÉRITO
DO "SUPLEMENTO LITERÁR

Assinou o Exmo. senhor dr. José de Azeredo Perdigão, em nome do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian uma nota publicada neste jornal no dia 23 de Agosto de 1973 cujas incorrecções, que mais directamente me dizem respeito, não posso deixar de denunciar.

Afirma este senhor que os três ex-membros da Orquestra Gulbenkian que depuseram no inquérito do «Suplemento Literário» se serviram da Imprensa para fazer a divulgação dos factos ocorridos. Ora é legítimo fazê-lo, visto a Fundação Calouste Gulbenkian ser uma instituição portuguesa de interesse público. E sendo o Serviço de Música o sector que mais directamente contacta com o público (que assiste aos espectáculos e paga o seu bilhete) através da «sua» Orquestra, Grupo de Bailado e Coro, interessa informá-lo das arbitrariedades cometidas por aquele Serviço, arbitrariedades estas que se desconhecem e que explicam por si a mediocridade de alguns espectáculos como resultado da desmoralização criada no seio dos citados agrupamentos. E porque a actividade cultural desenvolvida não o é para prestígio de um sector privado (Serviço de Música-Fundação) mas sim para servir os interesses culturais de uma comunidade. Assim o debate público não é só justificável mas é-lhe prioritariamente devido.

Que a Fundação Calouste Gulbenkian não esteja interessada na denúncia lúcida e justa das «possíveis e naturais (?) deficiências», habituada como está à vénia reverente e desqualificada que é apanágio de uma sociedade em desagregação, isso é outro assunto.

II

Afirma também que «Alvaro Leite Machado foi demitido por processo disciplinar». Não é verdade que eu tenha sido demitido em consequência do processo disciplinar que me foi instaurado, pois a minha demissão foi anterior à conclusão do referido processo e resultou do não cumprimento, por parte da Fundação, do contrato celebrado entre mim e esta instituição.

Aliás, foi-me dito por um colega que em conversa com a directora do Serviço de Música esta lhe teria perguntado qual seria a reacção do Álvaro Machado perante uma pequena repreensão como final do processo disciplinar, pois não tinha intenção de o demitir. Também o funcionário do Serviço de Música Luís Pereira Leal me disse que em relação ao processo disciplinar seria de admitir uma pequena repreensão. Portanto a decisão final do dito processo foi consequência da atitude por mim assumida.

Não quero no entanto perder-me em mais considerandos sobre o facto, pois na realidade, se a minha demissão tivesse resultado do processo disciplinar, como se diz na nota da Fundação, isso não seria menos honroso para mim, porque é desprovido de qualquer fundamento lógico e que só posso entender como medida repressiva para me amedrontar perante as várias intervenções que fiz chamando a atenção para o modo arbitrário como o Serviço de Música interpretava a legislação do trabalho vigente e cometia toda a espécie de discriminações. Entre outras, citaram já no seu depoimento os ex-elementos da Orquestra Gulbenkian e ainda um efectivo as diferenças notórias e injustificáveis de vencimentos que ao contrário do que se afirma na dita nota não resultam da «diferente categoria» (?) «e méritos profissionais de cada um» (sic) mas até em certos casos, que poderia citar, a função (categoria, mérito profissional — vencimento) é inversa. Aliás, o senhor dr. Azeredo Perdigão reconhece-o quando faz essa afirmação.

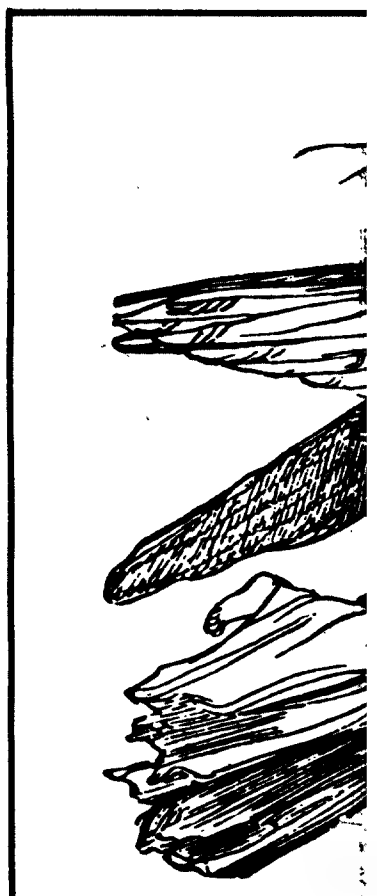
Quero é deixar bem vincado que o motivo que originou a minha saída da Fundação foi a falta de cumprimento do meu contrato de trabalho, facto que parece ser ignorado por aquele senhor na referida nota, ou que talvez não conviesse ser citado por ser cenário das mais nítidas contradições nas cartas que a directora do Serviço de Música me dirigiu.

Após ter sido colocado sistematicamente, e sem qualquer esclarecimento prévio (apenas um aviso fugaz no dia do recomeço de trabalho e por minha insistência), a tocar 2.º fagote tendo um contrato de fagote solista alternante que até então haja sido integralmente cumprido . eu recebi uma carta assinada pela directora do Serviço de Música em que submetia à minha assinatura um contrato de 2.º fagote com obrigatoriedade de tocar contra-fagote para em qualquer anos de actividade como solista dão-me a oportunidade (!) de baixar de categoria profissional e preenchem uma lacuna (passa a Orquestra a dispor de um instrumentista de contra-fagote para em qualquer momento e quando necessário não ser preciso recorrer a elementos estranhos a que se deva pagar um «cachet». «Com um tiro mato dois coelhos» terá sido o raciocínio seguido.

Tão desconexa é a (i)lógica desta carta que a seguir a directora do Serviço de Música a invalida numa outra que me dirigiu já após o meu pedido de demissão. Era necessário que juridicamente se «descalçasse a bota». Também depois de eu ter entregue o depoimento final do processo disciplinar, e porque em boa verdade não haveria intenção de me irradiar, foi-me transmitido que voltava a ocupar o lugar de solista e que faria então todo o trabalho em atraso. (O Serviço de Música reconsiderara!?) No entretanto e não se tendo efectivado na totalidade a ordem transmitida, uma contra-ordem perfeitamente arbitrária colocou-me novamente no lugar de 2.º fagote. Assim fui obrigado a pedir a demissão porque me era impossível trabalhar neste clima de desordem e contradição.

III

Do que atrás ficou dito ressalta claramente que a minha



saída da Fundação Gulbenkian não resultou de eu ter «grandemente ofendido um superior hierárquico». Este foi sim o pretexto engendrado. E, se eu tivesse ofendido **grandemente** um superior hierárquico como se compreende que tal tivesse acontecido e me não tivessem suspendido imediatamente até apuramento dos factos? Permaneci ainda sete meses ao serviço e teria permanecido sabe-se lá por que período se não tivesse assumido a posição que assumi.

Devo esclarecer também, que inicialmente eu fui acusado de:

. 1.º — «criticar abertamente a Fundação Gulbenkian;

. 2.º — e um seu administrador;

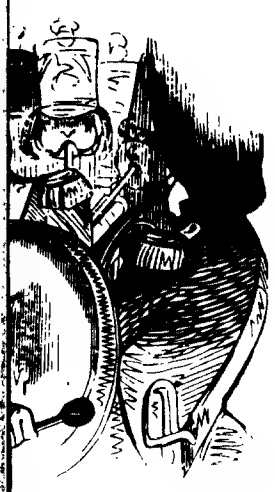
. 3.º — e designadamente as condições do regulamento de

ARO MACHADO
LBENKIAN
O
RIO"

deslocações em serviço». O 1.º e o 3.º pontos foram inexplicavelmente retirados porque eram de tal forma despidos do sentido da verdade que não tinham qualquer consistência. O 2.º porque entra no domínio da interpretação da palavra falada que por vezes, e sobretudo numa assembleia, é confuso, foi o escolhido para fundamento.

O senhor dr. Azeredo Perdigão diz ainda na sua nota que: «como ele próprio confessa, tem um temperamento impulsivo e assaz violento no seu contacto social»... mas não transcreve do meu depoimento: «temperamento que ao longo destes anos jamais escondeu e que nunca merecera reparo da parte da direcção do Serviço de Música. Não quererá o Ex. Sr. presidente do conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian publicar integralmente o processo disciplinar em causa? É que o facto de ter citado incompletamente uma das frases da minha defesa final obriga a encadear todas as peças deste «puzzle».

É lamentável que o conselho de administração tenha dado todo o crédito às queixas apresentadas por dois funcionários ditos «superiores» do Serviço de Música e não tenha dado o mesmo crédito a seis colegas que prestaram declarações no «meu» processo, bem como às de outros colegas que depuseram (embora por parte do Serviço de Música) não confirmando a acusação. É que na realidade pedi ao respectivo instrutor do processo que não me obrigassem a apresentar quaisquer testemunhas mas sim ouvissem democraticamente toda a Orquestra; não o aceitou o instrutor por motivos que considero absurdos, tendo-me feito o «ultimatum»: «ou apresenta cinco ou seis testemunhas no máximo ou reservo-me o direito de ouvir quem entender». Isto define a finalidade e objectividade dos processos disciplinares e **o uso abusivo da hierarquia**.



IV

Na nota do Exmo senhor dr. Azeredo Perdigão há ainda uma incompreensível declaração no que se refere ao maestro Werner A. Albert. Diz a certa altura que «não pode, sob pretexto de que há críticas que lhe são desfavoráveis, rescindir antecipadamente o respectivo contrato, nem deve ter em conta só essas críticas quando tiver de decidir se convém ou não renová-lo» (sic).

Se, como se diz, o senhor Albert foi «escolhido pela esmagadora maioria» (?), se 16 componentes, da Orquestra (dos 44 que a compõem) escreveram em 10 de Maio pp. uma carta à Exma Directora, pedindo-lhe que conservasse como titular o maestro Albert, que razões recônditas levaram à não prorrogação do seu contrato?

Também não é estranha à orgânica do Serviço de Música a rescisão antecipada do respectivo contrato de um maestro. Assim, o maestro Rivoli teve conhecimento da rescisão imediata do seu contrato mómentos antes de iniciar um ensaio. Este processo abrupto, arbitrário e perfeitamente desconcertante de trabalho não é recente, faz parte de algo que permanece estável dentro do mesmo serviço.

V

Da mesma forma se levou por meio dum processo «persuasivo» cujos motivos e intenções são evidentes «foi-nos sugerida pela directora de serviço a publicação de um desmentido... além de que, se o fizéssemos ser-nos-iam concedidas todas as facilidades»...) elementos do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa a dessolidarizarem-se com as declarações do crítico Mário Vieira de Carvalho no «Jornal do Comércio».

É neste clima que se desenvolvem as relações de trabalho, não apenas no âmbito de actividade da Orquestra, mas de outros sectores que dependem do Serviço de Música (Coro e Grupo de Bailado). A tal ponto se criam situações de compromisso que frases como a citada pelo meu colega Oliveira e Silva — a propósito da carta assinada por 16 elementos da Orquestra que pediam à directora a permanência do senhor Albert como maestro titular «assinei só para despistar», e o facto de um colega apesar de ter servido de testemunha por parte do Albert-Serviço de Música no maquiavélico processo instaurado ao A. Oliveira e Silva, me ter enviado felicitações pela objectividade do teor da entrevista (publicada no «Suplemento Literário» do «Diário de Lisboa» em 31 de Maio pp.) estão bem ajustadas ao enquadramento do referido sector.

E não é de estranhar, como poderá parecer e assim entendeu o Exmo senhor dr. José de Azeredo Perdigão quando diz na sua nota logo de início que «nenhuma das acusações que os referidos ex-membros da Orquestra Gulbenkian fazem a quem nela superintende foi até hoje submetida à apreciação e censura do conselho de administração da Fundação» (sic), que tudo se tivesse assim processado pois quando o colega Oliveira e Silva perguntou ao chefe de serviço do Pessoal se poderia recorrer ao Conselho de Administração foi-lhe respondido que não havia recurso possível. Por esta ordem de ideias e sabendo de antemão as vias normalmente utilizadas pela direcção do Serviço de Música pouco se haveria adiantado.

O recurso aos tribunais sabe-o o sr. dr. Perdigão que não expirou ainda o prazo que a lei confere para o fazer.

Finalmente devo esclarecer que na devida altura foi entregue uma participação à Direcção cessante do Sindicato Nacional dos Músicos.

Com os melhores cumprimentos, solicito de V. Exa Senhor Director do «Diário de Lisboa» a publicação deste esclarecimento para reposição da verdade, que reflecte bem a ilusão de jovens artistas que vuscam a sua realização profissional na Fundação Gulbenkian (instituição que deveria ser mecenática) e a desilusão com que a abandonam.

Álvaro Aristides Leite Machado

ATÉ DOER

paráfrase (à Dilna oferecida)
às «Quatro Paredes Nuas»
de Augusto Abelaira

Falo para o mar, perante o mar. Por isto
ou por aquilo (que motivos? Que desígnio?) falo, invocando
o rito necessário: uma mulher oficia
junto à espuma, sustenta
um candelabro branco,
de inexcedível pé, intenso e duro.
«Que fizemos da vida» diz «que fazemos da vida,
que respostas demos ao que demandava o proponente inicial,
com que mãos anunciaremos a madrugada
inevitavelmente aí? De que sentidos povoámos
a porta da nossa casa, onde deixámos
(esquecidas, tão inseguras agora na ausencia,
tão instáveis na memória) a mesa,
a lareira, a arca, o portal atento
à alegria solar? E o tempo
(esse fruto adolescente) como o distribuimos
pela vertigem diurna, tão quase
insustentável?»

Foi-nos pedida uma demasiada
claridade solar. A casa aí está, vertical e branca,
com sol e pássaros: um telhado matutino.
E as janelas, virgens
excitadas, excitantes, cintilando
suspensas do seu inextinguível deslumbramento,
rindo alegremente, atentas
à dávida (vigiada, vigilante)
da sua imprevisível voracidade.

Ainda existirão ouvidos,
agora que reconhecemos errada
a imagem que nos fizemos?
O mar (sua língua de sal,
tão longa e louca, tão suspensa sobre a nossa
cómica heroicidade) acordará ainda
com a febre rubra dos seus peixes rubros,
laminarmente ardendo,
e concentrados, fervendo no delírio
da sua navegação?

Que ritual? Que pureza? Que ternura?
E o sonho, esse velho camarada
nunca prostituído, mesmo quando
(no andar térreo
poor Isa sits a glooming so gleaming in the gloaming
e pousando a sandália no espaço branco da página
soletra, silabado, o seu contorno escasso)
lhe disseram: Go to a convent?
E a mulher ardendo com seu avental de sangue,
subitamente inclinada para o Serpentine,
com as suas águas lavradas pelo dorso dos escravos, o rosto ardendo
por entre algas devoradoras, no início do canto,
junto a Peter Pan, no prestígio do dia, da noite,
da manhã incendiada
no canto dos palradores?

(Que casa? Que mulher infinita?
Que manhãs e tardes, não vividas?
Que mar louco mar? Que incendio
ferozmente rubro,
em Cascais ou no cruzamento de Charing,
onde a rainha parou pela última instância,
no silencio hibernal da sua morte?)

Junto ao mar,
na baía aberta ao vento,
uma mulher
(cabelos ao vento, atenção: é uma bandeira)
suspende o tempo no alto esplendor (rosa, lua: um signo essencial)
do seu fascínio.

E o sol organiza
o dia, o mar, os nervos:
a alegria e a tristeza (até doer).

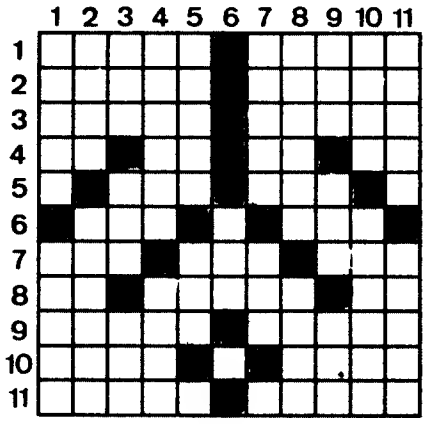
JOSÉ FERRAZ DIOGO

Durante uma curta estadia em Lisboa A Comuna volta a apresentar o seu espectáculo «Brincadeiras» (numa sala/barracão ao lado da Portugália) iniciando em breve uma digressão pela província. Mais tarde deslocar-se-á à Polónia e à América do Sul.

PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 568



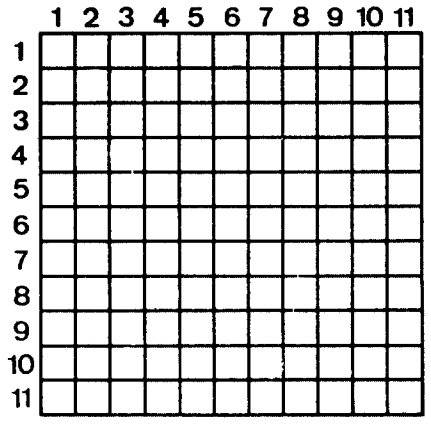
HORIZONTAIS:
1 Esquina. Termina.
2 Balladeira de Daomé. Calhaus
3 Bazófias (fig). Cobre de nata.
4 Nota musical. Troça. Platina (s.q.). Nesse lugar. 5 Flúido aeriforme. Prefixo que designa ar.
6 Cabelos brancos. Pronome possessivo.
7 Grande peixe africano. Nome de mulher. Ilha do estado da Baía.
8 Letra grega. Afia. Pronome pessoal.
9 Charrua. Causar amuo a.
10 Rio de França. No lugar em que.
11 Nome de fruto. Arrefecidas.

VERTICAIS:
1 Ilha do mar Tirreno no golfo de Nápoles. Segura.
2 Descerra. Lastimam.
3 Recusa. Cidade do Sudão francês na margem do Níger. Anel.
4 Mitra com três coroas que o papa usa em certas cerimónias (pl). Adória.
5 Um gosto no meio de muitos dissabores. Patrão.
6 Passado.
7 Oculta. Fileira.
8 Retruques. Grande afeição.
9 Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Monarca. Liguei.
10 Derrote. Engordurada.
11 Guarneceis de asas. Serra de Portugal.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 725



HORIZONTAIS:
1 Costurava. Cesto muito grande e alto para transporte de produtos rurais (bras.).
2 Afia. Quebrar
3 Consentimento. Liga. Espáduà.
4 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Amónio (sq.)
5 Paixão Hilota.
6 Apre! Campeões.
7 O mesmo que ámio Nome de jogo (também chamado da Glória
8 Feiticeiro çar
9 Nome de mulher Magnete natural. Cólera.
10 Rádio (sq.) Letra grega. Justiça.
11 Cidade do estado do Paraná Içais

VERTICAIS:
1 Tecido de algodão ou linho muito transparente. Estimara.
2 Prepararа com ópio. Mulheres de baixa estatura.
3 Figura que simboliza o povo americano. Rainha da Sérvia.
4 Distar. Doença do gado cavalar e asinino, que ocasiona corrimento de pus pelas vias nasais. O mesmo que bétele
5 Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Monarca. Terceiro
6 Prefixo de negação. Sua Majestade.
7 Azáfama Sustento Pedra de altar.
8 Basta Medita (fig.) O mais.
9 Grito Efectua
10 Versejas. Lavrai.
11 Perfume Tribo indígena brasileira

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 567

HORIZONTAIS:
1 TRÊS. IRMÃOS:
2 TRÊS. Cá.
3 Numeram. Tem.
4 Anote. Acolá.
5 Amimo.
6 Além. Ri.
7 Par Rãs. Mas.
8 Riuta Aroma.
9 Er. Amaro. Br.
10 Au. Aragão.
11 FORTALEZAS.

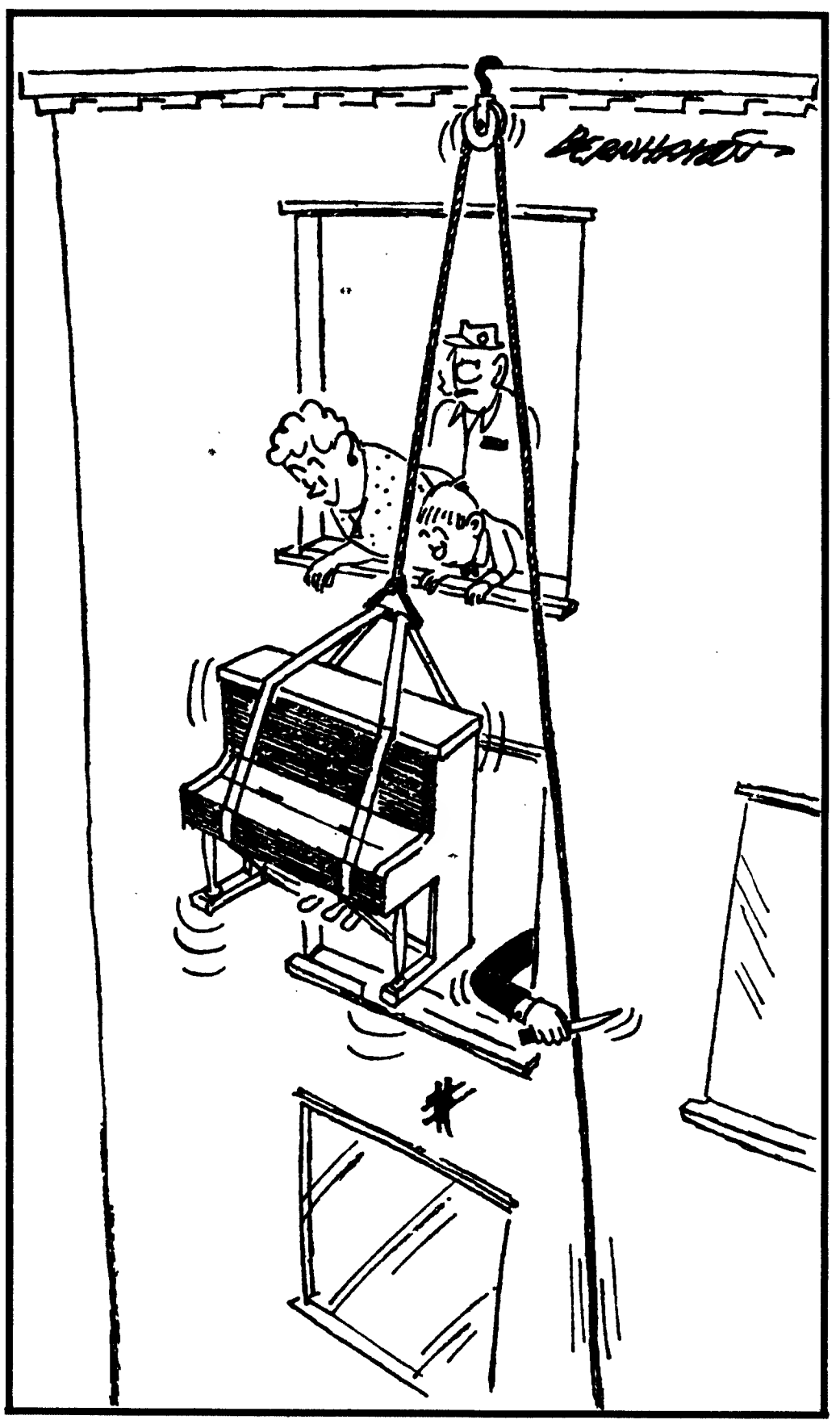
VERTICAIS:
1 Tana. Apre!
2 Una. Airão.
3 Esmo. Aru. Ur.
4 Etal. Ta.
5 Tremeram.
6 Ira. Imã. Aal.
7 Remam. Sarre
8 Ms. Cor. Roaz.
9 Tó. Imo. Gá.
10 Ocelo. Ambas.
11 Sama. Asaro.

Provérbio: TRÊS IRMÃOS, TRÊS FORTALEZAS.

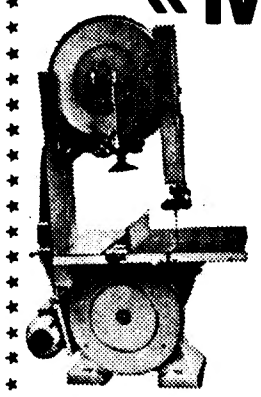
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 724

HORIZONTAIS:
1 Pária Raiva.
2 Atira Orçar.
3 Remar Miolo.
4 Cá. Só. Aa. Al.
5 Aro. Ada.
6 Ária Crio.
7 Ems. Ras.
8 El Pamir. Ce.
9 Cavar. Vedor.
10 Amara. Aarão.
11 Ralam Irara.

VERTICAIS:
1 Parca. Pecar.
2 Ateara. Lama
3 Rim. Ore. Val.
4 Irás. Impara.
5 Aaro. Asaram.
7 Romã. Crivai
8 Ária. Rarear.
9 Iço Ais. Dra
10 Valado. Coar
11 Arola. Seroa.



«MIDA»



SERRA DE FITA
MOD. SF-70-80-90

UMA FÁBRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MÁQUINAS PARA AS INDÚSTRIAS DE:

- **SERRAÇÃO**
- **CARPINTARIA**
- **MARCENARIA**

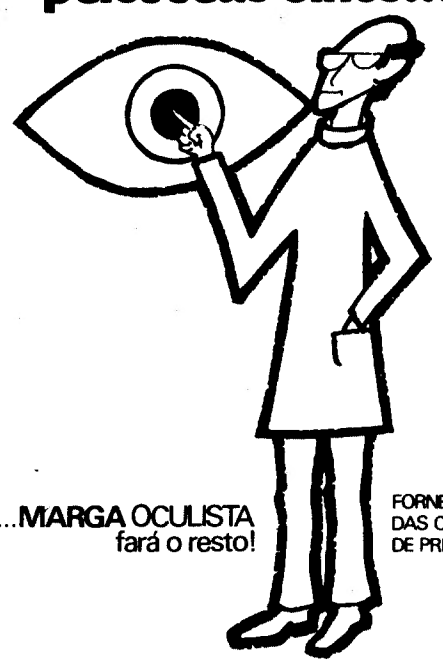
Fábrica: **TROFA** (Tel. 94923/4/5)

FILIAL EM LISBOA:
AV. DEFENSORES DE CHAVES, 3/A (TELEF. 44147)

RADICAL

MARGA

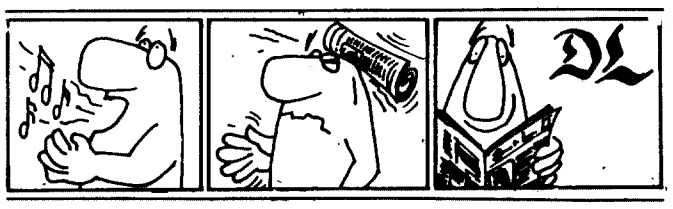
O oftalmologista fará muito pelos seus olhos...



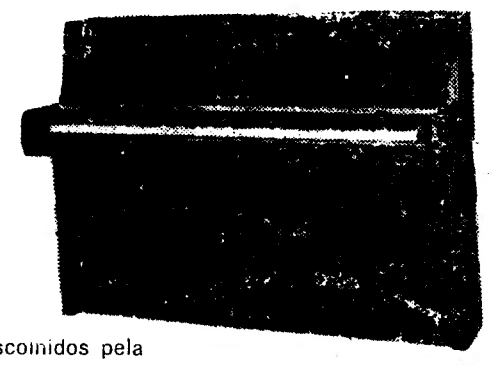
...MARGA OCULISTA fará o resto!

FORNECEDOR DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA.

OCULISTA MARGA | AV. DUQUE DE LOULÉ, 97-1º LISBOA | TEL. 55 38 49



PIANOS KAWAI



Escolhidos pela
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Para equipar os Conservatórios de Aveiro, Braga, Covilhã e Faro

REPRESENTANTES
Custódio Cardoso Pereira & C.ª, Suc.
R. do Carmo, 9 a 13 — LISBOA — Telef. 324076-370647

MINISTÉRIO DA MARINHA

COMANDO NAVAL DE CABO VERDE

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Concurso público para arrematação da empreitada de «Fornecimento e Montagem das Instalações das Câmaras Frigoríficas dos Depósitos Territoriais do Comando Naval de Cabo Verde, em S. Vicente»

Faz-se público que até às 16 horas do dia 31 de Outubro de 1973, se recebem neste Conselho Administrativo, em S. Vicente, propostas para a arrematação da empreitada acima referida.

O Programa de Concurso, o Caderno de Encargos e demais peças escritas e desenhadas, referentes à empreitada, estarão patentes no Gabinete de Estudos e Projectos M. Camacho Simões, na Rua Joaquim António de Aguiar, 27-3.º D., em Lisboa, onde poderão ser adquiridos.

O Presidente do Conselho Administrativo
Comandante Alberto de Sousa Campos

Noticiario editorial

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

A ilha de Páscoa é o lugar habitado mais solitário do mundo. A região sólida mais próxima que os habitantes podem verificar no firmamento: a Lua e os planetas. Têm de andar mais do que qualquer outro povo para verem que há realmente terra ainda mais perto. Por conseguinte, vivem mais perto das estrelas e sabem mais nomes de estrelas do que cidades e países do nosso próprio mundo.

Nesta ilha longínqua, a oriente do Sol e a ocidente da Lua, a humanidade teve outrora uma das suas ideias mais curiosas. Ninguém sabe quem a teve e ninguém sabe porquê, pois aconteceu antes de Colombo ter levado brancos para a América, abrindo assim o caminho às viagens de exploração no grande Pacífico desconhecido. Enquanto a nossa raça ainda acredita que o mundo acaba em Gibraltar, havia outros grandes navegadores que sabiam mais. Adiantados para o seu tempo, desbravavam mares ignotos no imenso vazio fluido ao largo da desolada costa ocidental da América do Sul. Muito longe, descobriram terra, a pequena ilha mais solitária do mundo. Desembarcaram aí, afiaram as suas enxós de pedra e realizaram um dos projectos de engenharia mais notáveis dos tempos antigos. Não construiram fortalezas nem castelos, nem represas nem cais. Fizeram gigantescas figuras de pedra à semelhança do homem, tão altas como casas e tão pesadas como vagões de caminho-de-ferro; arrastaram-nas em grandes quantidades pela região fora e colocaram-nas, erectas, em grandes terraços de pedra, por toda a ilha, a ilha de Páscoa.

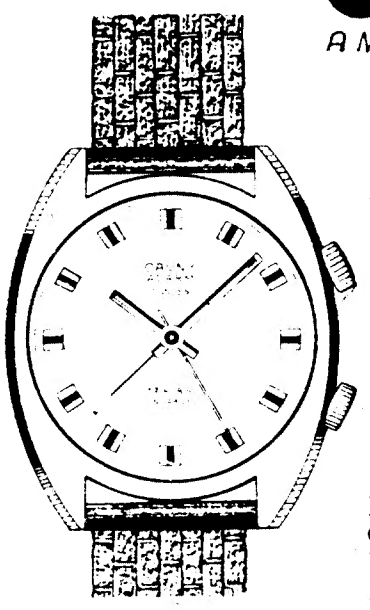
Na melhor tradição das narrativas de viagens, Thor Heyerdhal, o famoso navegador norueguês que, há três anos, travessou o Atlântico num barco de papiro, o «Ra-2», dá-nos conta, em «Aku-Aku» (agora lançado em 2.ª edição por Publicações Europa-América), dos episódios apaixonantes vividos no decorrer da expedição que efectuou à ilha de Páscoa, após o êxito da extraordinária aventura a bordo da jangada «Kon-Tiki».

A ilha de Páscoa é uma das mais misteriosas regiões do globo. Thor Heyerdhal, em linguagem rica de humor e colorido, desvenda-nos os fascinantes mistérios que a envolvem, fala-nos da sua história e dos costumes estranhos do seu povo, revela-nos o enigma que representavam as colossais estátuas de granito que povoam as inóspitas encostas da ilha. Ohomem que a descreve foi o primeiro europeu a ser admitido pelos nativos nas suas cavernas subterrâneas, repletas de tesouros de incalculável valor, e iniciado nos seus rituais secretos.

O RELOGIO DESPERTADOR

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA



Mudança de data ultra-rapida

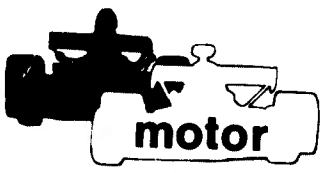
EXIJA A MARCA **CAUNY** GRAVADA NA COROA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

DUAL

HI-FI

GIRA-DISCOS
AMPLIFICADORES
SINTONIZADORES
COLUNAS
ESTEREOFONIA
QUADRIFONIA

SUPERMANOS
LARGO DO MASTRO, 5



Horário

LISBOA — RIO MAIOR — CALDAS RAINHA — COIMBRA — PORTO

			A	B								A	B	A	B	
7.00	7.00	8.30	12.20	12.20	12.30		Lisboa		14.45	15.40	19.15	20.45	21.00	21.00	23.30	23.30	23.30
7.42	—	—	13.02	13.02	—		Carregado		—	14.58	—	—	20.18	20.18	—	—	—
—	8.50	10.20	—	—	14.20		Torres Vedras		12.50	—	17.25	18.55	—	—	21.40	21.40	21.40
8.43	—	—	14.05	14.05	—		Rio Maior		—	13.55	—	—	19.15	19.15	—	—	—
—	10.10	11.40	—	—	15.40		Caldas da Rainha		11.19	—	16.05	17.35	—	—	20.19	20.19	20.19
10.05	12.00	13.30	15.25	15.25	17.30	C P	Leiria	P C	9.00	12.35	14.15	15.45	17.55	17.55	18.30	18.30	18.30
10.15	13.30	13.30	15.35	15.35	18.30				8.15	12.30	12.30	15.00	17.15	17.15	17.15	17.15	18.15
10.55	14.10	14.10	16.15	16.15	19.10		Pombal		7.30	11.50	11.50	14.20	16.35	16.35	16.35	16.35	17.35
11.35	14.50	14.50	16.55	16.55	19.50		Condeixa		—	11.10	11.10	13.40	15.55	15.55	15.55	15.55	16.55
12.00	15.15	15.15	17.20	17.20	20.15	C P	Coimbra	P C	—	10.45	10.45	13.15	15.30	15.30	15.30	15.30	16.30
13.00	16.00	16.00	17.45	18.10	—				—	10.35	10.35	13.00	14.45	15.15	14.45	15.15	—
13.27	16.27	16.27	18.12	18.37	—		Mealhada		—	10.08	10.08	12.33	14.18	14.48	14.18	14.48	—
14.13	17.11	17.11	18.56	19.23	—		Águeda		—	9.22	9.22	11.47	13.34	14.02	13.34	14.02	—
14.34	17.34	17.34	19.19	19.44	—		Albergaria-a-Velha		—	9.03	9.03	11.26	13.11	13.41	13.11	13.41	—
14.59	17.59	17.59	19.44	20.09	—		Oliveira de Azemeis		—	8.36	8.36	11.01	12.46	13.16	12.46	13.16	—
15.12	18.12	18.12	19.57	20.22	—		S. João da Madeira		—	8.23	8.23	10.48	12.33	13.03	12.33	13.03	—
16.00	19.00	19.00	20.45	21.10	—		Porto		—	7.35	7.35	10.00	11.45	12.15	11.45	12.15	—

OBS.:

A — Entre Coimbra e Porto só se efectua aos Domingos

B — Entre Coimbra e Porto não se efectua aos Domingos

Livros recebidos

EDIÇÕES DE AUTOR

ESCORA 2

Textos de José António Correia Pais, Santos Barros, Francisco José Craveiro, Luísa de Brito Pires, Carlos Alves Pereira, António Augusto Menano, Pires Laranjeira, Albino Santarém, José de Matos-Cruz, António Pedro Pita, Alberto Martins Rodrigues, David Mestre, José Luís Cardoso e Eduardo Olimpio

Orientação de José de Matos-Cruz

EDITORES ASSOCIADOS

EURICO, O PRESBÍTERO

Alexandre Herculano

Colecção Livros Unibolso — n.º 27

EDITORIAL VERBO

AS GRANDES OPÇÕES

Marcello Caetano

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

O SOCIALISMO (DO RENASCIMENTO AOS NOSSOS DIAS)

Claude Willard

Tradução de Carmen Gonzalez

Colecção Saber — n.º 73

O FESTIVAL DE MÓNACO

Continuação da pagina cinco

mente teatro de «boulevard» (!), pois o público não se interessa por outro tipo de teatro. Um dos orientadores dos colóquios, Gérard Maré, navegou nas mesmas águas turvas ao afirmar que os amadores são muitas vezes obrigados a sacrificar intenções renovadoras em virtude de o público não os acompanhar e os amadores têm, antes de mais nada, de pensar no público a que se dirigem.

E nós aqui a pensar que ao teatro amador compete contribuir para despertar o público para um outro tipo de teatro(e de realidas).

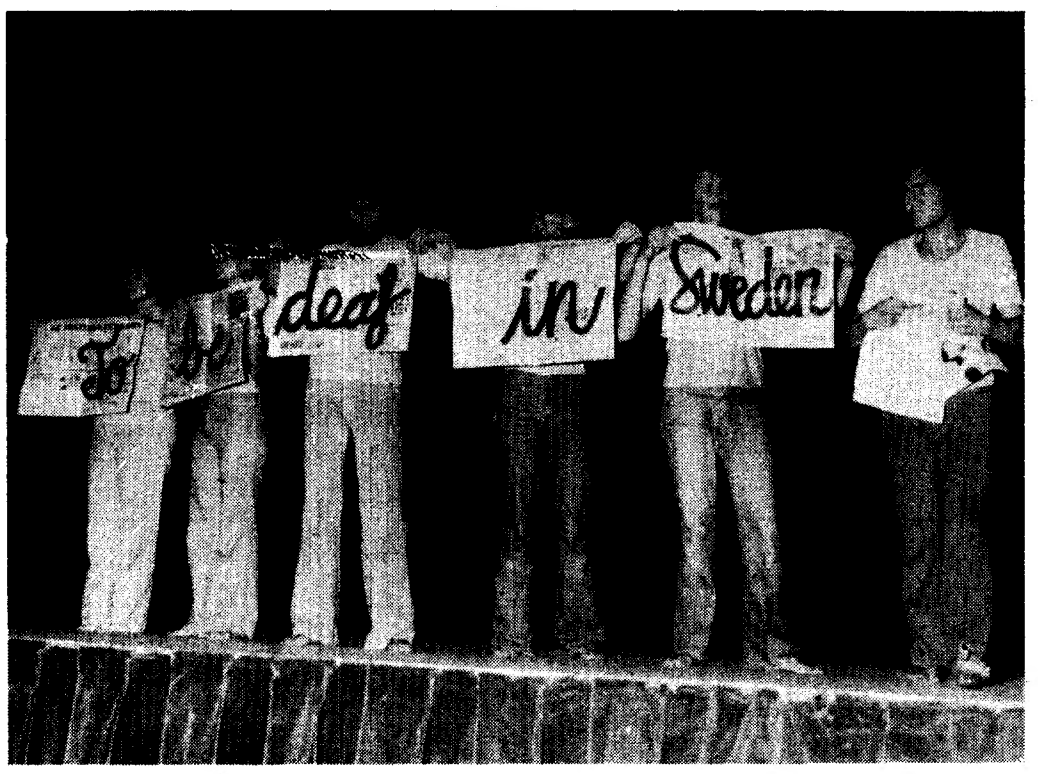
Mas devo acrescentar que a maior parte dos espectáculos apresentados desmentiram, felizmente, essas opiniões.

n. Toda a gente foi unânime em teconhecer que no que se refere aos vários aspectos do Teatro na Escola, a Inglaterra caminha muito à frente. Não é, pois, por acaso que os ingleses sabem representar.

Em relação a revistas de teatro amador, um número bastante interessante: a revista polaca tem uma tiragem de 14 000 exemplares!

. .Termino estas linhas, já em Siena (maravilhosa cidade do passado). Vejo no noticiário da TV italiana Salvador Allende rodeado de jovens, e lembro-me de um conhecido poema de Brecht, agora posto ao contrário. Na TV uma imagem das manifestações em Roma e Nápoles. Vários cartazes formam uma frase: Allende — uma esperança que não morre — assim, entre a memória e esperança, vamos.

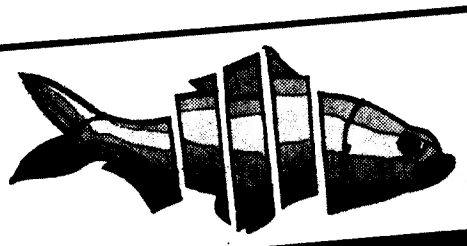
Carlos Porto



Os suecos: o teatro pode ser ponte?

peixe congelado o peixe de todas as mesas

	Preços por Kg
Chicharro	3.20
Sardinha	7.00
Cachucho branco	12.00
Marmota pequena com cabeça	10.00
Pargo pequeno	18.00
Peixe vermelho (red-fish)	13.50
Bacalhau (às postas)	13.00
Bacalhau inteiro	12.50
Pescada/peixe inteiro até 0,250 Kg	11.00
de 0,250 a 0,500 Kg	13.00
de 0,500 a 0,800 Kg	15.00
de 0,800 a 1,500 Kg	17.00
de 1,500 a 2,400 Kg	20.00
Pescada/posta	17.00



PEIXE para SI
PEIXE para TODOS

ESTUDE

Ciclo Preparatório
Cursos Liceais
(Prep. AD - HOC.)
p/ maiores de 25 anos
Manhã, tarde e noite

E B Externato Bocage

próximo de Sete-Rios, frente ao 325
da Estrada de Benfica
Tel. 78 24 64 e 78 40 24

BILHETE DE IDENTIDADE

Verifique se o seu bilhete de identidade atingiu ou está próximo de atingir o prazo de validade, ou se está desactualizado. Se assim for, procure renová-lo ou actualizá-lo quanto antes. Pode ser-lhe necessário de um momento para o outro.

O Arquivo de Identificação em Lisboa está aberto das 8 da manhã às 8 da noite sem interrupção de 2.ª a 6.ª-feira, e ao sábado de manhã. Procure evitar as horas de ponta que são as do meio da manhã ou do meio da tarde e o dia de maior afluência que é o sábado.

Para renovar o bilhete de identidade, não precisa de certidão de nascimento se entregar o bilhete anterior, mesmo caducado. Se o não entregar, precisa, além da certidão, de justificar as circunstâncias em que o extraviou.

Sá de Miranda

EXTERNATO • SEMI-INTERNATO
CICLO PREPARATORIO — LICEAL
★ INEXCEDIVEL CORPO DOCENTE
★ INSTALACOES FUNCIONAIS
★ AMBIENTE DE ESTUDO
RUA ALEXANDRE BRAGA 17 [illegible]
Telef. Secr. 45310 Direcção 537532
MAXIMO APROVEITAMENTO

LIVROS ESCOLARES
QUADRANTE
AV. LUÍS BIVAR, 85-C

Folhetim-artístico

José-Augusto França

A ESTÁTUA DE D. SEBASTIÃO AGORA EM LAGOS

Ao longo dos meses, em visitas ao «atelier», fui vendo crescer e formar-se a estátua de D. Sebastião que está agora em Lagos. Já dela falei aqui, quase pronta que estava, ao princípio do Verão — mas reservando-a para folhetim próprio. E merecido.

A data da inauguração (que, não sei porquê, os jornais não noticiaram) — e a estátua apareceu, com aplauso de uns, dúvida de outros, e inevitáveis movimentos de horrificada sandice. A estátua apareceu e ali está, honrando a pracinha de Lagos — como **um dos melhores monumentos portugueses**, por razões plásticas e intelectuais também.

Depois do malfadado monumento projectado para Sagres por João Andresen, Barata Feyo e Júlio Resende, o monumento de D. Sebastião, por João Cutileiro, **é uma admirável obra de arte.** Ímpar em Portugal — e não só em Portugal — no meio de uma estatuária comemorativa que, rarificada hoje em dia pela Europa fora, dificilmente encontra soluções iconográficas não académicas, dentro de programas figurativos.

...Mas D. Sebastião é D. Sebastião e não qualquer outra personagem sem apelo mítico; e a estátua de que se trata é do Cutileiro, e não de outro escultor mais habitual de encomendas públicas, funcionário zeloso das neves de antanho como das belezas municipais, ambas sem complicações. Por outras palavras — ao problema

do rei de Alcácer-Quibir juntava-se o do escultor de Lagos. Do escultor que tem marcado na arte portuguesa uma posição de intransigência em relação a valores estereotipados. E que, em matéria de estátuas, seria incapaz de, como tantos outros, resolver a sua nas pregas rígidas de um capote ou capa — fazendo aquilo a que, por causa da capa, tenho chamado a **eskultura** nacional, que teve os seus Arnos Brekers de serviço.

O D. Sebastião, por seu lado, não se sabe bem o que seja lição de portucalidade, ou de sonho, ou de saudade. Tal (aliás) como o poeta que o cantou, lhe dedicou o poema da Pátria já finda — e lhe chamou, dela, «bem nascida segurança», que pateticamente não poderia ser, com tantos ventos da história a soprarem.

D. Sebastião fez de Lagos uma cidade e de lá partiu com a frota da sua perdição. Quatrocentos anos depois do primeiro facto, e trezentos e noventa e cinco anos após o segundo, a estátua ergueu-se na simpática praça do Município. E tal como a fui vendo, até a ver acabada, é uma excelente e extraordinária peça de escultura.

Pedestre. Poderia ser equestre? Podia, sem dúvida, que a cavalo morreu o rei. Mas assim desmontado, com o elmo aos pés, os braços balançando, o olhar perdido, se apresentou, mais verosimilmente, diante dos seus maiores — criança mal crescida, morta numa catástrofe maior do que o próprio sonho, desaparecida entre cadáveres loucos, sangue empapado e estrume de cavalos...

Cerca de 1956, preocupou-se um quotidiano de Lisboa em recolher opiniões autorizadas sobre como devia ser iconograficamente representado o Nun'Alvares destinado então ao alto do Parque Eduardo VII. Militares insistiram na forma pedestre — já que o condestável era o patrono da Infantaria portuguesa; mas Diogo de Macedo respondeu que «uma estátua de herói devia ser feita a cavalo». A gramática da frase despertou-me dúvidas e, ao encontrar na «Brasileira» o excelente amigo, perguntei-lhe quem é que devia estar a cavalo, ao fazer da estátua — o modelo, ou o escultor. Diogo fez uma das suas inolvidáveis caretas, riu todo por dentro, de malícia, e nunca me respondeu... No caso presente, o rei e o Cutileiro estiveram ambos a pé. E sem capa.

...O herói (o anti-herói — mas teremos a coragem de o saber assim?) olha-nos, pousado quase no mesmo chão que pisamos. Olha-nos, sem nos ver, fantasma de si — quiçá de nós próprios. Na cabeça pequena,, os olhos luzem na sombra das órbitas e a face de efebo diminui sob a imensa cabeleira de pajem. Daí para baixo cai o corpo articulado de braços e pernas, com o tronco inchado pela armadura, e as mãos sem jeito, dentro dos guantes. O elmo, aos pés, é uma lembrança apenas; a espada perdeu-se no combate imaginário.

..D. Sebastião meditação — para 1973 — alguém o suspeitaria, depois das polémicas da geração romântica e da geração de 90, e dos anos 20 do Malheiro Dias? Mas ele ali está, de pedra bruta, e nos olha. Há que, algum dia, lhe responder. Há, sobretudo, que entender a pergunta que nos faz.

..João Cutileiro remou contra a imagística do costume, por talento próprio, de escultor, mas também por entendimento de um modelo mental. Tudo é intenção na sua obra — intenção dele e intenção nossa, do autor e do espectador que aguente o diálogo incomodo. Do espectador que tenha cultura, ou sensibilidade ou inteligência suficientes para o fazer.

..Que isso se passe em escultura, com uma força plástica sem quebra nem receio do aparentemente frustre, do aparentemente inacabado, é coisa rara, na tradição da estatuária portuguesa geralmente tímida, apastichada de Nuno Gonçalves ou de Francisco Franco (que era «o Nuno Gonçalves do cinzel»), desde 1928. Na sequência de imagens de rotina, que pouquíssimos rasgos de verdadeira escultura interromperam, aqui e além, a estátua de «D. Sebastião» constitui uma ruptura escandalosa. Não, decerto, definitiva, que o «espírito de encomenda» não se modifica assim, e o bronze académico-modernista continuará a correr, a pé ou, mais dispendiosamente, a cavalo, por essas praças do País; mas como o anúncio da possibilidade de outra coisa, em matéria de monumento iconográfico. E não só em Portugal.

Com problemas formais e intelectuais, plásticos e míticos, estéticos e éticos — inteligentes, sérios e dignos, como em Lagos pôde felizmente acontecer, em Setembro de 1973.

colecção textos literários
em lançamento:
discursos parlamentares
de ALMEIDA GARRET
textos ditos por
Fernando Gusmão

Serviço de carruagens-camas
Lisboa
Algarve

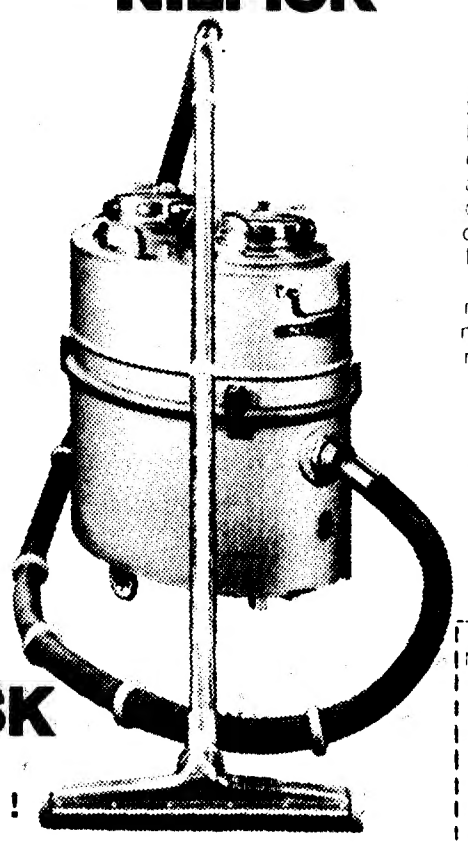
...e quando acordar estará no Algarve!

Lisboa → V. Real de S. António
noites de Sexta-feira para Sábado

V. Real de S. António → Lisboa
noites de Domingo para Segunda-feira

CP1A473
Caminhos de Ferro Portugueses

este aspirador tem ideias próprias sobre limpeza é um NILFISK



ELE PENSA EM GRANDES E PEQUENAS SUPERFÍCIES
Ele sabe onde os resíduos do trabalho dia-a-dia se amontoam e onde o pó se acumula. Ele chega aos pontos de mais difícil acesso, onde por vezes, a poeira concentrada, pode constituir perigo. De grande poder de sucção, NILFISK INDUSTRIAL, em qualquer dos seus modelos, é o aspirador mais eficiente e mais durável — o mais versátil e mais rentável!
NILFISK INDUSTRIAL tem sido duramente comprovado em fábricas, hotéis, hospitais, igrejas, armazéns, garagens, cinemas, etc.

NILFISK
um mundo de soluções!

NILFISK – Aspiradores Industriais e Domésticos, Lda.
Lisboa-4 – Rua Félix Correia, 8 – Tel 78 83 31

Para mais informações corte, preencha e envie para:

NILFISK - Aspiradores Industriais e Domésticos, Lda
Apartado 4049 - Lisboa-4
Nome .....
Actividade .....
Morada .....
Localidade .....

Para uma crítica de artes plásticas

JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

DESINTEGRAÇÃO OU EXPANSÃO DA ARTE

..Vem este título a propósito de dois livros que recentemente li, (1) quase ao mesmo tempo, e que se debruçam sobre problemas actuais de artes plásticas. Não interessa aqui discutir cada livro de «per si», mas antes anotar os pontos de convergência e divergência fundamentais, pelo que não adianta demasiadamente acentuar a mediocridade do trabalho de E. Kahler relativamente ao estudo de S. Marchan, que lhe é em tudo superior: informação, perspectiva crítica, problemática abordada, mas antes, através de dois pontos de vista radicalmente diferentes, tentar iluminar melhor, para um público português, o deste jornal, alguns problemas fundamentais da arte internacional do nosso tempo mais chegado.

RESUMO

Antes de ir mais longe, convém, penso, traçar rápido esquema do que, num e noutro trabalho, se afirma, para passarmos depois àqueles pontos que melhor poderão ajudar a uma caracterização da actualidade:

E. Kahler (foi um encontro ocasional, uma daquelas compras de livraria ao jeito de «Vamos lá a ver o que isto é!»). O livro é uma compilação de três conferências realizadas em Maio de 1967, na Universidade de Princeton, sob o título genérico «A Desintegração da Forma nas Artes», e que, para além de problemas de arte plástica, também se referia a certas tendências experimentais na poesia e na música.

Na primeira conferência «As Formas da Forma» procura, mais do que uma definição do que é forma, uma aproximação existencial a esse conceito, já que para Kahler a forma «resulta de um esforço pelo menos semiconsciente de uma pessoa criadora para plasmar de maneira intensiva alguma coerência existencial», deixando antever que a característica fundamental do nosso tempo seria um crescente predomínio do inconsciente na actividade e na produção artística.

Em «Etapas Preliminares da Desintegração», que é a seguinte conferência, mostra como a partir do século XIX o inconsciente foi ganhando crescente importância na produção artística, a ponto de não só ser tomado como material em bruto a ser trabalhado, mas desse mesmo material ser apresentado como obra, isto é, substituindo a obra tradicional, tornando-se assim o inconsciente no «legislador da criação artística».

No «Triunfo da Incoerência», terceira conferência, denuncia a «crescente insegurança da linguagem e da comunicação humana». Continuando a traçar a história desse triunfo que vai desde Dada e do Futurismo, à poesia concreta e a todo o experimentalismo, às teorias de Cage e Mac Luhan, aos happenings que considera como se fossem ritos de um «culto à incoerência», «reuniões destinadas à destruição pura, chamada vandalismo criador». Termina afirmando o seu temor perante a confrontação com «uma massa cada vez maior de matéria vital sem dominar, tanto fora de nós como dentro de nós», concluindo com um muito tradicional apelo ao domínio dessa mesma matéria, domínio que, como não esquece de sublinhar, equivale a forma.

S. MARCHAN: «DA ARTE OBJECTUAL À ARTE DE CONCEITO 1960-1972

Este trabalho tem a sua origem num curso programado para a secção de Arte (Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Complutense) no ano lectivo de 1970-1971: «A Última Vanguarda — 1960-1970: História e Estética». Para já, é de realçar como em Espanha, por vezes tão próxima, por vezes (culturalmente) tão distante de nós, é possível programar um curso universitário sobre este tema, a contrastar com a nossa miséria no mesmo campo.

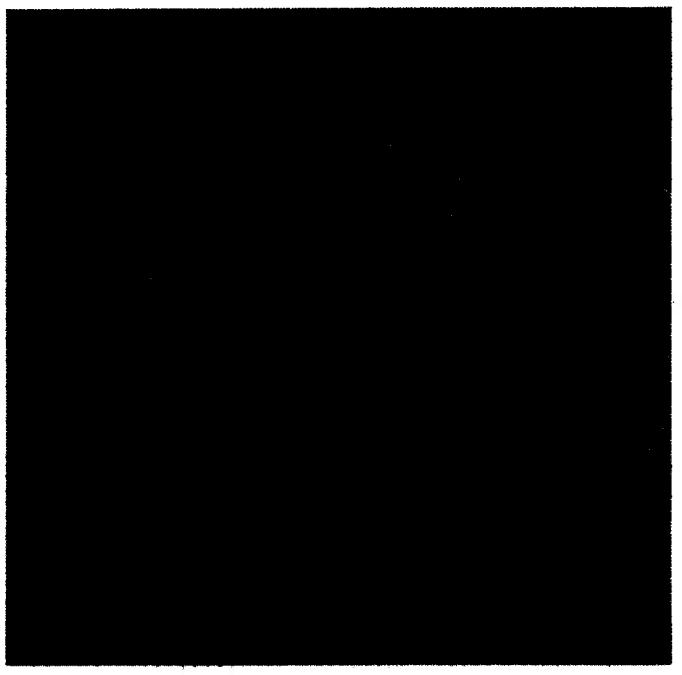
Iniciado o trabalho com uma breve reflexão teórica, para definir, ou indicar, alguns conceitos operatórios prévios (tendência, inovação, obsolescência, especificidade das linguagens), o trabalho de S. Marchan divide-se em três grandes partes, que outros tantos são os domínios fundamentais das artes plásticas da última dúzia de anos. São elas:

I — DA NEOFIGURAÇÃO AO REALISMO CRÍTICO E SOCIAL

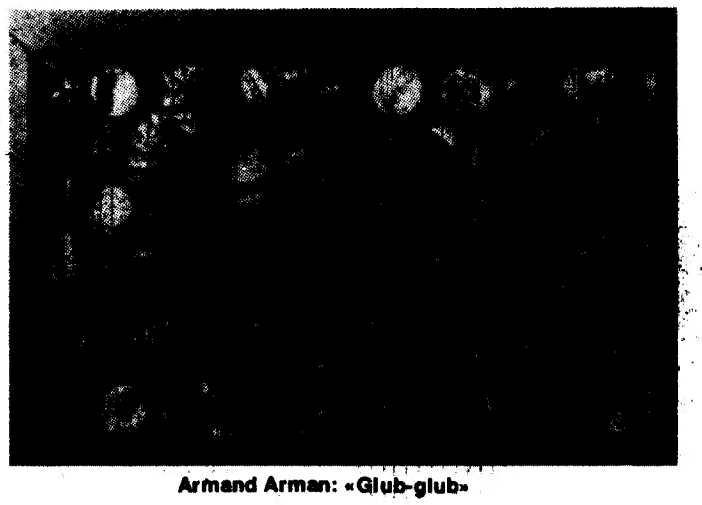
Trata fundamentalmente do reaparecimento de tendências figurativas ou representativas, desde uma neofiguração como transição que assentava ainda nas técnicas expressivas duma pintura informal ou lírica, ao lançamento anglo-saxónico do Pop, aos neo-realismos mais ou menos fantásticos, ao recente hiper-realismo propongando atitudes pop e minimal, para terminar com a discussão das tentativas actuais de realismo crítico-social.

II — TENDÊNCIA NEOCONCRETAS E TECNOLÓGICAS

Assentando também numa reação anti-informalista, S. Marchan passa em revista a arte neoconcreta, o Minimal ou estruturas primárias, a Op art, a arte cinética como prolongamento desta última, e finalmente as tentativas para aplicar o computador à produção artística, terminando com uma interrogação sobre se estas tendências (tecnológicas) não encerram uma nova ou renovada ideologia tecnocrática, propondo «uma técnica desintencionalizada e alienante», a qual «corre o perigo de converter-se em ideologia se perde de vista o fim-pensamento».



Ad Reinhardt: «Pintura Abstracta»



Armand Arman: «Glub-glub»

III — EXPANSÃO DA ARTE BALANÇO PROVISÓRIO

Dividida entre as artes de Ambiente (happenings e espaços de agitação), a Arte Pobre e a Arte Conceptual, a parte final do livro debruça-se sobre aspectos que, pelo menos aparentemente, são os mais originais das tendências que se autonomizaram durante a última década e que maiores problemas põem de leitura e interpretação, até porque essa leitura não pode fazer-se em termos de passado, pelo menos na referência aos objectos artísticos tradicionais (escultura, pintura, gravura, etc.) que são os de uma história da arte, também tradicional, que são ainda os objectos aos quais se referem as partes I e II deste trabalho.

Destes dois muito breves resumos resultam evidentes as diferenças entre um panfleto tradicionalista, que tudo parece rejeitar, e uma panorâmica metódica, pensada, servida por uma informação e bibliografia excelentes, que está longe de tudo aceitar, partindo antes da atitude de que tudo merece, pelo menos, atenção e estudo, dado que os significados implícitos de muita produção actual estão bem longe de serem iguais aos que explicitamente se apregoam. No entanto, em trabalhos tão diferentes, e divergentes, algumas coincidências antevejo que poderão servir para uma maior aproximação da produção artística contemporânea. São elas, por exemplo, as referências a um Neoformalismo e ao Consumismo. Uma divergência fundamental também se antevê entre o que Hahler chama Incoerência e o que Marchan designa por Expansão.

A NEO-FORMALISMO: UM NOVO TIPO DE ARTE PELA ARTE?

«Uma tela quadrada (neutra, sem forma), de cinco pés de largo por cinco pés de alto, da altura de um homem e tão larga como os braços estendidos de um homem (nem grande nem pequeno, carente de tamanho), trisseccionado (sem composição) em que uma forma horizontal nega outra forma vertical (sem forma, sem cabeça, sem base, carente de direcção), três cores (mais ou menos) escuras (sem luz) não contrastantes (sem cor); eliminaram-se com o pincel os traços do pincel, uma superfície mate, plana, pintada à mão (sem brilho, sem textura, não linear, sem contornos duros nem contornos suaves) que não reflecte o seu ambiente; uma pintura pura, abstacta, não objectiva, intemporal, inespacial, inalterável, sem relações, desinteressada — um objecto que é autoconsciente (sem inconsciência), ideal, transcendente, preocupado só pela arte (absolutamente não anti-arte». Ao citar esta descrição que Ad Reinhart faz da sua «Pintura Abstrata interessantíssima, pois nela podemos situar não só as origens imediatas do minimal, como da própria arte conceptual de que Reinhardt foi dos principais precursores), acrescenta Hahler, assustado, sem entender o que, para nós em 73, tal texto pode parecer irónico: «não oferece a menor insinuação acerca do que quer dizer com arte». A arte parece ser um processo esvaziado, um **tour de force** para alcançar o ponto zero absoluto (p. 68); daí que no final do volume já não espante uma afirmação como esta: «As experiências das vanguardas nem despertam uma reacção humana nem perseguem uma meta humana. Estabeleceram um novo tipo de **arte pela arte**... carente de qualquer rasgo artístico» (p. 111). E aqui tem Hahler, sem dúvida, alguma razão, que numerosos exemplos tirados de Marchan irão confirmar.

(continua)

1) Erich Kahler. «La Desintegracion de la Forma en las Artes». Siglo Veinteuno Editores, México, 1969. S. Marchan. «Del Arte Objectual al Arte de Concepto», 1960-1972. Comunication Série B, Madrid, 1972. (Curiosamente o preço desta obra passou, de uma semana para a outra, de 75$00 para 85$00 na mesma livraria).

UM GRANDE ALARIDO, PORQUÊ?...

Continuação da pagina dois

dade, acrescenta: « ... condenamos a subleitura habitual que faz de textos literários em sua coluna jornalística».

Em primeiro lugar lisonjeia-me verificar que Basílio Rodrigues é meu leitor habitual. Ele é o que posso dizer o **super leitor crítico** da minha **subleitura crítica**. Por outro lado, quanto ao facto de me castigar com a advertência de que no Brasil ninguém me conhece, desfaço-me em lágrimas, em esmorecimento, para não dizer que também em inveja.

Andava eu na ilusão de que lá sabiam, pelo menos quem tinha sido (ou são) Pedro Álvares Cabaral, António Vieira e o Fernando Luso Soares, e acabo por verificar que não. E através de quem? ... Precisamente de um escritor português radicado no Brasil (o conhecidíssimo Basílio) o qual, como constitui facto notório, encontra-se citado, por exemplo, a páginas **zero** de todos os dicionários de literatura portuguesa, igualmente a páginas **zero** de todos os manuais, de todos os volumes universitários e em todas as páginas **zero** de todos os ensaístas seus devotados discípulos e admiradores, atentos, veneradores e obrigados.

Quanto ao facto de Basílio Rodrigues condenar, no seu plural majestático («condenamos» — disse ele), a minha habitual leitura crítica, respondo que registei esta sua tendência pontifical-excomungante, e que vou passar a preocupar-me muitíssimo com isso.

3) Mas continua a pontificar «universitariamente» (ó pobre universidade!...) mestre Basílio: «... **o verdadeiro escritor** deve substituir a improvisação pelo rigor, ou mesmo o auto didactismo desorientado pelo comportamento universitário».

Ora isto, como resulta à evidência, não está nada mal achado! Talvez vá mesmo propor a quem de direito que em Portugal se proíba, de hoje em diante, o facto de um qualquer se atrever a entrar na arte literária desprovido de diploma. Delícias da civilização técnica, enquanto compreendida por super leitores da estirpe Basílio Rodrigues!... Maravilhas desta concepção, universitadamente basiliana do «**verdadeiro escritor**»!... Até a crítica literária se tornaria então acessível a todos os sub leitores da minha estirpe. Por exemplo: «O livro de poemas em causa é de ordem inferior, o que se compreende já que o seu autor só tirou onze na cadeira de Poesia Lírica».

Adiante, e para acabar depressa, vejamos um último ponto.

4) Escreve assim mestre Basílio Rodrigues, quando à questão que reputa principal: — «... observamos que «apreender relações entre as estruturas sociais e literárias da actualidade portuguesa», ao nível do discurso de ficção, somente poderia explicar a narrativa de estrutura simples, onde o texto remete a uma ideologia, segundo a qual ele se faz. Essa categoria crítica, a única que o Sr. Luso Soares defende e parece conhecer, embora sem fazer uso da sua denominação técnica, jamais explicaria o funcionamento de uma narrativa de estrutura complexa».

Como se vê, Basílio Rodrigues distingue entre **estruturas simples** e **estruturas complexas**, para dizer que só as simples remetem a uma ideologia. Ora isto não é verdade.

Aconselho mestre Basílio a ler, por exemplo, **Le Degré Zério de l'écriture**, de Roland Barthes. Aí se ensina que sempre (mas sempre) toda a forma «escrita», tenha a natureza que tiver, seja qual for o objecto de que tal «escrita» se ocupe, identifica o seu autor numa determinada posição política e intelectual. A este propósito escreveria Eduardo Prado Coelho, a pág XIII do ensaio introdutório da sua antologia sobre o «**Estruturalismo**»: «Falar de angústia e de projecto denuncia uma atitude existencialista, tal como empregar a diferença ontológico-ôntico torna evidente uma influência heideggeriana, ou como usar praxis e super estrutura aponta uma formação marxista».

Que pensar da ignorância que o sr. Basílio Rodrigues revela? E que fazer da sua distinção de estruturas **simples** e **complexas**, se a estrutura é essencialmente um conjunto de elementos — logo, portanto, um complexo?... Então o snr. Basílio nem sequer sabe que, de acordo com o seu carácter de sistema, a estrutura é sempre um complexo de elementos de tal forma combinados que a modificação de um deles implica a modificação de todos os outros?!...

Como o leitor se recordará, foi a partir desta distinção conceitual, **que eu considero de todo destituída**, que o snr. Basílio Rodrigues me lançou um repto. Uma patusca ideia de três perguntas dele contra três perguntas minhas, para o público ajuizar sobre qual dos dois responderia melhor. Sem se saber sequer qual seria o conteúdo mais ou menos extenso das minhas perguntas, o snr. Basílio acha que tudo estaria certo, **distributivamente certo**, no toma-lá dá-cá de um empate numérico de **três** a **três**.

Recuso-me, portanto, a participar numa farsa destas — para não classificar antes o convite-desafio do snr. Basílio Rodrigues como uma impagável parvoíce.